

# João Calvino

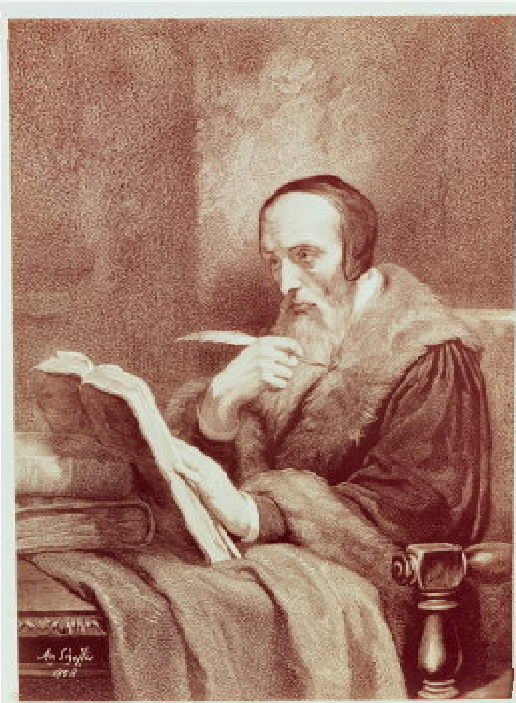


COMENTÁRIO SOBRE

*Joel*

**M**

# JOEL



## *Comentário de João Calvino*

BASEADO NA TRADUÇÃO INGLESA DE JOHN OWEN FEITA A PARTIR  
DO ORIGINAL EM LATIM

Retirado e traduzido da primeira versão inglesa de 1846:

***Commentaries on the Twelve Minor Prophets. Volume Second: Joel, Amos, Obadiah***

Tradução para o português: Vanderson Moura da Silva

Revisão e Edição: Felipe Sabino de Araújo Neto

Capa: Raniere Menezes

Primeira edição em português: Julho/2008

“Depois da leitura da Escritura, a qual ensino, inculcando tenazmente, mais do que qualquer uma outra... Eu recomendo que os Comentários de Calvino sejam lidos... Pois afirmo que, na interpretação das Escrituras, Calvino é incomparável, e que seus Comentários são para se dar maior valor do que qualquer outra coisa que nos é legada nos escritos dos Pais — tanto que admito ter ele um certo espírito de profecia, em que se distingue acima dos outros, acima da maioria, de fato, acima de todos”.

Jacobus Arminius (1560-1609)

# SUMÁRIO

|                             |     |
|-----------------------------|-----|
| PALAVRA DO EDITOR           | 6   |
| PREFÁCIO À TRADUÇÃO INGLESA | 7   |
| PREFÁCIO À VERSÃO INGLESA   | 11  |
| PREFÁCIO DE CALVINO A JOEL  | 13  |
| CAPÍTULO 1                  | 14  |
| CAPÍTULO 2                  | 32  |
| CAPÍTULO 3                  | 77  |
| APÊNDICES A JOEL            | 97  |
| ÍNDICES                     | 104 |
| ANEXO 1                     | 108 |

## PALAVRA DO EDITOR

Após a publicação do *Comentário sobre Oséias*, esse é o segundo comentário do Reformador João Calvino que o [Monergismo.com](http://Monergismo.com) disponibiliza aos seus leitores. É mais um espaço preenchido na grande lacuna que temos, a saber, a falta de bons e profundos comentários em português sobre a Bíblia, principalmente o Antigo Testamento.

Quanto ao autor da obra em apreço, Jean Chauvin (ou *Cauvin*), conhecido entre nós como João Calvino, resolvi incluir como anexo um pequeno texto do dr. Lloyd-Jones, à guisa de nota biográfica.

Minha gratidão ao irmão Vanderson Moura da Silva, tradutor desse livro, que expressou seu desejo de traduzir todos os comentários de Mestre Calvino sobre os Profetas Menores. Que Deus o abençoe nessa empreitada, para a glória do Seu nome!

Que não poucos possam ser abençoados com a leitura desse livro, não só nos nossos dias, mas nas gerações futuras também.

Felipe Sabino de Araújo Neto  
Brasília, julho de 2008

# PREFÁCIO À TRADUÇÃO INGLESA

Este volume contém os Escritos de três Profetas. Joel desempenhou seu ofício entre os judeus; Amós, ainda que nativo da Judéia, todavia, foi designado Profeta das Dez Tribos; e a profecia de Obadias refere-se apenas a Edom.

O grande mestre da crítica hebraica, o Bispo Lowth, ao falar de Joel, em sua vigésima-primeira Conferência, diz que, ainda que ele se distinga muito do estilo de Oséias, todavia, é “igualmente poético”. Ele o representa como “elegante, claro, prolixo, fluente e também mui sublime, severo e ardente”. Admitindo a perspicácia de sua dicção e a clareza de seus arranjos, ele ainda confessa que a matéria que ele maneja é por vezes obscura, particularmente para com a finalidade de sua Profecia.

Com respeito ao estilo de Amós, o Bispo diverge grandemente de Jerônimo, o qual caracterizou o Profeta como “inábil na fala, mas não no conhecimento”, (*imperitum sermone, set non in scientia*.) Lowth, contrariamente, considerava-o como “nem um pouquinho atrás dos próprios Profetas maiores, sendo, em elevação de sentimento e nobreza de pensamento, quase igual aos primeiros e dificilmente inferior a qualquer um deles em esplendor de estilo e elegância de composição.”

De Obadias nada mais é dito pelo Bispo senão que aquele deixou um pequeno monumento de seu gênio, e que uma porção considerável desse está contida na profecia de Jeremias. De sua composição o dr. Henderson diz: “Suas principais características são animação, regularidade e perspicácia”.

Há um assunto em especial ligado com o presente Volume o qual parece demandar observação particular — A interpretação daquelas profecias que falam da restauração futura dos judeus à sua terra. Calvino considerava algumas passagens como já tendo sido cumpridas no retorno deles da Babilônia, o qual, na avaliação de outros, ainda estão para se cumprir; enquanto ele interpretava aquelas que, obviamente aludem ao futuro, de uma maneira tal que claramente revela que ele não acreditava que os judeus devessem ser restabelecidos outra vez ao país deles. Para que façamos justiça a ele temos que conhecer e ter em mente os princípios pelos quais ele foi guiado: pois não se deve supor que alguém tão versado em Escritura, que a estudara com mui grande labor e manifestara, como geralmente se admite, mui grande penetração e discernimento como expositor, teria aceitado tal opinião sobre esse assunto sobre bases débeis, sem adotar uma regra de interpretação, a qual, em consonância com o que ele pensava, era aprovada por exemplos escriturísticos.

Deve primeiramente ser observado que Calvino, em comum com outros, considerava tanto a história quanto as instituições do povo de Israel, em grande medida, típicas das coisas sob o Evangelho. Os males, bênçãos, opressões e livramentos temporais daquele foram intentados para expor o estado espiritual e a condição da Igreja Cristã. A livre escolha do povo por Deus, a servidão egípcia, a passagem através do deserto e a posse da terra de Canaã por aquele foram eventos simbólicos de coisas conectadas

---

\* — Pastorem nostrum μηδεν ὑστερηκεναι των ὑπερ λιν προφητων; ut sensuum elatione et magnificentia spiritus prope summis parem, ita etiam dictionis splendore et composititoni elegancia vix quoquam inferioreum. — Lowth, *Prael.* xxi. (N. do E. inglês.)

com aquela comunidade espiritual, formada depois pela pregação do Evangelho; e da mesma natureza foi o subsequente cativeiro daquele povo em Babilônia e sua posterior restauração à própria terra.

A próxima coisa a ser observada é que as Promessas de Bênçãos feitas ao povo de Israel possuíam, em alguns casos, um sentido duplo, e faziam referência a duas coisas — uma temporal e outra espiritual. A restauração da Babilônia, por exemplo, foi um prelúdio da restauração ou redenção por Cristo. Não somente foi típica, mas uma espécie de processo inicial, o qual devia ser completado, ainda que em um sentido mais sublime, pelo Salvador do homem. A primeira foi uma restauração de males temporais; a segunda foi ainda uma restauração, mas de males de tipo espiritual. O cumprimento da promessa, em um caso, era o começo de uma obra restauradora, que devia ser completada na outra: a restauração temporal era finalmente sucedida pela espiritual.

Mas o grande detalhe na interpretação das Profecias é a linguagem usada: compreender tais formas de linguagem com exatidão é a principal dificuldade. Há Promessas que, como admitido por Calvino, miram para além da restauração da Babilônia; e são exprimidas em termos os quais, se tomados literalmente, com a maior evidência mostrarão que deve haver uma segunda restauração. O que há, pode-se perguntar, que possa justificar um afastamento da letra das promessas? Esta é a questão principal, sobre a qual a matéria inteira depende. É óbvio que Calvino achava que o sentido literal não podia ser adotado, visto como seria incongruente com a característica geral das antigas profecias; pois ele considerava que muitas das profecias que se relacionam com a Igreja do Novo Testamento foram transmitidas em uma linguagem aplicável às instituições então existentes e coerente com as concepções então predominantes quanto à religião e ao culto divino. Sendo assim, do Templo, do Monte Sião, dos sacrifícios, das ofertas, dos sacerdotes, bem como da restauração do povo à sua própria terra e de seu perpétuo estabelecimento nela, amiúde se fala naquelas promessas mesmas que incontestavelmente se referem à dispensação do Evangelho. Ora, se, em alguns casos, como confessado pela maioria, se não por todos, a linguagem não deve ser entendida literalmente, mas como representativa do sucesso, da extensão e das bênçãos do Evangelho, porque ela o deve ser em outros casos similares? A posse da terra de Canaã foi para o povo de Israel uma de suas principais bênçãos e um símbolo sinalizador do favor divino. O exílio dela foi não só uma perda temporal, mas também envolveu a perda de todos os privilégios religiosos daquele. Logo, nada podia ter transmitido à sua mente uma idéia mais alta de redenção do que a promessa de restauração à própria terra e posse perpétua dessa.

O supracitado parece ter sido a teoria pela qual Calvino foi guiado em sua interpretação: e seja permitido ao Editor expressar sua concordância, conquanto esteja totalmente ciente de que tem havido e ainda há muitos homens célebres de opinião contrária.

Há outra idéia que Calvino apresenta em conexão com esse assunto. Ele considerava AS PROMESSAS feitas em alguns casos pelos Profetas quanto à futura prosperidade de Israel e a perpetuidade de suas instituições e privilégios como CONDICIONAIS, mesmo quando condição nenhuma é expressa. Exemplos do mesmo tipo devem ser achados nos escritos de Moisés e dos Profetas mais antigos. Promessas de perpetuação são feitas (como, por exemplo, no tocante ao sacerdócio), muitas vezes desacompanhadas de quaisquer condições; no entanto, eram condicionais, como o provaram os acontecimentos, e em conformidade com o teor do concerto debaixo do qual viviam os israelitas. A



mesma posição também pode ser adotada quanto a promessas semelhantes encontradas nos Profetas mais recentes, isto é, as do tipo que traziam em si um caráter nacional: foram elas anunciadas incondicionalmente, mas, como incluíam bênçãos que pertenciam ao povo enquanto sujeito ao concerto mosaico, eram necessariamente condicionais, dependentes, para o seu cumprimento, da obediência daquele. Em vista disso, Jeremias (que havia ele mesmo anunciado promessas dessa espécie) diz que viria o tempo em que Deus estabeleceria outro pacto; e por esta razão: porque o povo de Israel quebrara o pacto anterior.

O Editor sente ser seu dever dizer sobre as Exposições de Calvino em geral que, quanto mais ponderadamente reflete sobre elas, depois de tê-las comparado com as de outros, tanto modernas quanto antigas, mais satisfeito e admirado fica com a perspicácia e discernimento sólido que elas exibem. Talvez nenhum indivíduo, possuidor de suas altas qualificações, naturais, adquiridas e espirituais tenha, seja em épocas remotas ou modernas, se exercitado tanto no estudo das Sagradas Escrituras, produzindo Comentários tão originais e valiosos.

O que é extraordinário em Calvino como Expositor é sua invariável atenção ao contexto. Este era a sua estrela polar, a qual o capacitava a seguir seu rumo desimpedido e incólume através das muitas complexidades e ambigüidades até a acepção de palavras em particular e mesmo de frases. O primeiro objetivo dele parece ter sido averiguar a significação geral de uma passagem ou de um capítulo e, em seguida, conciliar suas várias partes. Há muitas palavras que possuem vários sentidos, e a maneira mais segura de averiguar o sentido delas em uma dada frase é inquirir sobre o que se harmoniza com o contexto. Não há, de fato, nenhum outro modo pelo qual possamos fazer uma escolha quando uma palavra admite sentidos distintos. Provavelmente nenhum Comentarista jamais tenha prestado tanta atenção a este cânone de interpretação como Calvino o fez. O fundamento sobre o qual ele quase sempre rejeita um sentido dado por outros a palavras ou frase é que ele não se ajusta ao ponto, ou, para adotar uma expressão que ele emprega com freqüência, que não se enquadra (*non quadrat*) com a passagem.

Tem-se julgado amiúde que a maior dificuldade que acompanha a língua hebraica em relação a outras se deve à variedade de significados pertencentes a algumas de suas palavras. Mas tal variedade existe bastante, e deveras muito mais, em muitas outras línguas, e até na nossa. O que nos habilita, em inúmeros casos, a apurar o sentido de uma palavra, e até de uma frase muitas vezes, é o que está ligado com ela, ou seja, o contexto. É o que vem antes e depois, não somente em uma frase, mas, freqüentemente, em uma passagem longa, que explana o significado preciso de muitas palavras. Transferir o sentido de uma palavra de uma passagem para outra passagem, dizendo que, porque aquela tem certo sentido em um lugar deve ter o mesmo noutro (a não ser que a palavra só possua uma acepção) decerto não é a maneira de explicar as Escrituras ou qualquer outra escrita. Nesse sentido, o melhor expositor é sem dúvida o contexto.

É bem sabido que tais Dissertações foram proferidas *extempore*, anotadas por alguns daqueles que as ouviram; e temo-las agora da forma com que foram escritas e posteriormente corrigidas por Calvino. Tal circunstância explica as deficiências de ordem e ocasionais repetições. Contudo, tais inconvenientes parecem ter sido mais do que compensados pelo frescor, vigor, vida e vivacidade com que essa espontânea efusão da mente dele exhibe. Em nenhum de seus outros escritos, tal como parece ao Editor,

Calvino resplandeceu com tanto lustro como Expositor apto, claro, sóbrio e vivaz como nestas Dissertações. Há um fluxo e uma energia neles que não se acham igualados naquelas produções que compôs em particular, concluídas com atenção mais cuidadosa à ordem e ao estilo. Quando a mente possui uma boa quantidade de coisa guardada e a memória é boa, como se dava com Calvino em grau invulgar, normalmente resulta em que um auditório público chame à ação todos os poderes mentais; e, como é freqüente nesse caso, a consequência é que os pensamentos mais excelentes e admiráveis são descobertos, e expressos em uma linguagem a mais dinâmica, calculada para produzir as mais profundas impressões.

*J.O.*

*Thrussington, novembro de 1846.*

## PREFÁCIO À VERSÃO INGLESA<sup>†</sup>

O leitor desacostumado aos comentários do Velho Testamento feitos por Calvino pode surpreender-se ao abrir este livro e encontrar uma série de preleções. Na verdade, a partir de 1555, todas as suas preleções sobre o Velho Testamento foram gravadas textualmente por um grupo de três estenógrafos e impressas imediatamente (erros óbvios eram corrigidos quando se lia para Calvino o texto no dia seguinte). Conseqüentemente, todos os seus comentários sobre os profetas, exceto Isaías, consistem em sermões direcionados a alunos em treinamento para o trabalho missionário, principalmente na França. Além desses estudantes, havia um grupo de ouvintes mais velhos – ministros de Genebra e vilarejos circunvizinhos, por exemplo, e refugiados com um pouco mais de instrução.

Seria de grande ajuda se explicássemos mais a fundo esta breve afirmativa, para que o leitor saiba como melhor abordar a obra de Calvino.

Em primeiro lugar, temos gravações textuais das preleções, quase não editadas (o ‘quase’ será em breve explicado), com várias divagações acidentais, além de familiaridades e repetições. Isso significa que devemos lê-las com um certo grau de indulgência, bem como pelo exercício de imaginação.

Com indulgência, para que não esperemos o estilo preciso e cuidadoso das *Institutas*. Qualquer pessoa discursando extemporaneamente, não importa o vigor de seu intelecto e seu domínio sobre os vocábulos, está sujeita a repetir-se e até, de vez em quando, a usar uma construção de palavras que fatalmente causará problemas sintáticos no final da sentença. Não há poucas repetições, e ocasionalmente ocorre obscuridade de expressões.

A imaginação é também indispensável para esta leitura. Que o leitor se imagine dentro de um auditório lotado, principalmente de estudantes adolescentes. Eles estarão diligentemente tomando nota do que está sendo exposto pelo Sr. Calvino. Com frequência, seus rostos erguidos registram sua incompreensão. O palestrante observa a falta de entendimento e repete o já expresso em outras palavras. Aqui e ali, os estudantes falham em compreender o latim, então Calvino repete tudo em francês.

Um importante aspecto a ser notado é que Calvino não só não utilizava anotações e ditava suas palestras, como também traduzia de improviso o texto bíblico do hebraico (e aramaico). Este fato explica as variedades de traduções da mesma palavra ou frase que encontramos em seus comentários. Também explica as freqüentes glosas do texto (as quais colocamos entre colchetes e imprimimos em caracteres romanos para diferenciá-las dos textos bíblicos em itálico). Em preparo para a palestra expositiva de Calvino, os alunos tinham uma aula de hebraico justamente sobre a passagem bíblica em questão.

Outra conseqüência deste aspecto é que, quando Calvino se serve de uma palavra hebraica, temos a oportunidade de verificar sua pronúncia hebraica (e, talvez, a pronúncia do século dezesseis em geral). Porque os registros são literais, as palavras hebraicas estão registradas tal como os escribas as ouviram, segundo a própria pronúncia de Calvino. Os escribas registravam essas palavras, não em seus caracteres hebraicos, mas com transcrições ou transliterações do alfabeto latino. Os caracteres hebraicos foram adicionados pelo editor (e essa é a qualificação feita anteriormente). É por essa razão que mantivemos as transcrições assim como foram registradas pelos escribas, com base na pronúncia de Calvino, e evitamos o refinamento desnecessário de apresentá-las também em suas formas modernas.

O teor das preleções pode ser visto de várias formas (e aqui nenhuma indulgência é necessária!). Podemos estudá-las como exemplos do estilo e método de palestras do século dezesseis. Estes estudos

---

<sup>†</sup> Por julgar instrutivo, retiramos esse prefácio do comentário de Calvino sobre Daniel, volume 1, publicado pela Edições Paracletos, tradução de Valter Graciano Martins. (N. do E. português.)

sobre Daniel foram, de início, reconhecidos como incomuns; “em geral, mais como preleções de história do que exposições sobre as Escrituras” foi como um ouvinte os descreveu, e os editores de *Corpus Reformatorum*, no século dezenove, até hesitaram em incluí-los em suas publicações, pois não combinavam com a concepção moderna de um comentário. Outrossim, um historiador da França verá que estes estudos se mostram continuamente relevantes aos primórdios das guerras religiosas francesas. Ainda, o estudioso de Calvino e de sua teologia poderá ler seus comentários visando a chegar a um novo entendimento sobre a própria vida e pensamentos do escritor.

*T. H. L. Parker*

## PREFÁCIO DE CALVINO A JOEL

Começo agora a interpretar o Profeta Joel. O tempo no qual ele profetizou é incerto. Alguns dentre os judeus imaginam que ele exerceu seu ofício na época de Jorão, rei de Israel, porque uma terrível fome grassou então por toda a terra, como é manifesto pela História Sagrada; e, como o Profeta registra uma fome, supõem que o ministério dele deva ser atribuído àquele tempo. Pensam alguns que ele ensinou sob Manassés, mas não aduzem motivos para tal opinião; por conseguinte, é mera conjectura. Julgam outros que ele desempenhou seu ofício de mestre não somente debaixo de um rei, mas que ensinou simultaneamente a Isaías, sob diversos reis.

Mas, como não há certeza, é melhor deixar em aberto o período no qual ele ensinou; e, como veremos, isso não é de grande importância. Não conhecer o tempo de Oséias seria uma grande perda para os leitores, pois há muitas partes que não poderiam ser explanadas sem um conhecimento da história; mas, quanto a Joel, há, como eu disse, menos necessidade disso; pois a implicação de sua doutrina é patente, apesar de sua época estar obscura e incerta. Porém, podemos concluir que ele ensinava em Jerusalém, ou pelo menos no reino de Judá. Assim como Oséias foi designado Profeta para o reino de Israel, também Joel teve outra designação; pois teve que labutar especialmente entre os judeus, não entre as Dez Tribos: isso merece ser particularmente observado.

Ora, o resumo do Livro é este: No princípio, ele censura a estupidez do povo, o qual, apesar de severamente castigado por Deus, não sentiu seus males, mas, ao invés disso, endureceu-se debaixo deles: isso é uma coisa. Depois, ele ameaça com males muito mais dolorosos; como o povo ficou tão insensível debaixo de todos os castigos que não se humilhou, o Profeta declara que havia males próximos muito piores do que aqueles que até aqui haviam experimentado: essa é a segunda coisa. Terceiro, exorta o povo ao arrependimento, mostrando que havia requerido invulgar evidência de penitência; pois o povo não ofendera a Deus de forma ligeira, mas, por sua perversidade, provocara a esse para que lhe trouxesse ruína total: então, dado que sua obstinação havia sido tão grande, ordena-lhes que vão como suplicantes em lágrimas, com roupa de saco, com luto, com cinzas, para que pudessem lograr misericórdia; pois eram indignos de serem considerados pelo Senhor, a não ser que se humilhassem de forma submissa: esse é o terceiro tópico. A quarta parte do Livro ocupa-se de promessas; pois ele profetiza sobre o Reino de Cristo, revelando que, ainda que tudo agora desse a impressão de ser desesperador, todavia, Deus não se tinha olvidado do concerto que fizera com os pais; e que, portanto, Cristo viria para reunir os remanescentes dispersos, sim, e para restaurar à vida seu povo, conquanto este ora estivesse perdido e morto.

Esse é o resumo e a essência. Mas veremos, à medida que prosseguirmos, que os capítulos foram absurda e tolamente divididos. Ele inicia desta maneira —

# CAPÍTULO 1

## TRIGÉSIMA-OITAVA DISSERTAÇÃO

### Joel 1.1-4

1. Oráculo do Senhor que veio a Joel, filho de Petuel.

2. Ouvi isto, anciãos, e atentai vós, todos os habitantes da terra! Aconteceu isto em vossos dias? Ou nos dias de vossos pais?

3. Contai a vossos filhos, vossos filhos, a seus filhos, e estes à próxima geração!

4. O que o gafanhoto cortador deixou, o gafanhoto peregrino comeu; o que o gafanhoto peregrino deixou, o gafanhoto devastador comeu; o que o gafanhoto devastador deixou, o gafanhoto devorador comeu.<sup>3</sup>

1. Verbum Jehovae quod fuit ad Joel, filium Pethuel.

2. Audite hoc senes, et auscultate omnes incolae terrae, an fuerit hoc diebus vestris, et si diebus patrum vestrorum.

3. Super hoc filiis vestris narrate, et filii vestri filiis suis, et filii ipsorum generationi posterae.

4. Residuum locustae comedit (est alia species) bruchus (ita ponamus, quoniam non possumus certo scire quanam fuerint istae species) et residuum bruchi comedit locusta et residuum locustae comedit eruca (alii primo loco ponunt Erucam, est proprie chenille, et puto potius esse hoc posterius. Picardi vocant casee, quasi חסיל: verisimile est deductum fuisse nomen illud vulgare ab Hebraeis, quia est fere idem: sed tamen ego non anxie sudo in istis nominibus, quia de sensu Prophetarum satis constabit. Nunc venio ad inscriptionem libri.)

*A palavra de Jeová que veio a Joel, o filho de Petuel.* Ele aqui indica o nome de seu pai; por isso, é provável que esse fosse um homem bem conhecido e de certa notoriedade. Porém, quem esse Petuel foi, todos hoje em dia ignoramos. E o que os hebreus sustentam como regra geral — que um profeta é especificado, sempre que o nome de seu pai é acrescido — parece-me frívolo; e vemos quão ousados são eles em inventar tais explicações. Quando nenhuma razão para algo lhes surge, inventam alguma fábula, asseverando ser verdade divina. Portanto, considerando que é do seu hábito brincarem assim, não tenho respeito algum pelo que é por eles estimado como regra. No entanto, é provável que, quando os Profetas são mencionados como havendo procedido desse ou daquele pai, este seja homem de alguma reputação.

Ora, o que ele declarou, dizendo que entregava a palavra do Senhor, merece ser observado: pois revela que nada reivindicava para si, enquanto indivíduo, como se desejasse governar por seu próprio juízo, submetendo os outros a seus caprichos, mas que relata somente o que recebera do Senhor. E, visto que os Profetas não reclamavam autoridade alguma para si próprios, apenas que fielmente executavam o mister divinamente incumbido a eles, e entregavam, por assim dizer, de mão para mão o que o Senhor ordenava, podemos, destarte, ficar assegurados de que nenhuma doutrina humana deve ser admitida na Igreja. Por quê? Porque, quanto mais os homens confiam em si próprios, mais roubam da autoridade de

<sup>3</sup> No particularmente difícil versículo quatro optamos por reproduzir a tradução oferecida pela Nova Versão Internacional, por entendermos ser, se não a mais fiel, pelo menos a de mais fácil compreensão ao leitor comum. A dificuldade para se verter o trecho é evidenciada pelo fato de os editores da própria Bíblia de Jerusalém, numa medida extrema, optarem pela mera transliteração de três dos quatro termos hebraicos, apenas com “gafanhoto” em vernáculo. (N. do T.)

Deus. Esse prefácio deve pois ser notado, o qual quase todos os Profetas usam, a saber, que nada traziam de moto próprio ou segundo a própria opinião deles, mas que eram fiéis despenseiros da verdade a eles confiada por Deus.

E diz-se ter sido a palavra para Joel: não que Deus pretendesse que apenas aquele fosse seu discípulo, mas porque depositava esse tesouro com ele, para que fosse seu ministro ao povo todo. Paulo também fala a mesma coisa — que aos ministros do Evangelho foi confiada por Cristo a mensagem, ou em nome de Cristo, para reconciliar os homens a Deus, (2.<sup>a</sup> aos Coríntios 5.20); e, em outra parte, ele diz: ‘Ele depositou conosco tal tesouro, como em vasos terrenos’, (2.<sup>a</sup> aos Coríntios 4.7). Compreendemos agora por que Joel diz que a palavra do Senhor foi entregue a ele, não que fosse ele o único discípulo; mas, como era necessário um mestre, Joel, a quem o Senhor entregou tal ofício, foi escolhido. Então, deveras a palavra de Deus diz respeito a todos, indiscriminadamente; no entanto, é delegada aos Profetas e a outros mestres; pois são eles, por assim dizer, depositários (*depositarij*).

Quanto ao verbo **הָיָה**, *hayah*, não há necessidade de filosofar de forma tão sagaz quanto Jerônimo: “Como foi o verbo do Senhor feito?” Pois temia ele que se dissesse que Cristo foi criado, visto ser esse o verbo do Senhor. Isto é insignificância das mais pueris. Contudo, não pôde ele de outro jeito livrar-se da dificuldade senão dizendo que se fala da palavra sendo criada com respeito ao homem a quem Deus se dirige, e não com respeito ao próprio Deus. Tudo isso, como provavelmente vós percebeis, é infantil, pois o Profeta apenas diz aqui que a palavra do Senhor foi-lhe enviada, ou seja, que o Senhor empregou-o como mensageiro dele a todo o povo. Mas, após haver revelado que era um apto ministro de Deus, estando equipado com a palavra divina, fala de forma autorizada, pois representava ele a pessoa de Deus.

Vemos agora qual a autoridade legal que deve vigorar na Igreja, qual a que devemos obedecer sem discussão, qual a que devemos nos submeter. Então, essa autoridade só existe quando Deus mesmo fala pelos homens e o Espírito Santo os emprega como seus instrumentos. Pois o Profeta não apresenta nenhum título oco; ele não diz que é sumo sacerdote da tribo de Levi, da primeira ordem, ou da família de Aarão. Ele não afirma coisa tal, mas diz que a palavra de Deus foi-lhe depositada. Então, quem quer que exija ser ouvido na Igreja, tem que forçosamente provar que é verdadeiramente um pregador da palavra de Deus; e não deve trazer suas próprias invenções, nem misturar coisa alguma que provenha do parecer de sua carne com a palavra.

Contudo, o Profeta vitupera os judeus por serem tão estúpidos a ponto de não considerarem que eram castigados pela mão de Deus, conquanto isso fosse bem patente. Sendo assim, em minha opinião, deturpam o sentido dado pelo Profeta aqueles que acham que os castigos que são aqui anunciados estavam, até então, suspensos; pois transferem tudo para um período futuro.<sup>4</sup> Todavia, faço distinção entre essa reprimenda e as denúncias que vêm em seguida. Aqui, pois, o Profeta censura os judeus, que, havendo sido tão severamente castigados, não ganharam sabedoria; no entanto, até os tolos, quando a chibata é aplicada às suas costas, sabem que são punidos. Então, dado que os judeus eram tão estúpidos que, mesmo quando castigados não percebiam que tinham de se conciliar com Deus, com justiça o

---

<sup>4</sup> Como em outros de seus escritos, vemos que Calvino tomou nesse comentário uma posição preterista sobre passagens que hoje em dia são tomadas como se referindo aos supostos “últimos dias”. Dessa forma, é estranho que até mesmo Reformados acusem os preteristas de heresia por crerem que muitas das passagens chamadas escatológicas já tiveram o seu cumprimento. (N. do E. português.)

Profeta condena tal loucura. “Ouvī”, diz, “vós, velhos; dai ouvido, todos vós, habitantes da terra, e declarai isto a vossos filhos”. Porém, a reflexão sobre essa passagem, adiarei para amanhã.

## ORAÇÃO

*Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto como quase o mundo inteiro afrouxa de modo tal as rédeas à licenciosidade que não hesita em desprezar ou considerar como de valor nenhum a tua sagrada palavra — Permita, ó Senhor, que mantenhamos reverência tal como a justamente devida a ela e a teus santos oráculos e sejamos assim movidos sempre que tu te dignares a te dirigir a nós, para que, estando devidamente humilhados, sejamos por fé alçados ao céu, e paulatinamente, por esperança, alcancemos aquela glória que até agora nos está oculta. E, ao mesmo tempo, de modo submisso, refreemo-nos para que façamos sabedoria nossa obedecer a ti e a realizar o teu serviço, até que nos recolhas em teu reino, onde seremos participantes de tua glória, mediante Cristo nosso Senhor. Amém.*



## TRIGÉSIMA-NONA DISSERTAÇÃO

*Ouvi isto vós, velhos; e dai ouvidos vós, todos os habitantes da terra: aconteceu isso em vossos dias e nos dias de vossos pais? Declarai isto a vossos filhos e vossos filhos, aos filhos deles, e os filhos deles, à próxima geração: o resquício da locusta, o besouro comeu, e o resíduo do besouro, a lagarta comeu, e o resto da lagarta, a larva comeu.*<sup>5</sup> Já mencionei, na última Dissertação, o que penso dessa passagem do Profeta. Imaginam alguns que uma punição futura é anunciada; mas o contexto prova suficientemente que se equivocam e deturpam o real sentido dado pelo Profeta; pois, ao contrário, ele aqui acusa a dureza do povo, que não sentia as pragas. E, como os homens não são facilmente movidos pelos juízos de Deus, o Profeta declara aqui que Deus havia executado uma vingança tal que não podia ser considerada senão como milagrosa; como se dissesse: “Deus freqüentemente castiga os homens, e convém que esses fiquem atentos assim que ele ergue seu dedo. Mas costuma-se não atentar aos castigos ordinários; os homens logo se esquecem daquelas punições às quais estão habituados. Entretanto, Deus tem-vos tratado de uma maneira incomum, havendo, por assim dizer, francamente estendido sua mão desde o céu e sobre vós trazido castigos nada menos do que prodigiosos. Deveis pois ser mais do que estúpidos se não percebeis que sois golpeados pela mão de Deus.” Eis o genuíno sentido dado pelo Profeta, sentido que pode ser facilmente inferido das palavras.

*Ouvi vós, velhos, diz.* Ele se dirige expressamente aos velhos, pois que a experiência muito ensina aos homens; e aqueles, quando vêem algo novo ou incomum, devem conhecer que não está isso em consonância com o curso ordinário das coisas. Aquele que já passou dos seus cinqüenta ou sessenta anos e vê alguma coisa nova acontecendo da qual nunca havia pensado, sem dúvida reconhece-a como a singular obra de Deus. Eis a razão por que o Profeta aqui dirige seu discurso aos velhos; como se dissesse: “Eu não vos apavorarei acerca de coisa alguma; mas que os velhos ouçam, aqueles que há muitos anos se têm acostumado a muitas revoluções; que eles ora me respondam se, em toda a vida deles, a qual tem passado sobre a terra, viram semelhante coisa”. Percebemos agora o desígnio do Profeta; pois tencionava esse despertar os judeus para que compreendessem que Deus estendera do céu sua mão, e que era impossível atribuir o que tinham visto por si mesmos ao acaso ou a causas terrenas, mas que era um milagre. E o objetivo dele era fazer os judeus, por fim, envergonharem-se da loucura deles em não terem atentado até então às punições de Deus e em haverem sempre se lisonjeado, como se Deus dormisse no céu, quando, todavia, tão violentamente atroava contra eles, pretendendo, com um extraordinário modo de agir, que eles finalmente percebessem que eram citados para o juízo.

Em seguida, acrescenta: *E todos os moradores da terra.* Houvesse o Profeta se dirigido somente aos idosos, alguns poderiam se agarrar a algum pretexto para a sua ignorância; daí ele se dirigir do menor ao maior; e fez isso para que os jovens não pudessem se eximir da culpa de procederem em sua

---

<sup>5</sup> Todos esses são diferentes tipos de locustas. Em hebraico há dez nomes para elas, provavelmente designativos de muitíssimas espécies. Há quatro aqui: גִּזְמִי, *gazam*, a locusta nova; אֲרֵבָה, *‘arbeh*, assim denominada por seu número um sobre a asa; יֵלֶק, *yeleg*, uma da espécie peluda cerdada; e חֲסִיל, *chasil*, uma ainda sem asas. Seguindo o provável sentido ideal das palavras, damos-lhes esses nomes: o *cortador*, o *multiplicador*, o *lambedor* e o *devorador*. (N. do E. inglês.)

obstinação, zombando assim de Deus quando esse os chamava ao arrependimento. *Ouvi*, diz, *todos vós, moradores da terra; aconteceu isso em vossos dias ou nos dias de vossos pais?* Primeiro, ele diz uma semelhante coisa em vossos dias, pois indubitavelmente o que ocorre raramente merece maior consideração. É de fato verdade que os tolos são cegos às obras diárias de Deus; visto que na mercê dele de fazer o seu sol se levantar todo dia meditamos apenas um pouco. Isso se dá devido à nossa ingratidão; porém, nossa ingratidão fica dobrada e muito mais vil e inescusável quando o Senhor opera de uma maneira incomum e nós, todavia, de olhos fechados, negligenciamos o que deve ser considerado milagre. Tal estupidez o Profeta ora condena: “Semelhante coisa”, diz ele, “aconteceu em vossos dias, ou nos dias de vossos pais? Podeis trazer à memória o que vossos pais vos contaram. É certo que por duas gerações coisa alguma tal se sucedeu. Vossa torpeza é pois extrema, visto que menosprezais esse julgamento divino, o qual, por sua própria raridade, devia ter despertado vossas mentes”.

Ele em seguida adiciona: *Relate-o a vossos filhos; vossos filhos, aos filhos deles; os filhos deles, à geração seguinte*. Neste versículo o Profeta revela que o assunto merece ser lembrado, e não era para ser desprezado pela posteridade, até para muitas gerações. Torna-se bem claro agora que o Profeta não ameaça o que era para ser, como julgam alguns intérpretes: teria sido pueril; mas, ao invés disso, ele aqui alterca com os judeus, pois que eles eram tão preguiçosos e morosos em considerarem os juízos de Deus; especialmente que era um caso notável quando Deus empregava meios não usuais, mas concitava e, por assim dizer, aterrorizava os homens com prodígios. *Disso então falai*: pois **עליה**, *‘aleyha*, não denota outra coisa que não ‘contar ou declarar essa coisa a vossos filhos’; e mais, *vossos filhos aos filhos deles*. Quando algo novo acontece, pode ser que, de início, sejamos movidos por algum espanto; contudo, nosso sentimento logo se desvanece com a novidade, e fazemos pouco caso do que no princípio nos causou grande assombro. Mas o Profeta mostrou aqui que isso era o julgamento divino de que fala, do qual não se devia ter feito vista grossa, não, nem mesmo pela posteridade. *Que vossos filhos*, diz ele, *declarem-no* àqueles depois deles, e esses, à quarta geração: isso devia ser sempre recordado.

Ele acrescenta do que consistia o juízo— que a esperança deles de alimento havia por muitos anos sido frustrada. Amiúde ocorria, sabemos, de as locustas devorarem o trigo já crescido; e os besouros e lagartas faziam o mesmo: esses eram eventos ordinários. Porém, quando uma devastação se sucedia e outra se seguia, sem haver fim; quando houvera quatro anos estéreis, produzidos repentinamente por insetos que devoraram a vegetação da terra, seguramente isto não era habitual. Por conseguinte, o Profeta diz que tal não podia ter sido por acaso; pois Deus tencionava exhibir aos judeus algum portento extraordinário, para que, mesmo contra a vontade deles, observassem a sua mão. Quando alguma coisa insignificante acontece, se for rara, chamará a atenção dos homens; pois freqüentemente vemos que o mundo faz uma grande barafunda acerca de frivolidades. Mas é de se admirar, diz o Profeta, “que isso não haja produzido efeito sobre vós. O que então fareis, posto que estais famintos, e as causas são evidentes; pois Deus amaldiçoou a vossa terra, trazendo esses insetos, os quais consumiram vosso mantimento diante de vossos olhos. Visto ser assim, certamente é o tempo de vós vos arrependerdes; mas até aqui tendes estado mui descuidados, tendo ignorado os juízos divinos, os quais são tão fenomenais e memoráveis”. Prossigamos agora.

## Joel 1.5

5. Acordai, ébrios, e chorai; lamentai todos vós, bebedores de vinho, por causa do vinho novo, pois está tirado da vossa boca! 5. expergescimini ebrii et flete et ululate omnes qui bibitis vinum in dulcedine quoniam periit ab ore vestro.<sup>6</sup>

O Profeta acrescenta este versículo para exagerar; pois quando Deus vê os homens, ou rindo insolentemente, ou não fazendo caso de seus juízos, troça deles; e tal método o Profeta ora adota. ‘Vós bêbedos’, diz, ‘despertai, chorai e uivai’. Sobre o assunto em tela, ele, nessas palavras, fala àqueles que voluntariamente tinham fechado seus olhos a juízos tão manifestos. Os judeus se haviam tornado entorpecidos e se revestido, no modo de dizer, de dureza; era então necessário arrancá-los para a luz como que pela força. Mas o Profeta interpela os ébrios pelo nome; e é provável que esse vício fosse então mui comum entre o povo. Seja como for que tenha sido, o Profeta, ao mencionar esse caso, mostra, da maneira mais convincente, que não havia pretexto para ignorar as coisas, e que os judeus não podiam desculpar a indiferença deles caso não observassem com especial atenção; pois os muito bêbados, que se tinham decaído do estado de homens, sentiam mesmo a calamidade, pois o vinho fora tirado de suas bocas. E essa expressão do Profeta, *despertai*, deve ser notada; pois os bebedores, mesmo quando despertados, estão adormecidos, gastando também grande parte do tempo no sono. O Profeta tinha isto em vista, que os homens, ainda que não dotados de grande conhecimento, mas até destituídos de bom senso, não mais podiam se bajular; pois os mui ébrios, que haviam de todo sufocado seus sentidos e, assim, se tinham distanciado em suas mentes, todavia, percebiam sim o julgamento divino; mesmo que o entorpecimento os mantivesse presos, não obstante, foram constrangidos a despertar diante de semelhante punição. “O que então essa ignorância significa, quando não vedes que sois castigados pela mão de Deus?”

Para o mesmo propósito são as palavras *chorai e gemei*. Os bêbados, contrariamente, entregam-se à fuzarca, saciando-se intemperantemente; e nada é mais difícil do que fazê-los sentir tristeza; pois o vinho faz com que seus sentidos ajam tão tolamente que riem das maiores calamidades. Porém, o Profeta diz: *Chorai e gemei*, vós ébrios! O que pois os homens sóbrios deviam fazer? Ele então acrescenta: *Tirado é o vinho de vossa boca*. Não diz, “O uso do vinho é retirado de vós”; mas diz, *de vossa boca*. Ainda que não se deva pensar em vinhas, adegas ou taças, contudo, eles serão forçados, de bom grado ou não, a sentirem o juízo de Deus em sua boca e em seus lábios. Isso é o que o Profeta quer dizer. Percebemos então o quanto ele piora o que havia dito antes: e devemos lembrar que seu objetivo era envergonhar o povo, o qual se tornara, assim, apáticos quanto aos julgamentos de Deus.

Quanto à palavra עֲסִיס, ‘*asis*’, alguns vertem-na vinho novo. עָסָה, ‘*asas*’ é espremer; destarte, עֲסִיס, ‘*asis*’ é propriamente o vinho que é pisado no lagar. O vinho novo não é o que sai da garrafa, mas o que é extraído, por assim dizer, pela força. O Profeta, porém, não tenho dúvidas, inclui aqui, debaixo de uma espécie, toda sorte de vinho. Continuemos.

<sup>6</sup> Texto retirado da Vulgata, pois a versão online que dispúnhamos não continha esse versículo em latim. (N. do E.)

### Joel 1.6,7

6. Pois um povo forte e inumerável subiu contra minha terra; seus dentes *são* dentes de leão, e tem mandíbulas de leoa.

7. Assolou o meu vinhedo, arruinou minha figueira, descascou-a por completo, lançou-a por terra e seus sarmentos tornaram-se brancos.

6. Quia gens ascendit super terram meam, robusta et absque numero, dentes ejus dentes leonis, et maxillae (alii vertunt, molares) leonis illis (quanquam aliud est nomen: alii vertunt, leunculum.)

7. Posuit vineam meam in vastitatem (vel, desolationem) et ficulneam meam in decorticationem: nudando nudavit eam et disjecit, albi facti sunt rami ejus.

O que alguns pensam — que o castigo, ainda não infligido, é aqui anunciado sobre o povo — repito ainda, eu não aprovo; mas, ao invés disso, o Profeta, conforme o meu ponto de vista, registra outro juízo divino, para mostrar que Deus não havia de um só modo avisado aos judeus sobre os pecados deles, para que os pudesse restituir a uma mente direita; mas que tinha tentado de todos os meios trazê-los para o caminho reto, ainda que demonstrassem terem sido irreversíveis. Depois de haver então falado da esterilidade dos campos e de outras calamidades, agora adiciona que os judeus foram punidos com guerra.<sup>7</sup> Seguramente, a fome deveria tê-los impressionado, especialmente quando viram que aqueles males, sucedendo-se uns aos outros, vinham ocorrendo há vários anos, de maneira oposta ao curso usual das coisas, de modo que não podiam ser imputados ao acaso. Contudo, quando Deus trouxe sobre eles a guerra, quando já estavam consumidos pela fome, não deviam ser mais do que insanos mentais ao continuarem pasmados pelos juízos de Deus e não se arrependem? Então, o que o Profeta quis dizer é que Deus tentara, por todos os meios possíveis, descobrir se os judeus eram curáveis, e a eles se dera oportunidade para a penitência, todavia, eram de todo perversos e indomáveis.

Depois ele diz: *Deveras uma nação subiu*. A partícula **כִּי**, *ki*, não é para ser entendida como causativa, mas apenas como explicativa: *Verdadeiramente*, ou *certamente*, diz, *uma nação subiu*; conquanto uma inferência também não seja incorreta, se for ela tirada do começo do versículo: ‘Ouvi, velhos, e contai a vossos filhos’; o que contaremos? Precisamente isto, que uma nação etc. Mas nessa forma também **כִּי**, *ki*, seria exegética, e o sentido seria o mesmo. Assim é a significação da passagem.

*Uma nação*, pois, *subiu à minha terra*. Deus aqui reivindica, com justiça, a terra de Canaã como herança sua, e age dessa forma intencionalmente, para que os judeus soubessem mais claramente que estava irado com eles; pois a condição desses não teria sido pior do que a de outras nações caso Deus não tivesse resolvido puni-los por seus pecados. Há pois aqui uma comparação implícita entre a Judéia e os outros países, como se o Profeta dissesse: “Como veio isto, de a vossa terra ser dizimada por guerras e muitas outras calamidades, enquanto outros países estão livres de aborrecimentos? Esta terra é, sem dúvida, sagrada para Deus, pois ele a escolheu para si, para que nela regesse; tem ele aqui a sua habitação: deve então haver alguma causa para a ira de Deus, visto que a sua terra está tão miseravelmente devastada, enquanto outras terras gozam de tranqüilidade.” Percebemos agora o que o Profeta quer dizer. *Uma nação*, ele diz, *subiu à minha terra*, e então? Deus, seguramente, podia ter impedido isso; ele podia ter defendido a sua terra, da qual era o guardião, e que estava sob a proteção dele: como pois tinha

<sup>7</sup> Porém, a maioria dos comentaristas considera esses dois versículos como contendo uma descrição mais particular das devastações produzidas pelas locustas mencionadas anteriormente. Que eles sejam chamados “uma nação” está em consonância com o estilo profético e com o que é descrito pelos poetas pagãos: a devastação da vinha e o descascamento da figueira parecem mais adequados a essa opinião. É verdade que **גוֹי**, nação, e não **עַם** povo, como em Pv 30.25, é aqui empregado; mas, como o Dr. Henderson observa, aparenta ter sido selecionado com o propósito de “preparar as mentes dos judeus para o uso alegórico que se faz desses insetos no capítulo 2.” (N. do E. inglês.)

acontecido de os inimigos impunemente inundarem essa terra, havendo marchado para dentro dela e a desolado totalmente, a não ser que houvesse sido abandonada pelo próprio Senhor?

*Uma nação, diz, subiu à minha terra, forte e incontável; e mais, a qual possuía dentes de leão, as queixadas de um leão novo.* As nações não tinham força alguma que o Senhor não pudesse, em um instante, destruir, nem tinha ele necessidade de tropas estrangeiras, pois podia, somente por um meneio de cabeça, reduzir a nada o que for que os homens pudessem ter tentado: quando, portanto, os assírios tão impetuosamente atacaram os judeus, esses ficaram, necessariamente, expostos ao atrevimento de seus inimigos, pois eram indignos de serem protegidos, como até então, pela mão de Deus.

Posteriormente adiciona que *sua vinha tinha sido exposta à devastação e à destruição, sua figueira, ao arranque da casca.* Deus não fala aqui de sua própria vinha, como em alguns outros lugares, em que designa a Igreja dele por esse termo; mas ele chama de suas todas as coisas na terra, assim como chama toda a linhagem de Abraão de seus filhos: e assim repreende os judeus por haverem se reduzido a tal calamidade pela própria culpa deles; pois jamais teriam sido espoliados por seus inimigos não os tivesse Deus (que então estava acostumado a defendê-los) rejeitado antes; pois nada havia na terra deles que não reclamasse como seu; tal como elegera o povo, assim também consagrara a terra para si. Fosse o que fosse então que estivesse arrolado na Judéia estava, no modo de dizer, consagrado a Deus. Ora, quando tanto as videiras quanto as figueiras estavam expostas às depredações dos infiéis, ficava perceptível que Deus não mais governava ali. Por quê? Precisamente porque os judeus o tinham expulsado. Depois, ele alarga o mesmo tema; pois o que se segue — *por denudar ele a denudou e lançou-a fora* — não é uma mera narrativa; o Profeta não declara aqui simplesmente o que ocorrera; mas, como já havíamos dito, aduz mais prova, e tenta despertar os sentidos adormecidos do povo, sim, sacudi-los daquela letargia que se apoderara das mentes de todos; por isso é que ele usa em seu ensino tantas expressões. Essa é a razão pela qual ele diz que a vide e o pé de figo tinham sido denudados, e também que as folhas foram levadas embora, que os ramos tinham ficado nus e brancos; de modo que lá não restou nem produção nem crescimento.

Muitos intérpretes juntam esses três versículos com o anterior, como se o Profeta agora expressasse o que havia dito outrora da lagarta, do besouro e da locusta; pois acham que ele falava alegoricamente quando disse que todos os frutos da terra tinham sido consumidos pelas locustas e pelos besouros. Portanto, acrescentam que tais locustas, ou besouros, ou lagartas, eram os assírios, bem como os persas e gregos, ou seja, Alexandre da Macedônia e os romanos: mas essa é uma opinião tão forçada que não há necessidade de uma longa discussão; pois qualquer um pode facilmente perceber que o Profeta menciona outras espécies de punições que ele podia, de todos os modos, fazer com que os judeus ficassem indesculpáveis, os quais não acordavam por juízos que se multiplicavam tanto, mas permaneciam ainda obstinados em seus vícios. Prossigamos então.

## Joel 1.8

|                                                                                           |                                                                                          |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>8.</b> Pranteia como uma virgem cingida de saco pelo prometido de sua mocidade.</p> | <p><b>8.</b> Plange tanquam puella, accincta sacco, super marito adolescentiae suae.</p> |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------|

Agora o Profeta se dirige à terra toda. *Lamenta*, ele diz; não de maneira ordinária, mas como uma viúva, cujo marido, com quem se casou na mocidade, morre. O amor de um jovem para com uma jovem, e também dessa para com aquele, sabemos, é mais terno do que quando um homem velho casa-se com uma mulher idosa. Esse é o motivo por que o Profeta cite aqui o marido da juventude dela: ele desejava expor a mais pesada lamentação e, por conseguinte, diz: “Os judeus, certamente, não devem ser movidos por tantas calamidades de forma distinta da de uma viúva que perde seu marido quando jovem, sem esse

chegar à maturidade, mas na flor da idade”. Então, assim como semelhantes viúvas sentem amargamente sua perda, também o Profeta oferece como exemplo o caso deles.

Os hebreus com frequência chamam marido de **בעל**, *ba'al*, porque esse é o senhor de sua esposa e a tem debaixo da proteção dele. Literalmente, é “pelo senhor da juventude dela”; e é por isso que também denominavam seus ídolos **בעלים**, *ba'alim*, como se eles fossem, como amiúde falamos em nosso comentário sobre o Profeta Oséias <sup>8</sup>, seus padroeiros.

A suma disso tudo é que os judeus não podiam persistir em um estado despreocupado sem estarem destituídos de toda razão e discernimento; pois eram forçados, quer quisessem quer não, a sentir a mais dolorosa calamidade. É uma coisa monstruosa quando uma viúva, perdendo seu marido quando ainda jovem, abstém-se de luto. Ora, visto pois que Deus afligira sua terra com tantos males, queria trazer sobre eles, por assim dizer, o pesar da viuvez. Segue-se —

### Joel 1.9

9. Foram eliminadas a oferta de cereal e a libação do templo do Senhor. Os sacerdotes, servos do Senhor, estão enlutados. 9. Succisa est oblatio et libamen e domo Jehovah: luxerunt sacerdotes, ministri Jehovah.

Aqui, em outras palavras, o Profeta retrata a calamidade; pois, como foi dito, vemos quão grande é o vagar dos homens para discernir os juízos divinos; e os judeus, conhecemos, não eram mais atentos a elas do que o somos hoje em dia. Logo, era preciso espetá-los com vários agulhões, como o Profeta ora faz, como se dissesse: “Se não estais agora preocupados com a carência de alimento, se não considerais nem mesmo o que os mui ébrios são constrangidos a sentir, os quais não percebem o mal à distância, mas o provam em seus lábios — se todas essas coisas não são de valor algum para vós, ao menos considerai o templo de Deus, que ora está desprovido de seus serviços habituais; pois devido à esterilidade de vossos campos, devido a uma tão grande escassez, nem pão nem vinho são ofertados. Então, dado que vedes que o culto de Deus cessou, como é que vós próprios ainda continuais no mesmo estado? Por que é que não percebeis que a fúria de Deus é acesa contra vós? Pois decerto, se Deus não tivesse sido gravissimamente ofendido, ele no mínimo teria tido alguma consideração pelo culto dele; ele não teria permitido que seu templo permanecesse sem sacrifícios”.

Os judeus, sabemos, diariamente derramavam suas libações e ofereciam oblatas de alimentos. Conseqüentemente, quando Joel menciona **מנחה**, *minchah* e libação, indubitavelmente queria revelar que o culto de Deus estava quase abolido. Mas Deus nunca teria consentido uma tal coisa, não houvesse sido horivelmente ofendido pelos pecados dos homens. Sendo assim, a indiferença, ou antes, a estupidez do povo, fica mais claramente provada, visto como esse não percebia que os sinais da ira divina fizeram-se manifestos até no próprio templo. Continua —

<sup>8</sup> Já disponível em português pelo site *Monergismo.com*, v. link: [http://www.monergismo.com/textos/livros/comentario-oseias-livro\\_calvino.htm](http://www.monergismo.com/textos/livros/comentario-oseias-livro_calvino.htm)



## Joel 1.10

10. O campo está devastado, e o solo chora. O trigo foi destruído, o vinho novo secou-se, o azeite falta.

10. Vastatus est ager, luxit terra (hoc est, luxerunt terrae incolae;) quia vastatum est (idem est verbum vel, quia periit) frumentum, aruit (est a verbo יבש, non a בוש, quod significat pudefacere: quanquam utraque radix significationem hanc admittit apud Hebraeos: quia ergo aruit) mustum et exterminatum est (infirmatum ad verbum, ab אמל; sed significat debilitatum esse) oleum.

O Profeta continua aqui com o mesmo tema, utilizando essas muitas palavras para dar mais efeito ao que ele disse; pois sabia que se dirigia aos surdos, os quais, pelo longo hábito, haviam se endurecido tanto que Deus nada podia efetuar, nem que fosse muito pouco, por sua palavra. Essa é a razão por que o Profeta tão ardentemente enfatiza um assunto tão óbvio. Caso alguém pergunte que necessidade havia de tantas expressões (visto dar a impressão de ser um uso desnecessário de palavras), eu realmente admito que tudo que o Profeta desejava falar podia ter sido exprimido em uma frase, visto não haver aqui coisa alguma intrincada: mas não bastava que o que ele disse fosse compreendido, se os judeus não o aplicassem para si próprios e não percebessem que tinham de se avir com Deus; mas eles não estavam dispostos a fazer essa aplicação. Então, não é sem motivo que o Profeta labuta aqui, reforçando a mesma coisa em muitas palavras.

Por isso ele diz: *O campo está arruinado, e a terra pranteia; pois o trigo pereceu, pois secou-se o vinho, pois destruído está o azeite.* E por tais palavras dá a entender que eles, vendo, nada viam; como se dissesse: “Que a necessidade arranque de vós a lamentação; verdadeiramente estais passando fome, todos se queixam de carestia, todos deploram a precisão de pão e vinho; no entanto, nenhum de vós pensa de onde vem essa penúria, a qual é procedente da mão de Deus. Senti-la em vossa boca, senti-la em vosso palato, senti-la em vossa garganta, senti-la em vosso estômago; mas não a sentis em vosso coração”. Resumindo, o Profeta declara que os judeus estavam destituídos da reta sabedoria; eles deveras deploravam sua fome, mas eram como animais irracionais, os quais, quando famintos, exibem sinais de impaciência. Dessa forma, os judeus lamuriavam porque seus estômagos os perturbavam; porém, não conheciam que a causa de sua carestia e fome era os pecados deles. Segue-se depois —

## Joel 1.11

11. Ficai envergonhados, ó lavradores; lamentai-vos, vinhateiros, por causa do trigo e da cevada; porque a colheita do campo foi destruída.

11. Erubescite agricolae, ululate vinitores super tritico et hordeo; quia periit messis agri.

O Profeta não diz nada de novo aqui, mas apenas reforça o que ele dantes dissera, e não é prolixo sem razão, pois não pretende meramente ensinar aqui, mas também produzir um efeito. E este é o escopo do ensino celestial, pois Deus não somente deseja que o que ele diz seja entendido, mas tenciona também penetrar em nossos corações: e a palavra de Deus, sabemos, não consiste só de doutrina, mas também de exortações, ameaças e objurgatórias. Tal plano então o Profeta ora segue: *Vós, lavradores,* ele diz, *ficai envergonhados, e vós, vinhateiros, uivai; pois pereceu a safra do campo.* O resumo de tudo é que os

judeus, como já dissemos, não podiam, por pretexto algum, encobrir a indiferença deles; pois seu clamor era ouvido em toda parte, suas queixas ressoavam por todos os lugares, que a terra tinha se tornado uma ruína, que eles próprios estavam famintos, que eles estavam afligidos com muitas calamidades; no entanto, ninguém admitia que Deus, que os visitava por seus pecados, era o autor. Mas adiarei o que resta para amanhã.

## ORAÇÃO

*Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, como tu nos convida diariamente por vários meios à penitência, e também continua a instar-nos, porque vês nossa extrema lerdeza — ó, outorgue que sejamos afinal despertados de nossa indiferença, não nos permitindo ficar inebriados pelas seduções de Satanás e do mundo; mas, por teu Espírito, incita-nos a um real gemido, para que, estando envergonhados de nós mesmos, escapemos para a tua misericórdia, não duvidando de que tu serás propício a nós; providos de um coração sincero, recorramos a ti, buscando aquela reconciliação que tu diariamente nos oferece pelo teu Evangelho, no nome do teu Filho unigênito. Amém.*



## QUADRAGÉSIMA DISSERTAÇÃO

### Joel 1.12

12. A vinha secou e a figueira murcho; a romãzeira, a palmeira, a macieira, até as árvores todas do campo definham: pois que a alegria dos filhos dos homens secou-se.

12. Vitis exaruit, et ficulnea infirmata est (*vel, periit;*) malogranatum, etiam palma et malus, omnes arbores exaruerunt: certe exaruit gaudium a filiis hominum.

O Profeta agora conclui seu assunto, qual seja, que, visto como Deus executava juízos tão severos sobre o povo, era de se admirar que esse continuasse entorpecido quando submetido assim a apertos. A *vinha*, diz, *secou-se*, bem como toda sorte de fruto; ele acrescenta a *figueira*, em seguida a **רמון** *romon*, a *romã*,<sup>9</sup> (pois assim a traduzem), a *palmeira*, a *macieira*,<sup>10</sup> e todas as árvores. E essa esterilidade era um claro sinal da ira de Deus; e teria sido assim considerada, não houvesse os homens, ou iludido a si próprios, ou se endurecido contra todos os castigos. Ora, tal **ἀναίσθησις** *anaistesia* (*insensibilidade*) é, por assim dizer, o próprio cúmulo dos males; ou seja, quando os homens não sentem as próprias calamidades, ou pelo menos não entendem que são elas infligidas pela mão divina. Continuemos então —

### Joel 1.13-15

13. Cingi-vos de luto e lamentai-vos, sacerdotes! Uivai, ministros do altar! Vinde, passai a noite vestidos de saco, ministros de meu Deus! Pois a oblata de alimento e a libação estão suprimidas da casa de vosso Deus!

13. Accingimini et plangete sacerdotes; ululate, ministri altaris; venite, pernocate cum saccis, ministri Dei mei: quia prohibita est a domo Dei vestri oblatio et libamen.

14. Santificai um jejum, convocai uma assembléia solene, reuni os anciãos e todos os habitantes da terra na casa do SENHOR vosso Deus e clamai ao SENHOR:

14. Sactificate jejunium, vocate coetum, congregare senes, omnes incoles terrae, in domum Jehovae Dei vestri, et clamate ad Jehovam,

15. Ai, por causa do dia! Pois o dia do SENHOR *está* próximo, e como uma destruição da parte do Todo-poderoso ele virá.

15. Heus Diem! Quia propinquus est dies Jehovae, et tanquam vastitas ab Omnipotente veniet.

Agora o Profeta começa a exortar o povo ao arrependimento. Havendo retratado a eles como gravemente afligidos pela mão de Deus, ele ora adiciona que um remédio estava à disposição, contanto que solicitassem a mercê divina; e, ao mesmo tempo, anuncia uma punição mais dolorosa no futuro; pois não teria sido suficiente que eles tivessem se lembrado de suas calamidades e males se também não temessem no futuro. Por isso o Profeta, para persuadi-los ao máximo, diz que a mão de Deus ainda estava

<sup>9</sup> É possível que o vernáculo romã também tenha origem semítica, segundo o dicionário on-line de português Priberam (<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>) — no caso, o termo árabe *romman* — o que explicaria a extraordinária semelhança etimológica entre o primeiro e o hebraico *romon*. (N. do T.)

<sup>10</sup> Das três árvores anteriores podemos acrescentar esta descrição:

A romã, **רמון**, cresce cerca de 6,1 metros, tem um caule reto e galhos que se esparramam e trazem grandes botões de flores vermelhas. Seu fruto tem aproximadamente o tamanho de uma laranja, e é delicioso e refrescante.

A palmeira ou tamareira, **תמר**, às vezes chega a 30,5 metros de altura e é excepcionalmente reta. Seus frutos crescem em cachos debaixo das folhas, e seu sabor é muito doce. Os ramos da palmeira eram emblemas de vitória.

O que é aqui chamado de macieira, **תפוח**, era sem dúvida a cidreira. A palavra é derivada de **נפה**, exalar, devido à excessiva fragrância que ela emite. (N. do E. inglês.)

estendida, e que havia algo pior muito próximo, a menos que eles, por si mesmos, prevenissem-se. Eis o objetivo disso tudo. Passo agora às palavras.

*Ficai cingidos, lamentai e gemei*, ele diz, *vós, sacerdotes, os ministros do altar*. O verbo חגרו *chigru* pode ser explicado de duas maneiras. Alguns o entendem assim: “Cingi-vos com vestes de saco”; pois logo depois diz *com vestes de saco* ou *em vestes de saco*. Mas podemos interpretar isso como significando simplesmente *cingi-vos*, isto é, apressai-vos; pois essa expressão metafórica ocorre muitas vezes. Quanto à intenção da passagem, há apenas uma pequena diferença caso leiamos “cingi a vós com veste de saco” ou “apressai-vos”. E ele dirige-se aos sacerdotes, apesar de uma exortação comum e geral ao povo inteiro vir na seqüência. Porém, como Deus os fez líderes do povo, convinha que dessem exemplo aos outros. É a obrigação ordinária de todos os piedosos orar por e promover a salvação de seus irmãos; mas é um dever particularmente imposto sobre os ministros da palavra e os pastores. Assim também, quando Deus chama à penitência aqueles que presidem sobre outros, eles devem guiar o caminho, e por duas razões: a primeira, porque não foram debalde eleitos por Deus para este fim, para que eclipsassem os outros e fossem como luminares; a segunda, porque aqueles que têm algum ofício público devem se sentir duplamente culpados quando o Senhor visita os pecados coletivos com juízo. Os indivíduos certamente pecam; contudo, em pastores há a censura pela negligência; mais ainda, quando se desviam do reto caminho, mesmo que minimamente, a infração é tida como maior. Corretamente pois o Profeta principia com os sacerdotes, quando ordena que o povo todo se arrependa. E não somente os manda vestirem anagem, mas também lhes ordena, como veremos, que proclamem um jejum e depois convoquem uma assembléia: *vós sacerdotes*, diz, *ficai cingidos, e ponhais vestes de saco, pranteai, gritai, e passai a noite em anagem*; e em seguida os chama *os ministros do altar* e *os ministros de Deus*, porém, em um sentido diferente; pois o Profeta não substitui o altar por Deus, visto que, assim, ele teria formado um ídolo; mas eles são denominados os ministros do altar, porque ofereciam ali sacrifícios a Deus. São de fato, com rigorosa propriedade, os ministros de Deus; contudo, como os sacerdotes, ao sacrificarem, ficavam de pé na presença de Deus, e como o altar era-lhes, por assim dizer, a via de acesso a ele, eram eles chamados de os ministros do altar. Ele os denomina, ao mesmo tempo, os ministros de Deus, e, como foi exposto, são chamados assim da maneira apropriada.

Todavia, ele diz aqui אֱלֹהֵי *'elohai* (meu Deus). O ך *jode*, meu, é omitido por alguns, como se fosse uma letra servil, porém redundante. Entretanto, não tenho dúvidas de que o Profeta aqui o mencione como seu Deus; pois, dessa forma, pretendia reivindicar mais autoridade para a sua doutrina. A sua incumbência ou demanda era com o povo todo; e esse, sem dúvida, em seu modo usual, altivamente opunha contra ele o nome de Deus como escudo: “Quê! Não somos nós o próprio povo de Deus?” Sendo assim, o Profeta, a fim de provar ser falsa tal presunção, apresenta Deus como estando do lado dele. Por conseguinte, diz ‘os ministros do meu Deus’. Tivesse alguém objetado, dizendo que Deus era o Deus do povo todo em geral, o Profeta tinha uma resposta preparada: “Sou especialmente enviado por Ele, e confirmo sua pessoa, pleiteando a causa que delegou a mim; então, Ele é meu e não vosso Deus”. Vemos agora, pois, o que o Profeta quis dizer nessa expressão. Ele ora acrescenta: *pois cortada está a oferta e a libação da casa de nosso Deus*. Ele simultaneamente O confessa ser o Deus deles no tocante ao sacerdócio; pois coisa alguma, sabemos, foi presumidamente inventada pelos judeus, dado que o templo foi erigido por mandado de Deus, e os sacrifícios eram ofertados consoante à regra da lei. Ele então atribui ao sacerdócio esta honra, que Deus regia no templo; pois este, como já dissemos, sancionava aquele culto como havendo procedido da sua palavra: e é esse o propósito daquela frase de Cristo: ‘Nós conhecemos o que adoramos.’<sup>11</sup> No entanto, os sacerdotes não cultuavam a Deus corretamente; pois, ainda que seus ritos exteriores estivessem de acordo com o mandamento divino, todavia, visto seus corações estarem

<sup>11</sup> João 4.22 (N. do T.)

corrompidos, com certeza, tudo o que eles faziam era repudiado por Deus, até que, sendo açulados pelo medo do julgamento desse, fugissem para a sua misericórdia, como o Profeta ora os exorta a fazerem.

Ele depois acrescenta: *santificai um jejum, convocai uma assembléia, congregai os velhos e todos os moradores da terra*. קדש *kadash* quer dizer santificar e preparar; contudo, fixo-me no seu sentido próprio, *santificai um jejum*; pois a ordem referia-se ao escopo, isto é, santificação. Então, *um jejum proclamai* — para que finalidade? Para que o povo se purgasse de todas as suas profanações e se apresentasse puro e limpo diante de Deus. *Convocai uma assembléia*. Parece que havia uma convocação solene sempre que um jejum era proclamado entre o povo: pois não bastava que cada um individualmente, em seu lar, abstinêsse-se de comida se todos não confessassem abertamente, com uma só boca e consensualmente, que eram culpados perante Deus. Por isso, com um jejum estava ligada uma profissão solene de penitência. Os usos e objetivos de um jejum são vários, como sabemos: porém, quando o Profeta fala aqui de um jejum solene, indubitavelmente manda o povo vir de modo suplicante, como os réus habitualmente o fazem, implorando, diante do juiz, a não aplicação da pena, para que dele obtenham misericórdia. No segundo capítulo haverá muita coisa para se dizer sobre o jejuar: agora desejo apenas tocar brevemente no tema.

Posteriormente, intima que *os velhos sejam congregados*, adicionando depois *todos os habitantes da terra*. Porém, ele começa com os velhos, e isso com justeza, pois a culpa desses é sempre a mais pesada. Mas tal palavra não se relaciona à idade como no caso anterior. Quando ele disse ontem ‘ouvi, idosos’, dirigia-se àqueles que, pela longa experiência, aprenderam muitas coisas no mundo desconhecidas dos jovens ou dos homens de meia idade. Contudo, nesse momento o Profeta quer dizer por os idosos aqueles a quem foi incumbido o governo público; e, como pela preguiça deles haviam permitido o culto de Deus e toda retidão entrarem em decadência, é de direito o Profeta pedir que esses sejam os condutores e predecessores do povo em sua confissão de arrependimento; mais ainda, convinha, por causa do seu ofício, como dissemos sobre os sacerdotes, que conduzissem àquele no caminho. Joel, ao mesmo tempo, revela que o povo inteiro estava comprometido no pecado, de maneira que ninguém podia ser excetuado, pois os ordena a virem todos com os anciãos.

*Chamai-os, diz, à casa de Jeová vosso Deus, e clamai a Jeová*. Daí ficamos sabendo o porquê de ele haver falado de jejum e veste de saco, precisamente para que humildemente suplicassem a Deus contra a sua ira; pois jejuar teria sido de si mesmo inútil, e vestir aniagem, conhecemos, é em si próprio um sinal oco: mas a oração é o que o Profeta coloca aqui no mais alto posto, e jejum é somente um acessório, bem como a serapilheira. Todos pois que vestem aniagem e evitam a oração são culpados de zombaria, e ninguém pode tirar bem algum do mero jejum; porém, quando esse e a veste de saco são acrescidos à oração e são, no modo de dizer, criadas, então não são inutilmente praticados. Podemos então observar que o intento do jejum e da aniagem não era outro senão que os sacerdotes, em conjunto com todo o povo, apresentassem-se súplices perante Deus e se confessassem dignos de destruição, não possuindo esperança alguma senão em sua clemência gratuita. Eis o sentido.

Segue-se agora: *Ai, o dia! Pois perto está o dia de Jeová*. Aqui o Profeta, como foi de início afirmado, ameaça algo no porvir pior do que o que eles tinham experimentado. Ele até aqui estava mostrando a torpeza deles; agora, declara que não tinham eles sofrido todas as punições, mas que havia algo pior a se temer caso não retornassem a Deus tempestivamente. E ele ora exclama, como se o dia de Jeová estivesse diante de seus olhos, denominando-o o dia de Jeová, pois que nesse dia Deus estenderia sua mão para executar o julgamento; pois enquanto tolera os homens ou agüenta os pecados deles, não dá a impressão de governar o mundo. E, apesar desse modo de falar ser bastante comum nas Escrituras, todavia, deve ser cuidadosamente observado; pois ninguém aparenta compreender que Deus chama

aquele dia de seu dia, quando ele publicamente refulgirá e aparecerá como o juiz do mundo: mas, enquanto ele nos poupa, sua face parece estar oculta de nós; sim, parece não governar o mundo. O Profeta, portanto, declara aqui que o dia do Senhor estava próximo; pois não pode ser diferente: o Senhor, por fim, deve elevar e ascender seu trono para punir os homens, mesmo que por um período consinta com eles. Todavia, a interjeição, indicativa de dor, declara que o juízo, do qual o Profeta fala, não era para ser desprezado, pois seria medonho; e ele desejava infundir terror nos judeus, pois estavam esses demasiadamente confiantes. E diz: *O dia está perto*, para que não procrastinassem dia após dia, como estavam acostumados a fazer: pois, ainda que os homens sejam movidos pelos juízos divinos, não obstante, até pedem que o tempo lhes seja prolongado, vindo com muito atraso para Deus. Em vista disso o Profeta, para corrigir essa grande preguiça, diz que o dia estava próximo.

Ele acrescenta **כַּשְׁדִּי מִשְׁחָדָי יָבוֹא** *kashod mishadday yavo*, ‘como uma desolação do Todo-Poderoso ele virá.’ A palavra **שָׂדֵי** *shadday* denota um conquistador; mas ela procede do verbo **שָׂדַד** *shadad*; e isso em hebraico quer dizer “arrasar” ou “destruir”. O poderoso e o conquistador são denominados **שָׂדֵי** *shadday*; por conseguinte, chamam Deus **שָׂדֵי** *shadday*, devido ao seu poder. Alguns o derivam de **עָדַד**, *udder*: então chamam a Deus de **שָׂדֵי** *shadday*, como se a Escritura lhe desse tal nome, porque dele flui toda abundância de coisas boas, como de uma fonte. Mas eu antes relacionaria esse nome à sua força e poder, pois os judeus, sabemos, gloriavam-se no nome de Deus como alguém armado para defender a segurança deles. Então, sempre que os Profetas diziam que Deus era **שָׂדֵי** *shadday*, o povo se apoderava disso como fundamento para a falsa segurança: “Deus é onipotente, então estamos protegidos de todos os males”. No entanto, tal confiança não estava baseada nas promessas: e, sabemos, era uma presunção absurda e profana terem abusado assim do nome de Deus. Então, já que os judeus tolamente se estimulavam com isto — que Deus os havia adotado como povo seu — o Profeta diz aqui: “Virá ali uma desolação do Todo-Poderoso”, ou seja, “Deus é Todo-Poderoso, mas estais grandemente enganados ao imaginarem que vossa segurança está assegurada pelo poder dele; pois, ao invés disso, ele vos será contrário, visto como tendes provocado a sua ira”. Segue-se —

### Joel 1.16,17

- |                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>16.</b> Não está o alimento eliminado de diante dos nossos olhos, <i>sim</i>, o gozo e a alegria, da casa de nosso Deus?</p> <p><b>17.</b> A semente secou-se sob os torrões de terra, os celeiros estão desolados, os armazéns, arruinados, pois falta o trigo.</p> | <p><b>16.</b> An non coram oculis nostris cibus excisus est? et domo Dei nostri gaudium et exultatio?</p> <p><b>17.</b> Putrefacta sunt grana subtus sulcos suos, desolata sunt reconditoria (vel, apothecae desolatae sunt,) diruta sunt horrea, quia exaruit frumentum.</p> |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Ele repete a mesma coisa de antes, pois critica os judeus por serem tão tardos para refletir que a mão divina estava contra eles. *Não está a comida, diz, cortada perante nossos olhos? e o gozo e a exultação, da casa do nosso Deus?* Aqui ele censura severamente a loucura dos judeus, que não percebiam as coisas postas diante de seus olhos. Por isso, diz que estavam cegos em meio à luz, e que a vista deles era tal que, vendo, nada viam; seguramente deviam ter se sentido afligidos quando a necessidade atingiu o templo. Pois, dado que Deus havia mandado que as primícias fossem-lhe oferecidas, o templo não devia, de modo nenhum, ter ficado sem seus sacrifícios; e, ainda que os mortais pereçam cem vezes de fome e carestia, todavia, Deus não deve ser defraudado de seu direito. Logo, quando naquele momento deixou de existir oferenda e libação, quão grande foi a estupidez do povo ao não sentir essa maldição, a qual o devia ter machucado mais do que se tivesse sido consumido pela fome cem vezes? Vemos pois o desígnio das

palavras do Profeta, ou seja, condenar os judeus por sua estupidez; pois não cuidavam que um gravíssimo juízo era executado sobre eles quando o templo ficou privado de seus sacrifícios regulares.

Depois, ele acrescenta que *o júbilo e a alegria* foram retirados: pois Deus ordenou aos judeus que viessem ao templo para darem graças e reconhecerem a si mesmos como abençoados, pois que escolhera sua habitação entre eles. Daí esta expressão ser tão amiudadas vezes repetida por Moisés: “Tu te regozijarás perante o teu Deus”; pois, ao dizer isto, Deus pretendia estimular ao máximo o povo a chegar animadamente ao templo, como se dissesse: “Certamente não preciso de vossa presença, mas desejo, por minha presença, tornar-vos contentes”. Mas agora, quando o culto de Deus cessou, o Profeta diz que o gozo também fora abolido; pois os judeus não podiam dar graças a Deus alegremente enquanto a maldição desse estivesse perante seus olhos, quando viam que ele era seu adversário e, ainda, quando ficaram destituídos das ordenanças da religião. Percebemos agora, então, por que o Profeta junta gozo e alegria com oblações: eles eram os símbolos da ação de graças.

Ele mostra a causa do mal: *Deterioraram-se os grãos nos próprios sulcos*. Pois chamam sementes פְּרֻדֹּת *perudot* pelo ato de espalhar. Ele denomina pois os grãos por este nome porque são espalhados; e diz que esses se estragaram nos campos embora deversem ter germinado. Então adiciona: *Os granéis ficaram assolados e os paióis destruídos*; pois não havia utilidade para eles. Destarte, concluímos que a esterilidade se tornara gravíssima e perenal; pois se o povo tivesse sido afligido pela fome apenas por algumas colheitas ou por um ano, o Profeta não teria falado desse jeito. A fome deve então ter sido, como já declaramos, por um longo tempo. Prossigamos agora —

### Joel 1.18

18. Como gemem as bestas, e como estão perplexas as manadas bovinas, porque não há pasto; sim, os rebanhos de ovelhas ficaram assolados. 18. Quomodo ingemuit bestia? Confusa sunt armenta boum? Quia desunt illis pascua: etiam greges ovium desolati sunt.

O Profeta aumenta sua exprobração, que até os bois e os outros animais sentiam o julgamento divino. Há aqui então uma comparação implícita entre o sentimento dos animais irracionais e a insensibilidade do povo, como se aquele dissesse: “Com certeza, há mais inteligência e raciocínio nos bois e nas outras bestas inconscientes do que em vós; pois as manadas gemem, os rebanhos gemem, porém, permaneceis estúpidos e aparvalhados. O que isso significa?” Vemos então que o Profeta compara aqui a estupidez do povo com a intuição dos animais, para fazê-los ficarem mais envergonhados.

*Como, ele diz, as bestas gemem?* A questão serve para demonstrar veemência; pois, se ele tivesse dito na forma de uma narrativa, que os animais gemiam, que o gado estava confundido e que os rebanhos pereciam, os judeus teriam ficado menos comovidos; porém, quando exclama e, movido pelo assombro, fala na interrogativa — *Como as bestas gemem?* — sem dúvida queria produzir um efeito sobre os judeus, para que percebessem o julgamento divino, pelo qual outrora tinham passado com seus olhos fechados, mesmo que esse estivesse bastante visível. Segue-se —

## Joel 1.19,20

19. Ó SENHOR, a ti eu clamarei: pois o fogo devorou a erva do deserto, a chama queimou todas as árvores do campo.

20. E as bestas do campo também clamam a ti, porque as correntes das águas secaram, e o fogo consumiu a erva do deserto.

19. Ad te Jehovam clamabo, quia ignis consumpsit pascua (vel, habitacula) deserti: et flamma accendit omnes arbores agri.

20. Etiam bestiae agri clamabunt ad te (quanquam עֵרֶג proprium est cervi, ut dicunt grammatici, sicuti etiam Psalmo 42 habetur: est illic idem verbum: clamabunt igitur bestiae ad te,) quia aruerunt decursus aquarum, quia ignis consumpsit habitacula (vel, pascua) deserti.

Quando o Profeta percebeu que seu êxito foi menor do que o que esperava, ele, deixando o povo, fala do que ele mesmo faria: *Eu clamarei a ti, Jeová*. Ele dantes mandara os outros clamarem, mas por que agora ele não insiste na mesma coisa? Porque viu que os judeus estavam tão surdos e indiferentes que não davam importância a nenhuma de suas exortações: portanto, diz: “*Eu clamarei a ti, Jeová*; pois não são afetados nem pela vergonha nem pelo medo. Posto que deixam de lado toda atenção pela segurança própria, dado que estimam como nada as minhas exortações, eu os deixarei, e clamarei a ti”; o que significa isto: “Eu vejo, Senhor, que todas essas calamidades procedem de tua mão; não gemerei como os profanos gemem, mas as imputarei a ti; pois percebo que estás agindo como juiz em todos os males que nós sofremos”. Havendo então antes declarado que os judeus eram mais vagarosos que os animais irracionais e havendo-os vituperado por sentirem menos agudamente do que os bois e os carneiros, o Profeta ora diz que, conquanto eles todos permanecessem obstinados, todavia, ele faria o que um homem piedoso e adorador de Deus deveria fazer: *Eu clamarei a ti* — Por quê? Porque o *fogo consumiu as pastagens*, ou, *as habitações do deserto*.

Ele outra vez dá aqui um terrível registro dos juízos de Deus. Ainda que o calor queime regiões inteiras, não obstante, sabemos que as terras de pastagens não secam logo, particularmente nas montanhas; e de tais pastos frios ele fala aqui. Conhecemos que, por maior que seja a fertilidade das montanhas, todavia, o frescor predomina lá, e que, na maior seca, as regiões montanhosas estão sempre verdes. Contudo, o Profeta relata-nos aqui algo inusitado: que as habitações do deserto foram queimadas. Alguns vertem נְאוֹת *ne'ot* como pastagens e outros, habitações; porém, quanto ao sentido, podemos ler ambos; pois o Profeta refere-se aqui às regiões frias e úmidas, que nunca precisam de umidade, mesmo no mais intenso calor. Alguns traduzem a palavra como os locais belos ou bonitos do deserto, mas inadequadamente. Ele indubitavelmente quer dizer pastos, habitações ou apriscos. O fogo pois *consumiu as habitações*, ou *pastagens do deserto*. Isso não era habitual: não ocorria conforme o curso ordinário da natureza: segue-se então que era um milagre. Esse é o motivo pelo qual o Profeta diz que agora era tempo para clamar a Deus; pois não parecia ser fortuito que o calor tivesse queimado regiões que eram úmidas e bem aguadas. A chama, diz, *consumiu todas as árvores do campo*.

Ele depois acrescenta que *as bestas do campo também clamarão* (pois o verbo está no plural); então, as bestas bramarão. O Profeta expressa aqui mais claramente o que ele anteriormente dissera — que, mesmo que os animais irracionais estivessem desprovidos de razão, não obstante, sentiam o julgamento divino, de modo que, pelo exemplo deles, constrangiam os homens a se sentirem envergonhados, pois aqueles clamavam a Deus: *as bestas do campo* então *clamarão*. Ele atribui o clamor a eles, como é noutro lugar atribuído aos corvos jovens. Estes, propriamente falando, de fato não invocam a Deus; no entanto, o salmista diz isso por que eles confessam, ao erguerem seus bicos, que não há provisão



para a necessidade deles se Deus não as fornecer. Da mesma forma também o Profeta cita aqui as bestas como clamando a Deus. Na verdade, é uma figura de linguagem chamada personificação; <sup>12</sup> pois isso não pode ser devidamente dito sobre as bestas. Porém, quando essas faziam um alvoroço sob a pressão da fome, não era tal uma invocação a Deus segundo a natureza delas admitia? Então, tanto quanto a natureza dos animais irracionais o permite, pode-se dizer deles que buscam seu alimento do Senhor quando proferem bramidos e sons lamentosos, revelando que estão oprimidos pela fome e carestia. Por essa razão, quando o Profeta atribui às bestas clamor, ele, ao mesmo tempo, censura os judeus por sua estupidez, por não invocarem a Deus. “O que vós pretendeis?”, diz. “Vede os animais irracionais: eles vos exibem o que deve ser feito; é no mínimo um ensino que devia exercer efeito sobre vós. Se eu e os outros profetas perdemos todo o nosso esforço, se Deus em vão realiza o ofício de mestre entre vós, que ao menos os próprios bois sejam vossos instruidores; de quem de fato é um vexame serdes discípulos, mas é um vexame maior não atentar ao que eles vos ensinam; pois os bois, por seu exemplo, guiam-vos a Deus”.

Percebemos agora quanta veemência há nas palavras do Profeta quando ele diz que até as bestas do campo clamam a Deus; *pois os cursos de água secaram-se, e o fogo consumiu as habitações, ou os pastos do deserto*. Ele outra vez ensina o que eu afirmei recentemente, que a esterilidade provinha do evidente juízo de Deus, e que isso devia ter infundido pavor nos homens, pois era uma espécie de milagre. Quando, portanto, as correntes de águas secaram-se nas montanhas, como isso podia ser considerado natural? אֲפִיקִים *'afikim* denota cursos de águas ou vales pelos quais as águas correm. Indubitavelmente o Profeta alude aqui àquelas regiões as quais, pela abundância de água, sempre retêm a sua fertilidade. Por isso, quando os próprios vales foram consumidos, eles seguramente deviam reconhecer que algo prodigioso se tinha sucedido. Por essa razão, atribui o clamor aos rebanhos e bestas inconscientes, e não qualquer sorte de clamor, mas aquele pelo qual invocavam a Deus. O que resta, protelaremos para amanhã.

## ORAÇÃO

*Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, porquanto tu nos vês estarmos rodeados com a mazela da nossa carne e tão controlados e, no modo de dizer, oprimidos com cuidados terrenos que mal podemos alçar nossos corações e mentes a ti — Ó, permita que, sendo despertados por tua palavra e alertas diários, finalmente sintamos nossos males, e que não somente aprendamos pelas chicotadas que infliges sobre nós, mas também, espontaneamente, citemos a nós mesmos para o julgamento e examinemos os nossos corações, vindo assim à tua presença, sendo nós próprios nossos juízes; de modo que possamos nos prevenir de teu descontentamento e, dessa forma, obter aquela misericórdia que tu, da melhor maneira, prometeste a todos os que, voltando-se apenas a ti, supliquem por causa de tua ira, esperando também a tua mercê, através do nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.*

---

<sup>12</sup> Também conhecida como prosopopéia ou metagoge (N. do T.)

# CAPÍTULO 2

## QUADRAGÉSIMA-PRIMEIRA DISSERTAÇÃO

### Joel 2.1-11

1. Tocai a buzina em Sião, e dai alarme em meu monte santo. Tremam todos os moradores da terra, pois está chegando o dia do SENHOR, já *está* perto;

2. Um dia de trevas e de escuridão; um dia de nuvens e de negrume, como a aurora espalhada sobre os montes; povo numeroso e poderoso, qual nunca existiu desde o tempo antigo, nem depois dele existirá nos anos futuros, de geração após geração.

3. Adiante dele um fogo consome; atrás dele uma chama arde; a terra diante dele *está* como o jardim do Éden, mas atrás dele um desolado ermo; sim, nada lhe escapará.

4. A sua aparência *é* como a de cavalos; e como cavaleiros assim galoparão.

5. Como o estrondo de carros de guerra, irão saltando sobre os cumes dos montes, como o ruído de um fogo chamejante que consome a pragana, como um povo forte, posto em ordem para o combate.

6. Diante dele os povos terão medo; todos os rostos acumularão negrura.

7. Correrão como valentes, como soldados subirão a muralha; e marchará cada um no seu caminho e não se desviará do seu curso.

1. Clangite tuba in Sion, et clamate (alii vertunt, tantarizate: sed est generale verbum: clamate igitur, vel, clamorem odite) in monte sancto meo: contremiscant omnes incolae terrae, quia venit dies Jehovae, quia propinquus est.

2. Dies tenebrarum et caliginis, dies nubis et obscuritatis, sicut aurora expanditur super montes, populus magnus et robustus (vel, terribilis;) similis ei non fuit a seculo, et post eum, non addet (hoc est, non erit amplius) ad annos generationis et generationis (ego cogor uno contextu legere haec omnia; dicam postea suo loco rationem.)

3. Coram facie ejus (coram ipso) devorans ignis, et post eum exuret flamma: sicut hortus Eden terra coram ipso (ante faciem ejus ad verbum;) et post eum desertum solitudinis (vel, vastitatis;) adeoque evasio non erit ei.

4. Quasi aspectus equorum aspectus ejus, et tanquam equites current.

5. Sicut vocem quadrigarum (sic מרכבות interpretes vertunt: postea dicam de hoc verbo,) super cacumina montium saltabunt, secundum vocem flammae ignis vorantis stipulam, quasi populus robustus (vel, terribilis) paratus ad proelium.

6. A facie ejus pavebunt populi, omnes facies colligent nigredinem.

7. Quasi gigantes (vel, fortes) discurrent, sicut viri proelii ascendent murum, et vir (hoc est, quisque in viis suis ambulabit, et non tardabunt gressus suos (alii, non inquirent de viis suis.)



|                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>8. Ninguém empurrará um ao outro; cada um marchará pelo seu rumo; arremessar-se-ão entre os projéteis, sem ficarem feridos.</p>                                                                                                 | <p>8. Vir fratrem suum (hoc est, quisque socium suum) non premet, quisque in viis suis ambulabit: usque in gladium cadent (hoc est, super gladium cadent) non vulnerabuntur (alii, non concupiscent.)</p>           |
| <p>9. Investirão sobre a cidade, correrão pela muralha, subirão nas casas, entrarão pelas janelas como um ladrão.</p>                                                                                                              | <p>9. Per urbem gradientur, per murum discurrent, in domos ascendent, usque ad fenestras intrabunt tanquam fur.</p>                                                                                                 |
| <p>10. Diante dele tremerá a terra, estremecer-se-ão os céus; o sol e a lua se escurecerão, e as estrelas perderão o seu resplendor.</p>                                                                                           | <p>10. Coram eo contremiscet terra, et angentur coeli; sol et luna nigrescent, et stellae retrahent splendorem suum.</p>                                                                                            |
| <p>11. E o SENHOR erguerá a sua voz diante do seu exército; porque muitíssimo grande é o seu acampamento; pois o que executa a sua palavra é poderoso; sim, o dia do SENHOR é grande e mui terrível, e quem o poderá suportar?</p> | <p>11. Et Jehova edet vocem suam coram exercitu suo, quia magna valde castra ejus: quia robustus qui facit (vel, exequitur) verbum ejus; quia magnus dies Jehovae, et terribilis valde, et quis sustinebit eum?</p> |

Esse capítulo contém sérias exortações, misturadas com ameaças; mas o Profeta ameaça com o fito de corrigir a indiferença do povo, o qual ele via ter sido mui moroso para considerar os juízos divinos. Ora, a razão pela qual eu quis pôr esses onze versículos consecutivamente foi porque o intuito do Profeta neles não é outro senão o de abalar, pelo medo, as mentes das pessoas. Então o objetivo da narrativa é sensibilizar o povo, que agora não era hora para descansar, pois o Senhor, havendo por muito tempo tolerado a perversidade daquele, estava ora resolvido a despejar toda a torrente de sua fúria sobre eles. Eis o resumo do todo. Vamos agora às palavras.

*Fazei soar a trombeta, diz, em Sião; clamai em minha montanha santa; que todos os habitantes da terra tremam.* O Profeta inicia com uma exortação. Sabemos, de fato, que ele alude ao costume aceito, sancionado pela lei: pois, assim como nas festas as trombetas eram tocadas para chamar o povo, também isso era feito quando algo extraordinário se sucedia. Destarte, o Profeta não se dirige a cada um individualmente; mas, como todos haviam agido impiamente, do menor ao maior, ordena que toda a assembléia seja chamada, para que eles publicamente reconhecessem-se serem culpados diante de Deus e orassem por livramento de sua vingança. É o mesmo que se o Profeta houvesse dito que não havia ninguém entre o povo que pudesse se isentar de culpa, pois a iniquidade havia grassado no grêmio inteiro. Porém, essa passagem mostra que, quando paira algum juízo de Deus e sinais dele aparecem, deve ser utilizado este remédio, a saber: que todos coletivamente se congreguem e se confessem dignos de castigos e, simultaneamente, corram para o refúgio da clemência divina. Sabemos que isso, como eu já disse, foi outrora determinado ao povo; e tal prática não foi abolida pelo evangelho. E daí transparece quanto haviam eles se afastado da reta e legítima ordem de coisas, pois nesse dia seria estranho e singular proclamar um jejum. Por quê? Porque a maior parte se tornou endurecida; e assim como eles em geral não conhecem o que é o arrependimento, também não compreendem o que a profissão de arrependimento significa; pois não entendem o que o pecado é, o que a ira de Deus é, o que a graça é. Então não é de admirar que estejam tão confiantes e que, quando é feita referência a rogar por perdão, isso seja algo inteiramente desconhecido no presente. Mas, conquanto o povo em geral seja tão estúpido, é, todavia, nosso dever aprender dos Profetas qual tem sido sempre o real modo de proceder entre o povo de Deus, e labutar o tanto quanto pudermos para que tal seja conhecido, de forma que, quando houver ocasião para uma penitência pública, até o mais ignorante possa compreender que essa prática sempre

predominou na Igreja de Deus, e que isso não prevaleceu pelo zelo temerário dos homens, mas pela vontade do próprio Deus.

Contudo, ele ordena que *os moradores da terra tremam*. Por estas palavras ele dá a entender que não devemos brincar com Deus mediante vãs cerimônias, mas tratar com ele a sério. Portanto, quando as trombetas soam, nossos corações devem tremer; e, assim, a realidade deve estar ligada com os sinais exteriores. E isso deve ser cuidadosamente observado: pois o mundo está sempre disposto a ter um olho para algum serviço visível, e pensam que uma satisfação é dada a Deus quando algum rito externo é observado. Contudo, nada fazemos senão zombar de Deus quando o presentearmos com cerimônias, embora não haja nenhum sentimento sincero correspondente no coração; e isso é o que acharemos tratado em outro lugar.

O Profeta agora adiciona ameaça para que pudesse alvoroçar as mentes do povo: *Pois chegando está, diz, o dia de Jeová, pois perto está*. Através dessas palavras ele sugere, primeiramente, que não devemos esperar até que Deus nos ataque, mas que, tão logo ele exiba sinais de sua ira, devemos pressentir seu julgamento. Então, quando Deus nos alerta sobre o seu descontentamento, devemos imediatamente solicitar perdão: próximo, diz ele, está o dia de Jeová. O que se segue diz respeito ao fim que mencionamos; pois o Profeta retrata o terrível juízo divino com vista a suscitar mentes de todo estúpidas e indiferentes.

Em seguida, diz: *Um dia de escuridão e de espessas trevas, um dia de nuvens e de obscuridade, como a alvorada que se estende sobre as montanhas*. Ao chamá-lo de um dia tenebroso e tétrico ele desejava mostrar que não haveria nenhuma esperança de livramento; pois, consoante ao uso corrente da Escritura, sabemos que por luz é designado um estado festivo e feliz, ou a esperança de libertação de alguma aflição: todavia, o Profeta agora extingue, por assim dizer, toda esperança neste mundo quando declara que o dia de Jeová seria sombrio, isto é, sem esperança de restauração. Isso é o que ele quis dizer. Quando ele posteriormente fala: *como a alvorada que se estende* etc., cita isso para expressar a celeridade com a qual isso viria; pois conhecemos quão súbito é o surgimento da aurora nos montes: ela se espalha em um instante sobre esses, onde outrora tinha escuridão. Pois a luz não penetra logo nos vales, tampouco nas planícies; porém, se alguém olha para os cumes das montanhas, verá que o amanhecer surge rapidamente. Então, a conclusão é que é como se o Profeta dissesse: “O dia do Senhor está próximo, pois ele pode estender sua mão repentinamente, tal como a alvorada se espalha sobre a serra”.

Ele então menciona o seu caráter: *Um povo grande e forte, a quem não há semelhante desde o princípio, ou desde eras, e após o qual não mais haverá parecido, até os anos de geração após geração*. O Profeta aqui especifica a espécie de julgamento que seria, do qual ele dantes falara de forma genérica, e revela que o que tinha até aqui apontado da vingança de Deus não devia ser entendido como se esse desceria aberta e visivelmente do céu, mas que os assírios seriam os ministros e executores da sua desforra. Em suma, o Profeta revela aqui que a vinda daquele povo devia ter sido tão temida quanto se Deus houvesse estendido sua mão e executado sobre o povo dele a vingança merecida pelos pecados desse. E por essas palavras ensina-nos que os homens nada ganham ao ficarem cegos aos juízos divinos; pois Deus, não obstante, executará suas obras e empregará a instrumentalidade dos homens; pois estes são os flagelos pelos quais castiga o povo dele. Os caldeus e os assírios eram infiéis; todavia, Deus os utilizava a fim de corrigir os judeus. Isso o Profeta ora mostra, isto é, que Deus era o vingador nesses mesmos assírios, pois os empregava como ministros e executores de seu julgamento. Ao mesmo tempo percebemos que o Profeta descreve aqui a terrível ira de Deus para sacudir dos judeus a lerteza deles; pois via que não eram movidos nem por todas essas ameaças, e sempre lançavam mão de novos pretextos promissores. Eis a razão por que ele dá uma tão longa descrição.

*Diante deles, diz, o fogo devorará, e após eles a chama queimará.* Ele quer dizer que a vingança de Deus seria tal que consumiria o povo inteiro: pois aquele tinha de várias maneiras começado a castigar o povo, porém, como vemos, sem proveito algum. O Profeta, então, diz aqui que restava o último golpe, e que o Senhor destruiria de todo homens tão rebeldes, os quais até então não conseguiu restaurar a uma mente sã com punições moderadas. Porque esse, em certa medida, poupava-os, ainda que os tivesse tratado acerbamente e severamente, dando-lhes tempo para se arrependerem. Por isso, quando o Profeta viu que eram eles totalmente irrecuperáveis, disse que agora só restava a Deus consumi-los imediata e completamente.

Ele acrescenta: *Como o jardim do Éden é a terra diante deles, mas depois deles é a terra de solidão; e assim (e também) não haverá escapatória deles.* Aqui o Profeta avisa aos judeus que, embora esses habitassem um mui aprazível e particularmente fértil país, não havia motivo para se ufanarem, pois Deus converteria as mais belas terras em uma devastação. Ele, portanto, compara a Judéia ao jardim do Éden ou ao Paraíso. Porém, tal também era o estado de Sodoma, como Moisés revela. De que serviria aos sodomitas viverem como que no Paraíso, que habitassem uma terra rica e fértil e julgassem ser nutridos como que no seio de Deus? Assim também o Profeta agora diz: “Embora a terra seja como o Paraíso, todavia, quando o inimigo marchar através dela, seguir-se-á uma ruína geral, uma dispersão se seguirá por todos os lugares, não haverá lavoura, nem amenidade e tampouco aparência de terra habitada, pois o inimigo destruirá tudo”. O intuito dele era precaver os judeus (por causa da confiança na bênção divina, a qual eles tinham até então experimentado) sobre impensadamente fazer pouco caso no futuro da vingança de Deus; pois a ira desse consumiria e devoraria num instante toda fecundidade que a terra até aqui possuía. Eis o sentido. Por conseguinte, ele conclui que não haveria escape destes inimigos, os assírios, porque eles viriam armados com ordem para reduzir a terra inteira a nada.

Ele depois acrescenta muitas símiles, as quais qualquer um, por si próprio, consegue compreender satisfatoriamente; portanto, não me alongarei em explicá-las, e muitas palavras seriam supérfluas. *Como a aparência de cavalos é o seu aspecto, e como cavaleiros também correrão.* Esse versículo apresenta novamente a surpresa da vingança, como se o Profeta houvesse dito que a longa distância não seria obstáculo, pois os assírios rapidamente se moveriam e ocupariam a Judéia; porque a distância enganava os judeus, que julgavam que haveria uma longa folga para si. Sendo assim, o Profeta aqui remove essa vã confiança quando diz que aqueles seriam como cavalos e cavaleiros. Então adiciona: “Como o som de carros”. Interpretam מרכבות *markavot*, carros, se bem que os hebreus, em vez disso, pensem se tratar de arreios ou selas, como os denominam; no entanto, prefiro considerá-los como carros, pois o que o Profeta diz — que eles *saltarão nos topos das montanhas* como o som de carruagens — não se aplicaria adequadamente aos adereços de cavalos. Eles pois saltarão nos cumes dos montes — mas como? Como carros, ou seja, eles chegarão com grande força, ou farão um grande e terrível estrondo. E ele fala de topos de montanhas porque, como sabemos, o barulho lá é maior quando há alguma comoção. O Profeta, por essa razão, de todas as formas reforça a desforra de Deus, para despertar os judeus, os quais, por sua indiferença, tinham por demasiado período provocado a ira do Senhor.

*Como o som, diz, da chama do fogo, ou de uma chama feroz, devorando o restolho.* Ele compara os assírios a uma chama que consome tudo; e compara os judeus a restolho, ainda que esses se julgassem guarnecidos de muitas forças e fortalezas.

Por fim, ele acrescenta: *Como um povo forte, preparado para a batalha; os povos temerão a face deles, e todos os semblantes acumularão negrura.* Por essas palavras o Profeta declara que os assírios, em sua vinda, seriam providos de tal poder que, só pelo relato, deixariam todo o povo prostrado. Porém, se os

assírios eram tão formidáveis a todos os povos, o que podiam os judeus fazer? Em resumo, o Profeta mostra aqui que os judeus em hipótese alguma seriam capazes de resistir a inimigos tão poderosos; pois eles, somente por sua fama, prosternariam todo o povo, para que ninguém se atrevesse a se insurgir contra eles. Ele então os compara a gigantes. *Como gigantes*, diz ele, *correrão aqui e ali; como homens de guerra escalarão o muro, e homem* (isto é, cada um) *andarão em seus caminhos*. O Profeta junta essas várias expressões para que os judeus conhecessem que tinham que lidar com a irresistível mão de Deus, e que debalde implorariam auxílio aqui e acolá; pois não poderiam encontrar alívio em lugar nenhum do mundo quando Deus executasse sua vingança de uma tão formidável maneira. Ele diz mais: *eles não interromperão seus passos*, embora alguns traduzam as palavras como “eles não inquirirão a respeito de seus caminhos”: pois dissera anteriormente: “Eles prosseguirão em seus caminhos”; então o sentido é que eles não virão como estranhos, os quais, quando viajam por regiões desconhecidas, fazem indagações impacientes, se alguém está à espreita, se há alguns desvios na estrada, se os caminhos são difíceis e complicados: “Eles não inquirirão”, diz ele; eles seguirão com confiança, como se a estrada fosse aberta a eles, como se o país todo lhes fosse conhecido. Essa parte também serve para demonstrar celeridade, para que os judeus tivessem medo da vingança de Deus como se essa estivesse bem perto deles.

Ele então adiciona: *Um homem não empurrará seu irmão*. Por esse modo de falar o Profeta quer dizer que eles viriam em perfeita ordem, de maneira que a hoste não criaria nenhuma confusão, como se dá na maioria dos casos: pois é muito difícil para um exército marchar em ordem regular sem tumulto, como dois ou três homens caminhando juntos. Pois, quando cem cavaleiros marcham juntos, alguns normalmente estorvam a outros. Portanto, quando um tão grande número se reúne, dificilmente lhes é possível não retardar ou impedir um ao outro. Porém, o Profeta declara que esse não seria o caso dos assírios, pois o Senhor dirigiria seus passos. Então, mesmo que o Senhor trouxesse uma tão grande multidão, todavia, estaria ela tão bem agrupada e em ordem tal que ninguém empurraria seu companheiro ou lhe seria um obstáculo. *Um homem*, diz, *prosseguirá em seu caminho*, exatamente sem qualquer empecilho.

*E sobre espadas cairão, mas não se machucarão*: ou seja, eles não só serão fortes homens de guerra, de modo a intrepidamente arrostarem toda espécie de perigo, mas também escaparão ilesos de todas as armas; conquanto se precipitem sobre as espadas como loucos e não demonstrem cuidado algum por si próprios, eles, não obstante, não ficarão feridos. Porém, isso pode ser entendido de uma forma mais simples: *Eles não serão feridos*, isto é, como se eles não pudessem ser feridos. E parece-me ser o genuíno sentido dado pelo Profeta que eles não sentiriam nenhum medo da morte para que atacasse seus inimigos cautelosamente, mas impunemente provocariam a própria morte ao se atirarem sobre as espadas mesmas: não temeriam pois ferimento algum, mas ousariam encarar-las como se essas lhes fossem totalmente inócuas. Alguns vertem o termo como “eles não cobiçarão”; então, esse significa que o Profeta teria dito que eles não seriam cobiçosos de dinheiro. Contudo, tal aceção dificilmente se ajusta a esse ponto; e vemos que o melhor sentido aparenta ser que eles arrojaram-se sobre as espadas às cegas, como se não pudessem ser vulnerados.

Subseqüentemente, vem *pela cidade eles marcharão; sobre a muralha correrão; pelas janelas adentrarão como um gatuño*. O Profeta revela aqui que os judeus confiavam em vão em suas cidades fortificadas, pois os inimigos facilmente penetrariam nelas. Eles marcharão, diz, através da cidade, isto é, como se não houvesse portões nela. O significado então é que, conquanto a Judéia abundasse em cidades que davam a impressão de inexpugnáveis, parecendo suficientes para deter o curso dos inimigos, como havia acontecido quase sempre, de maneira que grandes exércitos eram forçados a desistir quando alguma cidadela forte se achava em seu caminho, todavia, o Profeta diz que as cidades não seriam embaraços para os assírios em sua vinda à Judéia, pois marchariam pela cidade como ao longo de uma estrada plana, onde

nenhum portão é fechado contra eles. Eles pois marcharão pelo meio das cidades como por campos planos ou abertos. Com o mesmo escopo é o que se segue: Eles correrão aqui e ali sobre o muro, diz ele. Essas são deveras palavras hiperbólicas; todavia, quando refletimos em quão vagarosos são os homens para temerem o castigo, devemos admitir que o Profeta não passa dos limites da moderação nessas expressões. Eles então correrão pela cidade para cima e para baixo; ou seja: “Debalde esperais que haja alguma trégua ou descanso, pois pensais que sereis capazes de por algum tempo suportar os assaltos de vossos inimigos: Isso”, diz, “em hipótese alguma se dará, pois eles correrão para cá e para acolá sobre a muralha, como se ela fosse uma planície. De mais a mais, *eles subirão nas casas e entrarão pelas janelas, e farão isto como um ladrão*; ou seja, mesmo que não haja nenhum ataque hostil, todavia, furtiva e secretamente penetrarão em vossas moradas: quando houver um grande tumulto, quando regiões inteiras se acharem em guerra e quando vos julgardes aptos a resistir, eles então, como gatunos, silenciosamente adentrarão vossas casas e chegarão pelas janelas, e não conseguireis obstruir-lhes a passagem”.

Ele depois adiciona: *Diante da face deles a terra tremerá, e em angústia estarão os céus; o sol e a lua ficarão escuros, e as estrelas retirarão o seu brilho*. O Profeta fala aqui de maneira mais hiperbólica; porém, devemos sempre lembrar que se dirigia a homens extremamente estúpidos: convinha-lhe então falar de um modo não usual, para que tocassem nos sentimentos deles; pois de nada servia falar-lhes de jeito totalmente normal a homens perversos, em especial àqueles que se despiram de todo pudor, aos quais Satanás fascinou para que não receassem coisa alguma e não se afligissem por nada. Logo, quando qualquer estupidez apodera-se das mentes dos homens, Deus deve atroar para que sua palavra seja ouvida. Como pois a indolência do povo era monstruosa, era necessário ao Profeta, por assim dizer, expressar palavras monstruosas. Eis a razão por que ele agora diz: *Diante da face deles* (a saber, a dos inimigos) *a terra tremerá*; e em seguida acrescenta: *Os céus também ficarão em angústia*; não que os céus teriam medo dos assírios, mas o Profeta dá a entender que a vingança seria tal que aterraria o mundo inteiro; e isso ele sugere para que os judeus cessassem de se fiar em alguns subterfúgios, pelos quais se vangloriavam, como se pudessem voar nas nuvens ou por si mesmos descobrir alguns esconderijos ou recônditos à distância. O Profeta divulga-as para que percebessem que o mundo todo ficaria cheio de horror quando o Senhor chegasse aparelhado com o seu exército. Ele também fala sobre *o sol e a lua*, como se dissesse: “Não haverá mais nenhuma esperança de amparo vindo de coisas criadas, pois a própria luz vital minguará quando o Senhor despejar a torrente da sua fúria: *O sol e a lua*, diz, *tornar-se-ão escuros; e as estrelas reterão seu fulgor*. Então, mesmo que levanteis vossos olhos, nem mesmo uma centelha de luz haverá para vos confortar, pois as trevas vos cobrirão por todos os lados; e conhecereis, tanto pelo céu quanto pela terra, que Deus está irado para convosco”. Aqui, em suma, ele fecha aos judeus qualquer meio de acesso à esperança; pois não somente os assírios se enfurecerão na terra, mas Deus também dará sinais de vingança do céu, de modo que o sol será constrangido a demonstrar um tal sinal, tanto quanto a lua e todas as estrelas.

Ao fim, ele adiciona: *E Jeová proferirá sua voz diante de seu exército*. Nesse versículo, o Profeta parece antecipar-se a qualquer objeção que os homens pudessem aduzir: “Ó! Tu anuncias sobre nós grandes terrores, como se os assírios não fossem reputados como homens, como se nenhum outro povo tivesse no mundo, como se não houvesse nenhum outro exército, como se não houvesse nenhuma outra força, como se ninguém mais tivesse coragem; contudo, se os assírios são formidáveis no dia de hoje, todavia, eles têm vizinhos que podem reunir força o bastante para se lhes opor”. E o Egito era, naquela época, um país populoso e bem fortificado; e quem não teria dito que os egípcios eram parelhos com os assírios? E os judeus também se achavam a salvos mediante um tratado com aqueles. E havia ainda a Síria, bem como muitos reinos dos quais os judeus podiam se jactar de estarem rodeados, de maneira que nenhum acesso a eles estava franqueado aos assírios; pois por mais deficientes que fossem o povo de Moabe ou o de Amã, não obstante, todos eles estavam ajuntados, precisamente Edom, Amom e Moabe: e

então Tiro, Sidom e os muitos reinos vizinhos decerto teriam sido suficientes para resistirem aos assírios. Ora, para que ninguém objetasse a tudo isso, o Profeta rapidamente se antecede dizendo que Deus seria o líder do próprio exército; como se tivesse dito: “Eu já declaro que isso é a mão de Deus: pois os assírios não virão aqui de moto próprio, isto é, sem serem concitados por Deus: porém, como essa verdade até agora não comoveu suficientemente os vossos sentimentos, saibais que Deus será o chefe de tal exército: *Deus pronunciará sua voz diante de seu exército*”. Aqui ele claramente chama os assírios de os servidores de Deus; então, eles não chegarão como soldados contratados por seu próprio rei, eles não chegarão como dirigindo uma guerra para um rei terreno, mas o Senhor mesmo os guiará e por sua voz incentiva-los-á. Através dessa expressão o Profeta mostra que os judeus não teriam uma escaramuça com uma nação apenas, mas também com o próprio Senhor e com todo o poder celestial dele.

Por esse motivo diz ele: *Deus proferirá sua voz diante de seu exército; pois mui grande será seu arraial*. Ele novamente repete que a multidão que devia executar as ordens divinas seria tão grande que em vão os judeus buscariam forças para resisti-la. *Forte*, diz, *é o que executa sua palavra*. Ele expressa mais claramente o que eu já havia afirmado, que, conquanto a cupidez impelisse os assírios, conquanto eles estivessem resolvidos a rapinar e a pilhar, todavia, eles não viriam meramente por um impulso de si mesmos, mas que o Senhor prepara-los-ia e os usaria como seus instrumentos: *Poderoso*, pois, *é o que faz a palavra de Deus*; ou seja, o que executa o seu comando; não que os assírios tivessem a intenção de demonstrar respeito a Deus ou de oferecerem a ele seu préstimo, como os fiéis o fazem, os quais espontaneamente se devotam a Ele; mas que o Senhor, por sua secreta providência, guiava-os e empregava-os para punir seu próprio povo.

Ele depois acrescenta na última parte: *Pois grande será o dia de Jeová, e terrível: quem o suportará?* Nesta oração ele mostra que a desforra seria tal que reduziria a nada os judeus, e que agora era o tempo para se arrependerem, e que, se eles ainda se fizessem de surdo ao que o Profeta anuncia, Deus castigaria a perversidade deles.

Ora, com respeito ao que ele diz, que *forte* é aquele que faz a palavra de Deus, nós vos lembramos alhures que os homens servem a Deus de duas formas: ou executam suas ordens de bom grado, ou são levados a assim agirem por impulso cego. Os anjos e os fiéis cumprem os mandados de Deus por serem orientados pelo espírito de obediência; porém, os ímpios, bem como o diabo (que é o cabeça deles), também cumprem as ordens divinas; isso, entretanto, não lhes é imputado como obediência, pois apenas são guiados por seus propósitos perversos, procurando destruir, tanto quanto podem, todo o governo de Deus; porém, são coagidos, quer queiram quer não queiram, a obedecerem a Deus, não voluntária ou desejosamente, como eu disse; contudo, o Senhor faz com que todos os esforços deles correspondam ao fim que ele decretou. Então, seja qual for a tentativa que Satanás e os ímpios façam, eles, ao mesmo tempo, servem a Deus e obedecem às ordens dele; e, conquanto se encolerizem contra Deus, esse, todavia, controla-os pela sua rédea, guiando também assim seus esforços e seus objetivos para que correspondam às suas finalidades. Nesse sentido, pois, é que Joel diz que os assírios fariam a palavra de Deus; não que fosse o intento deles obedecer a ele, não que Deus os houvesse ordenado algo, porém, ele aqui propõe a palavra do Senhor como sendo seu secreto propósito. Então, assim como os ímpios não cumprem obediência voluntária a Deus, mas forçados, quando executam as ordens divinas, também há um duplo mandado ou palavra de Deus: há a ordem pela qual ensina seus filhos e os leva a obedecer a ele; e há outra, uma ordem oculta, quando ele não condescende em se dirigir aos homens e não revela o que o agrada ou o que tenciona fazer, mas os permite serem conduzidos por seus desejos pecaminosos; no entretempo, tem ele seu desígnio secreto, o qual executa através desses, ainda que sem a vontade deles.

## ORAÇÃO

*Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto como tu nos convida todo dia com tanta ternura e amor e nos torna conhecida tua paternal benevolência, a qual já nos exibiste em Cristo teu Filho — ó, outorgue que, sendo atraídos por tua bondade, rendamo-nos totalmente a ti, tornando-nos assim educáveis e submissos, para que, por onde for que tu nos guiar pelo teu Espírito, siga-nos com toda bênção: não nos permita, entrementes, ficarmos surdos às tuas advertências; mas, sempre que nos desviarmos do reto caminho, conceda que incontinenti acordemos quando nos avisares, retornando à senda certa, dignando-te também a nos admitir e a nos reconciliar a ti mesmo mediante Cristo nosso Senhor. Amém.*

## QUADRAGÉSIMA-SEGUNDA DISSERTAÇÃO

### Joel 2.12,13

**12.** Agora mesmo diz o SENHOR: Retornai a mim de todo o vosso coração, com jejum, com choro e com lamento.

**13.** Rasgai o coração, não as vestes, e convertei-vos ao SENHOR vosso Deus; porque ele é clemente e misericordioso, lento para se irar, grande em beneficência, e se arrepende do mal.

**12.** Atque etiam nunc dicet Jehova, convertimini ad me in toto corde vestro, et in jejunio, et in fletu, et in planctu.

**13.** Et scindite cor vestrum, et non vestimenta vestra, et convertimini ad Jehovam Deum vestrum, quia ipse propitius et misericors, longus ad iram, et multus clementia, et poenitebit eum super malo.

O Profeta, havendo proclamado o pavoroso juízo que temos observado, agora demonstra que não pretendia aterrorizar o povo à toa, mas, ao contrário, incentivá-los à penitência; o que ele não podia fazer sem lhes oferecer a esperança de perdão; pois, como dantes dissemos (e como pode ser coligido de todas as Escrituras), os homens não podem ser restaurados a uma mente sã caso não acalentem uma esperança da misericórdia divina, considerando que quem é ímpio, quando se desespera, descuida de si próprio totalmente, não atentando para proibição alguma. Daí o Profeta ora representa a Deus como propício e misericordioso, para que, dessa maneira amável, atraísse o povo ao arrependimento.

Ele primeiro diz: *E precisamente agora o Senhor diz: Convertei-vos a mim*. O Profeta não exorta o povo em seu próprio nome, porém, fala na pessoa de Deus mesmo. Ele de fato podia ter testemunhado da mercê que proclamava; porém, o discurso se torna mais dramático ao introduzir Deus como o orador. E há uma grande importância nas palavras, precisamente agora; pois, quando se considera o que observamos no início do capítulo, uma perspectiva de alívio dificilmente podia ser tida como possível. Realmente Deus, de vários modos, tentara restaurar o povo ao reto caminho; mas, como vimos, a maior parte tornara-se tão destituída de percepção que os flagelos de Deus seriam de todo ineficazes; então, nada restava ali senão a completa destruição com a qual o Profeta os ameaçou no começo do capítulo dois. Todavia, em tal estado de desespero, ele ainda apresenta alguma esperança de misericórdia, contanto que voltassem a ele; *agora mesmo*, diz. As partículas **וְגַם** *wegam* são cheias de ênfase, “agora mesmo”, isto é: “Apesar de por demasiado tempo haverdes abusado da longanimidade e, no tocante a vós, a oportunidade ter passado, por haverdes fechado a porta a vós mesmos; não obstante, agora mesmo — o que ninguém podia haver esperado, e o que deveras deveria ser julgado incrível por vós próprios — agora mesmo Deus espera por vós, convidando-vos a acalentar esperança de salvação”. Contudo, era forçoso que essas duas partículas, agora mesmo, fossem acrescidas; pois não está no poder dos homens o fixar para si mesmos, segundo lhes agrade, o momento propício para a misericórdia. Deus revela aqui o tempo aceitável, como diz Isaías (Is 49.8), quando aquele ainda não havia rejeitado os homens, mas se apresenta como sendo benigno. Devemos pois lembrar que o Profeta não dá aqui liberdade aos homens para protraírem a hora, como os profanos e escarnecedores estão habituados a fazerem, os quais brincam com Deus dia após dia; porém, o Profeta mostra aqui que temos que obedecer à voz de Deus quando ele nos convidar, como também diz Isaías: “Eis agora o tempo aceitável, eis o dia da salvação: buscai a Deus agora, pois ele está perto; invocai-o enquanto ele pode ser encontrado”.<sup>13</sup> Assim, pois, como vos faço

<sup>13</sup> Isaías 55.6 (N. do T.)



lembrar, estas duas partículas, *agora mesmo*, são adicionadas para que os homens estejam atentos à voz de Deus quando ele os convidar, para que não demorem até amanhã, pois o Senhor pode então fechar a porta e ficar tarde demais para o arrependimento. Ao mesmo tempo vemos quão indulgentemente Deus tolera os homens, porquanto deixou uma esperança de perdão a um povo tão obstinado e quase incurável.

*Agora mesmo*, ele diz, *retornai vós a mim de todo o vosso coração*. Aqui o Profeta nos lembra que não devemos agir para com Deus fingidamente; pois os homens estão sempre dispostos a brincar com ele. De fato, vemos que quase todo o mundo está habituado a fazê-lo. Deus graciosamente nos encontra e está pronto a nos receber em mercê, ainda que tenhamos nos alheado dele cem vezes; porém, nada trazemos senão hipocrisia e disfarce: por isso o Profeta declara aqui nitidamente que tal dissimulação não agrada a Deus e que nada podem esconder aqueles que apenas fingem algum tipo de arrependimento por sinais aparentes, e que o que é exigido é o sério e sincero sentimento do coração. Isso é o que ele quer dizer por todo o coração; não que o perfeito arrependimento possa ser formado nos homens, mas o coração inteiro ou completo está em oposição a um coração dividido: pois bem têm os homens o conhecimento de que Deus não é ignorante; todavia, dividem seus corações e, quando concedem alguma porção a Deus, pensam que esse fica satisfeito; entretanto, permanece ali uma perversidade oculta no interior, a qual os afasta para longe de Deus. Tal maldade o Profeta ora condena quando diz: *Retornai com o coração todo*. Ele então revela que é uma hipocrisia abominável a Deus quando os homens conservam a maior parte de seus corações, por assim dizer, bloqueados, e acham bastante trazerem somente, por assim dizer, algum sentimento volátil.

Ele em seguida adiciona: *jejum, e choro, e pranto*; e por estas palavras ele revela quão gravemente haviam eles pecado; como se dissesse que eles mereciam não apenas um tipo de destruição, mas que eram dignos de cem mortes; que Deus, por conseguinte, não ficaria então contente com alguma penitência ordinária, a menos que viessem súplices, sentindo profundamente a própria culpa. Certamente, é verdade que devemos diariamente e até constantemente suspirar, pois que persistimos, quase que toda hora, a provocar a ira divina contra nós; porém, o Profeta fala aqui do jejum solene, porque o povo tinha ofendido a Deus tão gravemente que havia sido requerida alguma confissão extraordinária, tal como a que ele aqui descreve. *Vinde pois a mim com jejum, e choro, e lamentação*, isto é: “Demonstrai com pormenores que sois culpados e em submissão rogai pela não aplicação da vingança que, por vossa impiedade, mereceis”. Ele fala como um juiz quando diz ao criminoso para não agir dissimuladamente, mas confessar simplesmente o seu delito. Os réus estão realmente acostumados a tramarem muitas escusas para evitar a pena; contudo, quando o juiz considera um homem culpado e fica abundantemente provado que é, diz: “Que proveito podeis vós alcançar? Pois essas evasivas e subterfúgios pioram a vossa situação: porque agora eu os mantenho presos, e não podeis escapar mediante tais truques, e somente provocarão mais o meu desagrado. Se então desejais que eu demonstre favor para convosco, admitis quão gravemente vós delinqüistes, sem nenhuma falsa aparência; confessai já que sois dignos de morte, e que nada mais vos resta se eu não perdoar a vós misericordiosamente: pois que, se tentardes minorar vosso crime, se tentardes, por alguma desculpa, buscar a suspensão temporária da pena, nada lograreis”. Assim Deus ora trata com esse povo: *Retornai a mim*, diz; primeiro, com sinceridade; depois, *com jejum, com choro, e com lamento*; isto é: “Que transpareça que vós, de maneira súplice, orais para que seja afastada a destruição que mereceis, pois o arrependimento moderado não servirá, visto que sois culpados de tantos crimes diante de mim”. Apreendemos agora o sentido dado pelo Profeta.

Ele então acrescenta um comentário no fim: *Rasgai o vosso coração, e não os vossos vestidos, e convertei-vos a Jeová vosso Deus*. O Profeta repete ainda que temos que se avir com Deus sinceramente; pois todas aquelas cerimônias através das quais os homens imaginam que se desincumbem de seus deveres são meros deboches quando não são precedidas por um coração puro e sincero. Porém, como

estavam acostumados a, em circunstâncias lutuosas, rasgar suas vestes, ele, portanto, diz: “Deus ficou agora impassível a tais práticas; pois na estima dos homens sois bastante cerimoniosos, mais do que o suficiente; deveras rasgais vossos hábitos e, dessa forma, atraís a comiseração dos homens; no entanto, vosso coração continua inteiro, não há rasgo nem abertura: *Rasgai* então *vosso coração*”, ou seja: “Parai de zombardes assim de Deus, como costumais fazer, e principiai com vosso coração”. É realmente certo que os orientais eram dados a muitos rituais; contudo, a maldade que o Profeta condena aqui nos judeus é, no modo de dizer, natural a todos os homens; de maneira que todos nós estamos propensos à hipocrisia, precisando ter sua atenção atraída para a sinceridade do coração. Devemos pois lembrar que tal verdade deve ser apresentada a todas as épocas e a todas as nações. Sonde cada um a si próprio, e descobrirá que padece deste mal: preferir rasgar sua roupa a rasgar seu coração. E, dado que os judeus normalmente observavam esse costume, não é sem causa que o Profeta ridiculariza-o, dizendo que não tinha importância nenhuma para Deus caso não rasgassem os seus corações. Porém, quando os manda rasgar seus corações e não suas vestes, conquanto pareça repudiar tal praxe exterior, todavia, ele não a condena claramente, mas sugere que era algo lícito, contanto que o coração estivesse rasgado. Ora, esta expressão — *rasgai o coração* — não deve ser considerada severa, pois é para ser relacionada à prática exterior: quando rasgam as vestimentas, fazem-se nus perante Deus e despem-se de todos os ornamentos; porém, esse queria que eles ficassem desgostosos consigo mesmos, desnudando antes o próprio coração. O coração dos hipócritas, sabemos, fica encoberto, e sempre eles recorrem a esconderijos para evitarem a presença de Deus. Então a símile é oportuníssima quando o Profeta ordena-lhes que rasguem o coração. Além do que, a passagem é clara o bastante, não precisando de muitas observações: ela quer dizer que Deus repara no real sentimento do coração, como é dito em Jeremias 5; ele não se contenta com a obediência visual, tal como a que os homens exibem, mas nos quer lidando com ele em sinceridade e verdade.

Portanto, ele repete ainda: *Retornai a Jeová vosso Deus*. Aqui, o Profeta mostra, partindo do que Deus é, que os homens de maneira tola e crassa iludem a si próprios quando querem agradar a Deus com suas cerimônias: “Quê!” diz ele, “tendes vós de vos avir com uma criança?” Pois a significação das palavras é esta: “Quando uma ofensa contra o homem tem de ser removida, vós vades a ele ansiosamente: agora, quando percebeis que Deus está irado para convosco, pensais que ele será propício a vós, se somente brincardes com ele? Pode Deus suportar uma semelhante ignomínia?” Sendo assim, percebemos o que o Profeta quer dizer quando fala: *Convertet-vos a Jeová vosso Deus*; isto é: “Lembraís que não tendes que tratar com um pedaço de madeira ou com uma pedra, mas com o vosso Deus, o qual esquadrinha os corações, a quem os mortais não podem ludibriar com astúcia nenhuma”. O mesmo é dito por Jeremias: ‘Israel, se tu te converteres, converte-te a mim’ (Jr 4.1); ou seja: “Não simuleis retornar por percursos tortuosos e meandros, porém, vinde em um caminho reto e com real sentimento de coração, pois sou eu quem chama a ti”. Assim também o Profeta ora diz: *Retornai a Jeová vosso Deus*.

Segue-se então a promessa de perdão: *Pois ele é propício e misericordioso*. Já dissemos que em vão se prega arrependimento se os homens não acalentam uma esperança de salvação; pois jamais podem ser levados a verdadeiramente temerem a Deus caso não confiem nele como seu Pai, como é afirmado no Salmo 130.4: ‘Contigo está a propiciação, para que sejas temido’. Por isso, sempre que os Profetas estavam anelantes por produzirem alguma coisa através de sua doutrina, enquanto exortavam o povo à penitência, juntavam ao convite “vinde” a segunda parte, “vós não vireis em vão”. Tal “vinde” envolve todas as exortações ao arrependimento: “Vós não vireis de balde”, inclui este testemunho sobre a graça de Deus, que Ele nunca rejeitará os miseráveis pecadores, contanto que retornem a ele com o coração. O Profeta pois se ocupa no momento com esta segunda questão: Deus, diz, *é propício e misericordioso*. E tal conexão deve ser por nós observada; pois, assim como Satanás enche-nos de insensibilidade quando Deus nos convida, também ele nos arrasta para o desespero quando Deus anuncia juízo, quando esse revela que

não é tempo para dormir. “Que bem obtereis?” Desse modo, Satanás, por seu ardil, descorçoa-nos, que labutamos em vão quando buscamos ser reconciliados com Deus. Portanto, sempre que as Escrituras nos exortarem à penitência, aprendamos a anexar esta segunda parte: “Deus não nos convida debalde”. Então, se voltarmos a ele, ele instantaneamente ficará inclinado a nos conceder perdão; pois não quer ele que homens miseráveis esforcem-se em vão ou sejam atormentados. Esse é o benefício de que o Profeta fala quando diz que Deus é propício e misericordioso.

Em seguida, acrescenta que *ele é vagaroso para a ira e abundante em benevolência*. Tais declarações com relação a Deus ocorrem muitas vezes em outros lugares; e todos os Profetas, tanto quanto Davi, tomaram emprestado essas declarações de Êxodo 34.6, onde a natureza de Deus é descrita; e diz-se dele ali como sendo propício e compassivo, lento para a ira e rico em bondade. Ainda que não haja necessidade de se deter mais nessas palavras, visto como divisamos o desígnio do Profeta, todavia, observações mais alongadas não serão supérfluas, já que o Profeta só genericamente recomenda a misericórdia divina. Apesar de os homens se perdoarem excessiva e confiadamente, não obstante, quando Deus os chama para si, não são capazes de receberem sua mercê; ainda que ateste duas ou três vezes que lhes será propício, todavia, não os consegue persuadir senão com grande dificuldade. Eis a razão por que o Profeta, após haver dito que Deus é propício e misericordioso, acrescenta que ele é *tardio para a cólera, e rico em bondade*; era para que os judeus superassem sua desconfiança e que, por mais que muito desespere os detivesse, todavia, não hesitassem em vir a Deus, visto que esse se declara como sendo compassivo.

Por derradeiro, ele acrescenta: *Ele arrepender-se-á do mal*. O Profeta aqui não somente descreve a natureza de Deus, mas vai mais longe, dizendo que Deus, que é por natureza apaziguável, não permanecerá determinado em seu propósito quando vir o povo regressando a ele com sinceridade; mas que permite a si próprio voltar a exhibir favor quando perdoa ao homem a pena que anteriormente anunciara. E é um modo de falar que amiúde ocorre nas Escrituras, que Deus se arrepende do mal; não que ele realmente mude sua intenção, mas isso é dito em consonância com as concepções dos homens: pois Deus é, em si mesmo, imutável, e diz-se que ele altera seu intento quando indulta o homem e retira a punição com que outrora ameaçava. Tudo o que procede da boca de Deus deve ser reputado por decreto inviolável; no entanto, Deus freqüentemente nos ameaça de forma condicional, e, conquanto a condição não esteja expressa, entretanto, tem que ser compreendida: porém, quando ele se pacifica para conosco e afrouxa o castigo, o qual estava, de certa forma, já decretado em conformidade com a palavra externa, então é dito que ele se arrepende. E sabemos — visto como não apreendemos a Deus tal como esse é — que ele é, por conseguinte, descrito a nós de tal maneira que possamos compreender, segundo a medida de nossa fraqueza. Destarte, Deus amiudadas vezes faz o papel de homens, como se fosse como eles; e tal modo de falar é comum, e, como falamos disso em outras partes, passo por isso com mais brevidade.<sup>14</sup> Segue-se —

<sup>14</sup> Como conciliar a doutrina bíblica da imutabilidade divina (cf. Tg 1.17; 1 Sm 15.29; Nm 23.19; Ml 3.6; Sl 33.11; Pv 19.21; Is 14.24; 46.9,10) com passagens como Gn 6.6, Ex 32.14, Jn 3.10 e Jr 18.8, que atribuem a Deus arrependimento? A solução proposta por João Calvino nessa exposição resolve a questão mui satisfatoriamente; contudo, o Reformador não se aprofunda no assunto, já que não era o escopo fazê-lo aqui. Sobre a questão em tela, em nota a Jr 18.8, a célebre *Bíblia de Genebra* traz: “Quando as Escrituras atribuem a Deus arrependimento, não é que isso esteja em oposição ao que ele ordenou em seu secreto conselho; mas, quando ameaça, é um chamado ao arrependimento, e quando ele dá ao homem graça para se arrepender, a ameaça (a qual sempre contém em si uma condição) não se concretiza: e a isso as Escrituras denominam arrependimento, pois é assim que se afigura ao discernimento do homem”. Já Albert Barnes, em *Notes on the Bible*, ao comentar Gn 6.6, escreve: “Indo à raiz da matéria, todo ato da vontade divina, do poder criativo ou da interferência com a ordem da natureza parece não concordar com inflexibilidade de propósito. Mas, em primeiro lugar, o homem tem uma mente finita e uma esfera

## Joel 2.14

14. Quem sabe *se* não voltará e se arrependerá, e não deixará depois uma bênção, em oferta de manjar e libação para o SENHOR vosso Deus?

14. Quis novit an revertatur et poeniteat eum, et relinquat post se (alii vertunt, post eum; ego tamen malo sic transferre, Relinquat post se) benedictionem, oblationem et libamen Jehovae Deo vestro?

À primeira vista, o Profeta dá a impressão de deixar os homens aqui perplexos e cheios de dúvida; no entanto, no último versículo, como vimos, ele oferecera uma esperança de favor, contanto que eles se arrependessem sinceramente. Em vista disso, o Profeta parece não seguir o mesmo tema, mas antes alterá-lo: e já dissemos que todas as exortações pelas quais Deus nos concita à penitência seriam frígidas, mais que isso, inúteis, se ele não tivesse de testificar que está disposto a ser reconciliado. Então, dado que o Profeta deixa aqui as mentes dos homens em dúvida, ele parece anular o que antes certificara com respeito à misericórdia divina. Contudo, devemos entender que esse é um modo de falar que ocorre com frequência nas Escrituras. Pois onde quer que Deus nos é apresentado como alguém dificilmente disposto a perdoar, isso é feito para nos movermos da nossa preguiça e também para nos livrarmos da nossa negligência. Em princípio ficamos inertes quando Deus nos convida, a não ser que ele aplique seus muitos aguilhões; depois, agimos formalmente ao vir a ele: conseqüentemente, é necessário que estes dois vícios em nós sejam corrigidos: nossa letargia deve ser expulsa, e aquelas autocomplacências, nas quais também nos entregamos excessivamente, têm que ser sacudidas para fora. E esse é o objetivo do Profeta, pois ele se dirige, como vimos, a homens quase irremediáveis. Houvesse ele dito apenas que Deus está pronto para perdoar, houvesse ele empregado tal jeito de falar, eles teriam vindo negligentemente, e não teriam sido tocados suficientemente pelo temor de Deus: por isso o Profeta aqui, por assim dizer, debate a matéria com eles: “Mesmo que de justiça devamos nos desesperar quanto ao perdão (pois não somos dignos de sermos recebidos por Deus), todavia, não há motivo algum para nos desesperarmos; *pois quem sabe*” o que significa: “Deus é apacável e não devemos nos desesperar”.

O Profeta expõe aqui então a dificuldade de obtenção de perdão, não para deixar os homens na incerteza, pois isso seria contrário a sua doutrina anterior, mas para neles criar um desejo pela graça de Deus, para que pudessem paulatinamente ganhar coragem, não atingindo de imediato a confiança, mas

---

limitada de observação; por conseguinte, não é capaz de conceber ou exprimir pensamentos ou atos exatamente como eles são em Deus, mas somente como são em si mesmo. Em segundo lugar, Deus é um espírito e, portanto, possui os atributos de personalidade, liberdade e santidade; e a passagem diante de nós foi tencionada para apresentá-los em toda a realidade da ação deles e nisso distinguir a liberdade da mente eterna do fatalismo da matéria inerte. Terceiro, tais afirmações representam processos reais do Espírito divino ao menos análogos àqueles do humano. E, por fim, para verificar esse fato não é necessário que estejamos aptos a compreender ou interpretar para nós mesmos em todos os seus detalhes práticos aquela sublime harmonia que subsiste entre a liberdade e a imutabilidade de Deus. Essa mudança de estado que é da essência da vontade, liberdade e atividade pode se dar por sabermos de alguma coisa, mas o que sabemos deve estar em profunda unissonância com a eternidade do propósito divino”. Por seu turno, J. Ramseyer (citado por J. J. von Allmen em *Vocabulário Bíblico*, ASTE, 1972) observa que “Deus se arrepende do mal que intentara fazer (Jr. 18.10), mas este texto em si traz também a idéia de que Deus se arrepende do bem que tinha projetado”. Isso porque a ira divina (ao contrário da do homem) não é uma mudança de humor diante de algo desagradável, mas uma atitude fixa contra o pecado: “este arrependimento de Deus exprime, à maneira humana, a exigência de sua santidade, que não pode suportar o pecado” (nota da *Bíblia de Jerusalém* a Gn 6.6). Para finalizar, Charles Hodge, eminente teólogo presbiteriano americano do século XIX, escrevendo em sua monumental obra *Systematic Theology* (<http://www.ccel.org/ccel/hodge/theology1.html>). Acessado em 18/03/2008) a respeito da imutabilidade de Deus, comenta: “Como Ser infinito e absoluto, auto-existente e absolutamente independente, Deus é exaltado acima de todas as causas de e mesmo acima da possibilidade de mudança. O espaço infinito e a duração infinita não podem alterar-se. Devem ser sempre o que são. Assim também é Deus absolutamente imutável em sua essência e atributos. (...) Ele não é menos imutável em seus planos e propósitos. Infinito em sabedoria, não pode haver erro algum em suas cogitações; infinito em poder, não pode haver falha alguma no cumprimento dessas”. (N. do T.)

para que se chegassem a Deus anelantes, com muita ponderação, levando devidamente em conta suas ofensas. Compreendemos agora o propósito do Profeta.

Porém, isso será mais facilmente compreendido supondo-se duas gradações no arrependimento. Então a primeira etapa é quando os homens sentem o quão gravemente pecaram. Aqui a tristeza não é para ser removida de imediato segundo a maneira dos impostores, os quais seduzem as consciências dos homens para que cedam ao desejo e enganem a si próprios, com autobajulações vazias. Pois o médico não alivia logo a dor, mas considera o que é mais imprescindível: pode ser que ele a aumente, pois uma limpeza meticulosa pode se fazer necessária. Assim também agem os Profetas de Deus: quando notam consciências trementes, não aplicam imediatamente consolações calmantes, porém, ao invés disso, mostram que elas não devem, como já dissemos, brincar com Deus, exortando-as enquanto voluntariamente correm para ele, pondo diante delas o terrível julgamento divino para que fiquem mais e mais humilhadas. A segunda etapa é quando os Profetas animam as mentes dos homens, revelando que Deus agora os encontra de bom grado, não desejando outra coisa que não os ver desejosos de serem reconciliados a ele.

O Profeta agora os está encorajando a darem o primeiro passo ao dizer: *Quem sabe o Senhor voltará?* Contudo, alguns podem objetar e dizer: “Então o Profeta falou sem coerência; pois primeiro descreveu Deus como misericordioso e falou da irrestrita bondade desse; e depois lança uma dúvida: ele parece não guardar congruência nenhuma aqui”. Respondo que os Profetas de Deus não se preocupavam em se manter firmes e de contínuo coerentes em seus discursos; e mais, que o Profeta não fala aqui debalde ou imponderadamente; pois ele, em primeiro lugar, de maneira genérica expõe Deus como clemente e, em seguida, dirige-se particularmente a um povo que era quase incorrigível, dizendo: “Conquanto pensais que está tudo acabado convosco quanto à vossa salvação, e que mereceis ser rejeitados por Deus, todavia, não deveis continuar nesse estado; antes, acalentai uma esperança de perdão”. Isso é o que o Profeta propõe; ele não deixa dúvidas, de modo a fazer com que o pecador ficasse na incerteza se podia ou não alcançar perdão; porém, como eu disse, ele queria somente suscitar o torpor e também sacudir suas vãs auto-adulações.

Ele então adiciona, *E deixar após si uma bênção*. Vemos aqui mais claramente o que eu já disse, que o Profeta, considerando o estado daqueles a quem se dirigia, expressa uma dificuldade: pois os judeus não deviam escapar da punição temporária, e o Profeta não pretendia deixá-los ir em um estado de confiança, como se Deus não infligisse sobre eles castigo; ao contrário, ele desejava dobrar suas cervizes para que recebessem os golpes de Deus e pacificamente se submetessem à correção dele. Mas toda a esperança poderia ter sido perdida quando os judeus vissem que, mesmo que o Profeta houvesse declarado que Deus seria propício, eles, não obstante, não seriam poupados, porém, sofreriam severa pena por seus pecados: “O que isso significa? Deus então nos faltou com a palavra? Esperávamos que ele fosse propício, no entanto, não cessa de se irar conosco”. Por conseguinte, o Profeta ora acrescenta a observação no final: *Quem sabe se ele não deixará atrás de si uma bênção?*

O que é isto — *após si?* O que isso quer dizer? Exatamente isto: que, visto como Deus tinha de ser um severo juiz para punir a maldade do povo, o Profeta ora diz: “Mesmo que Deus bata em vós com as suas varas, não obstante, pode ele vos aliviar ministrando conforto. De fato julgais que fostes espancados quase até a morte; mas o Senhor moderará sua cólera, de modo que a essas dolorosíssimas punições seguir-se-á uma bênção”. Entendemos agora pois o propósito do Profeta: pois ele não promete simplesmente perdão aos judeus, mas mitiga o medo do castigo, isto é, que, embora Deus os castigasse, esse, todavia, daria lugar à misericórdia. Então, Deus *deixará após si uma bênção*; ou seja: “Tais golpes não serão incuráveis”. E essa admoestação é mui necessária sempre que Deus trata severamente conosco, pois,

quando sentimos sua ira, achamos que não resta mais graça. Não é então sem motivo que o Profeta diz que Deus deixa atrás de si uma bênção; o que significa que, quando ele passa por nós com sua verga, ele, todavia, comederá sua severidade, para que permaneça alguma bênção.

Em seguida, ele acrescenta, **מנחה ונסך ליהוה אלהיכם mincha wasesech laYehovah Elohim, uma oferta e uma libação**, diz, *a Jeová vosso Deus*. Isso foi intencionalmente adicionado para que os judeus nutrissem mais esperança. Pois, no tocante a eles, tinham merecido ser cem vezes exterminados inteiramente; sim, mereciam definhar de fome completamente: contudo, o Profeta dá a entender aqui que Deus teria consideração pela própria glória e pelo próprio culto. “Mesmo que mereçamos perecer de fome”, diz, “não obstante, Deus será movido por uma outra consideração, precisamente esta: para que haja alguma oferenda, para que haja alguma libação no templo. Então, já que Deus elegeu-nos para si como povo e requereu que as primícias se lhe fossem oferecidas, e consagrou para si todas as nossas provisões e toda nossa produção naquelas, bem como nas ofertas diárias, ainda que tenha agora resolvido nos consumir com a fome e a carestia, todavia, para que seu culto prossiga, ele nos tornará a terra fértil, e trigo e vinho ainda serão produzidos para nós”. Porém, o Profeta não quer dizer que haveria trigo apenas na quantidade suficiente para as oblações, ou vinho somente o bastante para as libações; mas ele quer dizer, como eu já falei, que, conquanto Deus não providenciasse a segurança do povo, não obstante, teria ele estima pela própria glória. Deus exigia que o cereal e o vinho lhe fossem oferecidos, não que carecesse deles, mas porque consagrou para si os nossos víveres. Como então ele queria que o alimento e as provisões, pelos quais vivemos, fossem-lhe santificados, ele não permitirá que falem totalmente. “Deus, todavia, com certeza se apiedará de nós, e se apiedará porque se dignou a nos escolher como povo seu e, assim, juntar-se a nós, pois deseja, por assim dizer, comer conosco”. Pois Deus parecia então partilhar, no modo de dizer, da mesma mesa com o povo dele; pois a lei exigia que pão ou espigas de trigo, bem como vinho, fossem oferecidos a Deus: não que esse, como dissemos, precisasse de semelhante sustento, mas para que demonstrasse que tinha todas as coisas em comum com o seu povo. Tal comunhão, então, ou comunidade de Deus com seu povo eleito, dava-lhes mais esperança; e isto é o que o Profeta tinha em vista.

## ORAÇÃO

*Conceda, Deus Todo-Poderoso, que, porquanto tu nos vês tão tolos nutrindo nossos vícios e também tão enredados pelas gratificações da carne que, sem sermos compelidos, dificilmente retornamos a ti — ó, permita que sintamos o peso de tua cólera para que, sendo tocados com o horror dela, voltemos a ti alegremente, jogando fora toda dissimulação e nos devotando integralmente ao teu serviço, a fim de transparecer que nos arrependemos de coração, e que não gracejamos de ti com pretexto vazio, mas que te ofereçamos nossos corações como sacrifício, para que nós e todas as nossas obras sejam oferendas sagradas a ti através de nossa vida inteira, e que teu nome seja glorificado em nós mediante Cristo nosso Senhor. Amém.*

## QUADRAGÉSIMA-TERCEIRA DISSERTAÇÃO

### Joel 2.15-17

**15.** Tocai a buzina em Sião, santificai um jejum, convocai uma assembléia solene.

**16.** Congregai o povo, santificai a congregação, ajuntai os anciãos, congregai as crianças, mesmo as lactentes; saia o noivo de sua recâmara, e a noiva de seu tálamo.

**17.** Chorem os sacerdotes, os ministros do SENHOR, entre o pórtico e o altar, e digam: Poupas a teu povo, ó SENHOR, e não entregues a tua herança ao vitupério, para que as nações o dominem; porque diriam entre os povos: Onde *está* o seu Deus deles?

**15.** Clangite tuba in Sion, sanctificate jejunium, indicite conventum:

**16.** Colligite populum, sanctificate coetum, coedunate senes, colligite parvulos et sugentes ubera, et egrediatur sponsus e penetrali suo et sponsa e thalamo suo.

**17.** Inter atrium et altare plorent sacerdotes, ministri Jehovae, et dicant, Propitius esto Jehova super populum tuum; et ne des haereditatem tuam in opprobrium, ut dominantur super eos gentes: cur dicent in populis, Ubi est Deus corum?

Novamente o Profeta os lembra aqui que havia necessidade de profundo arrependimento, pois não só os indivíduos haviam transgredido, mas o povo como um todo se tornara culpado diante de Deus; e também sabemos quantos e quão graves haviam sido os pecados do segundo. Não é de se espantar, então, que o Profeta exija uma pública profissão de penitência.

Ele primeiro lhes ordena *tocar a trombeta em Sião*. Este costume, como vimos no início do capítulo, era de uso comum sob a Lei: eles compareciam aos seus encontros pelo som das trombetas. Não há dúvida, pois, de que o Profeta aluda aqui a uma reunião singular. Tocavam as trombetas sempre que chamavam o povo para as festas. Porém, deve ter sido estranho para os judeus proclamar um jejum devido ao pesado juízo de Deus, o qual estava para sobrevir a eles a menos que fosse obstado. Ele então revela a finalidade disso, mandando-os *santificarem um jejum*. Por esta palavra קדש *kadash*, ele quer dizer uma proclamação para um santo propósito. *Santificai* então *um jejum*,<sup>15</sup> ou seja: proclamai um jejum no nome de Deus.

Tocamos ligeiramente no tema do jejum no primeiro capítulo, mas transferimos para este ponto uma discussão mais ampla. Jejuar, sabemos, não é em si mesmo uma obra meritória, como os papistas o imaginam ser: de fato não há, estritamente falando, obra meritória nenhuma. Contudo, os papistas têm devaneios de que jejuar, além de seu mérito e valor, é também por si mesmo de muita utilidade no culto de Deus; no entanto, jejuar, quando considerado em si mesmo, é uma obra nem boa nem má.<sup>16</sup> Não é, pois, sancionado por Deus que não para seu fim. Deve ele estar conectado com algo mais, caso contrário, é algo vão. Os homens, mediante jejuns individuais, preparam-se para o exercício da oração, ou mortificando a própria carne ou procurando um remédio para alguns vícios ocultos. Ora, eu não denomino jejum de abstinência, pois os filhos de Deus, conhecemos, devem, durante toda a vida, ser sóbrios e comedidos em seus hábitos; porém, reputo ser jejum quando algo é abstraído de nossa regra

<sup>15</sup> Isto é, restrição. Literalmente fica: *Proclamai uma restrição*. E, como isso significa uma contenção geral tanto de trabalho quanto de comida, é aplicado para designar um dia de festa, quando os homens são impedidos ou restringidos do trabalho. (N. do E. inglês.)

<sup>16</sup> Medium opus, “uma obra média, neutra, nem boa nem má”. (N. do E. inglês.)

ração: e um semelhante jejum, quando praticado em privado, é, como eu disse, ou uma preparação para o exercício da oração, ou um recurso para mortificar a carne, ou uma cura para certos vícios.

Mas, quanto a um jejum público, é ele uma solene confissão de culpa quando os homens se aproximam súplices do trono de Deus, reconhecem-se dignos de morte e ainda pedem perdão por seus pecados. Jejuar, então, com respeito a Deus, é similar a vestimentas pretas e acanhadas e a uma barba grande diante de juízes terrenos. O criminoso não vai perante o juiz em um traje esplêndido, com todas as suas coisas finas, mas lança fora tudo que antes era elegante em sua aparência, e por seu cabelo despenteado e barba longa tenta instigar a compaixão do juiz dele. Há, simultaneamente, outra razão para jejuar: pois, quando temos que tratar com homens, desejamos agradar seus olhos e granjear o favor deles; e aquele que jejua não somente atesta que é culpado, mas também lembra a si próprio da culpa. Pois, uma vez que não somos suficientemente tocados pelo senso da ira de Deus, aqueles auxílios que ajudam a nos estimular e a nos mover são úteis. Aquele que jejua estimula-se ao máximo à penitência.

Percebemos agora o reto uso do jejum. Porém, é do jejum público que o Profeta fala aqui. Para que propósito? Para que os judeus, a quem ele outrora intimara, apresentassem-se diante do tribunal de Deus, e para que chegassem ali, não com vãs escusas, mas com humilde oração. Este é o desígnio do jejum. Percebemos agora quão tolamente os papistas abusam do jejuar, pois acham ser ele uma obra meritória e imaginam que Deus é honrado pela abstenção de comida; eles também mencionam esses benefícios de jejuar aos quais fiz referência, contudo, juntam jejuns com festas, como se houvesse alguma religião em se abster de carne ou certos alimentos. Percebemos agora então por quais puerilidades grosseiras os papistas gracejam de Deus. Devemos, pois, observar cuidadosamente o fim colimado toda vez que as Escrituras falam de jejuar; pois tudo ficará confundido caso não lancemos mão do princípio que eu enunciei — que jejuar deve estar sempre conectado com o seu fim. Prosseguiremos agora.

*Proclamai, diz, um encontro.* **עצרה** *'atsarah* não é propriamente uma assembléia, mas o ato de se reunir em si mesmo: daí a palavra também ser transferida a festividades. *Proclamai, pois, uma reunião, chamai o povo, santificai a assembléia.* A palavra, santificar, parece ser adotada aqui em um sentido diferente do que ela fora antes. O povo, a fim de se envolver em santos serviços, realizava aqueles rituais pelos quais se limpavam de suas profanações, como é bem conhecido. Ninguém adentrava o templo sem se lavar, e ninguém oferecia um sacrifício sem se abster de relação sexual com sua esposa. O Profeta então alude a essas purificações legais quando diz *santificai a assembléia*.

Depois, ele acrescenta: *Ajuntai os velhos, apanhais os recém-nascidos amamentando nos peitos.* A propósito dos idosos, dissemos anteriormente que são indicados separadamente porque deviam ter tomado a liderança pelo seu exemplo; ademais, uma culpa maior lhes pertencia, pois sabemos que é uma obrigação que incumbe aos anciãos governar outros e, por assim dizer, segurar as rédeas. Porém, quando os velhos mesmos se tornam dissolutos e não refreiam as concupiscências dos jovens, ficam aqueles duplamente culpados perante Deus. Não é de se admirar então que o Profeta ordene aqui que os idosos sejam chamados, pois a eles convinha serem os líderes de outros para confessarem arrependimento. Contudo, o que se segue parece estranho. Ele queria que as crianças amamentando nos peitos fossem congregadas. Por que são estes incluídos como envolvidos no delito? Além disso, o povo devia confessar a sua penitência; no entanto, infantes não têm entendimento nem conhecimento, de forma que não podiam se humilhar diante de Deus. Então, deve ter sido uma zombaria e uma vã exibição; ou melhor, o Profeta aparenta encorajar o povo na hipocrisia ao mandar que crianças recém-nascidas se reunissem juntamente com homens e mulheres. A isso respondo que as crianças tinham de ter sido ajuntadas para que aqueles adultos e os de idade avançada percebessem, através dessas, o que eles mereciam: pois a ira de Deus, sabemos, alcançou até os próprios infantes, sim, até os animais irracionais: quando Deus estende



sua mão para punir algum povo, nem jumentos nem bois ficam isentos do castigo comum. Então, já que a cólera divina sobrevém às bestas inconscientes e aos recém-nascidos, não é de se maravilhar que o Senhor ordene a todos que saiam publicamente e façam uma confissão de arrependimento; e vemos ter se dado o mesmo com os animais irracionais, e quando (se o Senhor o permitir) chegarmos ao Profeta Jonas, falaremos então sobre este assunto. Os ninivitas, quando proclamaram um jejum, não só se abstiveram de comida e bebida, mas constrangeram igualmente seus bois e cavalos a fazerem o mesmo. Por quê? Porque os mesmíssimos elementos estavam envolvidos com eles, por assim dizer, na mesma culpa: “Senhor, nós profanamos a terra: tudo o que possuímos também contaminamos por nossos pecados. Os bois, os cavalos e os asnos são em si mesmos inocentes, mas foram contagiados pelas nossas libertinagens: logo, para que obtenhamos misericórdia, não só nos apresentamos súplices perante a tua face, mas trazemos também nossos bois e cavalos; pois, se tu exerceres a mais completa severidade contra nós, destruirás seja o que for que esteja em nossa posse”. Assim também agora, quando o Profeta ordena que meninos sejam trazidos diante de Deus, isso se dá por causa de seus pais. Os meninos eram em si mesmos inocentes no tocante aos crimes dos quais ele fala; no entanto, o Senhor podia com justiça ter destruído os infantes juntamente com aqueles de idade avançada. Então não é de se espantar que, a fim de aplacar a ira de Deus, as próprias crianças sejam convocadas com o restante: porém, como eu já disse, a razão é devida aos pais delas, para que os pais mesmos percebessem o que mereciam diante de Deus e que aborrecessem ao máximo seus pecados ao observarem que Deus tomaria vingança sobre seus filhos, a menos que fosse serenado. Pois deviam ter racionado do menor para o maior: “Vede, se Deus exercer seu direito para conosco, haverá destruição pairando não apenas sobre nós, mas também sobre nossos filhos; se eles são culpados por causa de nossos crimes, o que poderemos dizer de nós mesmos, que somos os autores desses males? A culpa é toda nossa, então severa e medonha será a vingança de Deus sobre nós, a menos que nos reconciliemos com ele”.

Discernimos agora então o porquê de os infantes serem chamados juntos com seus pais: não para que confessassem sua penitência, porquanto não era compatível com a idade delas, mas para que seus pais ficassem mais comovidos, para que um tal espetáculo tocasse seus sentimentos, e o horror também deles se apoderasse ao virem que seus filhos estavam fadados a morrer com eles por nenhuma outra causa que não pelo contágio e impiedade com que eles infectaram a terra inteira e tudo o que o Senhor outorgara a eles.

Em seguida, acrescenta no fim: *Que o noivo saia de sua alcova, ou recanto, e a noiva de sua câmara*. É o mesmo que se o Profeta tivesse ordenado que todo o gozo cessasse entre o povo; pois em si mesmo não era mal nenhum celebrar núpcias, mas era obrigação do povo abster-se de todo regozijo ao ver a ira de Deus ora ameaçando cair sobre eles. Desse modo, as coisas em si mesmas legítimas devem, por um tempo, ser postas de lado quando Deus mostra-se irado conosco; pois não é tempo próprio para bodas ou festas alegres quando a cólera divina está acesa, quando as trevas da morte espalham-se em todo derredor. Não maravilha, pois, que o Profeta mande o noivo e a noiva saírem do quarto deles, isto é, deixarem de lado todo gozo e adiarem suas núpcias para uma época mais conveniente, e por ora privarem-se de seus deleites, pois o Senhor surgia armado contra todos. Teria sido então provocar, no modo de dizer, a Sua ira ceder insensatamente aos prazeres quando ele não apenas desejava aterrorizar, mas quase amedrontar à morte aqueles que haviam pecado: pois, quando o Senhor ameaça vingança, o que mais é a indiferença senão um escárnio ao seu poder? “Eu vos chamei para chorar e se lamentar, mas vós dizeis: ‘Nós festejaremos’; assim como eu vivo, tal iniquidade nunca será cancelada”. Vemos agora quão extremamente desagradado o Senhor aparentava estar ali com aqueles que, havendo sido chamados para chorar e jejuar, todavia, entregavam-se aos seus prazeres; pois os tais em conjunto, como eu disse, riem com desdém do poder de Deus. A exortação do Profeta devia então ser notada quando ordena ao

noivo e à noiva que deixassem suas núpcias e vestissem a mesma aparência de luto do resto do povo. Ele assim sacode o descaso de todos, já que Deus havia aparecido com sinais de sua ira. Eis o sumário do todo.

Segue-se então: *entre o átrio e o altar, que os sacerdotes, os ministros de Jeová, chorem*. Era o ofício dos sacerdotes, sabemos, orar no nome do povo todo; e o Profeta segue agora essa ordem. Não era, de fato, peculiar aos sacerdotes orar e pedir perdão a Deus; porém, eles oravam no nome do povo todo. A razão deve ser bem conhecida de nós, pois Deus intentava por esses tipos legais lembrar os judeus que eles não podiam lhe oferecer orações senão através de algum mediador: o povo era indigno de oferecer oração por si próprio. Por isso o Profeta era, por assim dizer, a pessoa intermediária. O todo disso tem de ser relacionado a Cristo, pois por meio dele nós agora oramos: ele é o Mediador que intercede por nós. O povo naquele tempo ficava à distância, mas nós agora ousamos nos achegar a Deus, pois o véu está rasgado, e através de Cristo todos nós somos feitos sacerdotes. Portanto, é-nos concedido, de uma maneira familiar e confiante, chamar a Deus de nosso Pai; no entanto, sem a intercessão de Cristo, nenhum acesso a Deus ser-nos-ia aberto. Esse então era o motivo para o encontro legal. Destarte, o Profeta ora diz: *Que os sacerdotes chorem*; não que desejasse que o povo, no entretempo, negligenciasse seus deveres, mas ele exprime o que tinha sido prescrito pela lei de Deus, ou seja: que os sacerdotes deviam oferecer súplicas no nome do povo.

E ele diz: *Entre o pátio e o altar*; pois o povo permanecia no pátio, os sacerdotes mesmos tinham um pátio do seu lado que chamavam de o pátio sacerdotal; contudo, o pátio do povo estava bem do lado oposto do santuário. Então o sacerdote ficava, por assim dizer, no meio, entre Deus (isto é, a arca do concerto) e o povo: este também se mantinha ali. Percebemos agora que o que o Profeta queria dizer era que o povo tinha os sacerdotes como seus mediadores para oferecerem orações; no entanto, a confissão deles todos era pública. Ele denomina os sacerdotes de *os ministros de Jeová*, como notamos antes. Ele assim designa o ofício deles, como se houvesse dito que não eram mais dignos do que o restante do povo, como se sobrepujassem pela própria virtude ou pelos próprios méritos; mas que o Senhor conferira tal honra à tribo de Levi escolhendo-os para serem seus ministros. Foi então em virtude da função deles que vinham para mais perto de Deus, e não por algum mérito em suas obras.

Ele acrescenta ainda: *Poupe, Senhor, ou, seja propício ao teu povo, e não dês tua herança ao opróbrio, para que os gentios governem sobre eles*. Aqui o Profeta não deixa nada aos sacerdotes que não se refugiem na misericórdia divina, como se tivesse dito que agora nenhum apelo restava ao povo, que estavam grandemente enganados se pretextassem alguma desculpa e que toda a esperança deles estava na clemência de Deus. Ele em seguida mostra a base sobre a qual eles deviam buscar e esperar por compaixão, e chama a atenção deles para o pacto gratuito de Deus: *Não dês tua herança por vitupério para as gentes*. Por essas palavras ele mostra que, se os judeus dependessem de si mesmos, não teriam remédio; pois haviam com tanta freqüência, e de maneiras variadas tais provocado a cólera de Deus que não podiam esperar por perdão algum: eles também tinham sido tão obstinados que a porta, por assim dizer, tinha-lhes sido fechada devido à sua dureza. Porém, o Profeta aqui os lembra que, como eles haviam sido livremente elegidos por Deus como seu povo peculiar, restava-lhes uma esperança de libertação, mas que isso não devia ter sido buscado de qualquer outro jeito. Entendemos agora então o intuito do Profeta quando fala da herança de Deus, como se houvesse dito que o povo não podia ter empreendido nada naquele momento para apaziguar Deus não tivessem sido eles a herança divina: *Não dês então tua herança à ignomínia*. Ele tinha em vista a ameaça que ele outrora mencionara; pois era uma espécie extrema de vingança quando o Senhor se determinava a visitar seu povo com destruição total: depois de havê-los esgotado e consumido pela fome e carestia, Deus resolveu consumi-los inteiramente pela espada dos inimigos. É, pois, a essa vingança que ele agora se refere quando diz: *Que os gentios não*

*governem sobre eles*. Logo, é absurdo, como muitos fazem, ligar isso com o discurso acerca das locustas: semelhante coisa é totalmente incoerente com a intenção do Profeta.<sup>17</sup>

É então adicionado: *Por que diriam entre os povos: Onde está o Deus deles?* O Profeta ora aduz outro motivo pelo qual os judeus podiam acalmar Deus, a saber, porque a glória desse está envolvida. Este motivo tem deveras uma afinidade com o anterior, pois Deus não podia expor sua herança aos opróbrios dos gentios sem sujeitar também seu santo nome às blasfêmias deles. Porém, o Profeta revela aqui mais nitidamente que a glória divina estaria sujeita ao vitupério entre as nações se ele tratasse com o povo segundo as plenas reivindicações de justiça, pois os gentios insolentemente mofariam dele, como se não pudesse salvar o povo. Destarte, nessa segunda oração ele nos lembra que, quando ocupados em buscar perdão, devemos pôr diante de nossos olhos a glória de Deus, e que não devemos procurar nossa salvação sem lembrarmos-nos do santo nome de Deus, o qual deve ser de direito preferido a todas as outras coisas. E, ao mesmo tempo, ele também fortalece a esperança do povo quando ensina que a glória de Deus está ligada com a salvação daqueles que pecaram; como se tivesse dito: “Deus, para cuidar da sua glória, terá compaixão de vós”. Eles então deviam ter vindo com maior disposição à presença de Deus ao virem que a salvação deles estava conectada com a glória divina, e que seriam salvos para que o nome de Deus fosse preservado são e salvo das blasfêmias.

Percebemos agora, então, o que o Profeta queria dizer nesse versículo: ele primeiro tira dos judeus toda confiança em obras, revelando que nada lhes restava senão refugiarem-se na misericórdia gratuita de Deus. Ele depois revela que tal misericórdia está encerrada na gratuita aliança de Deus, porque eram eles sua herança. Em terceiro lugar, ele mostra que Deus ser-lhes-ia compassivo em atenção à sua (de Deus) glória, para que não a expusesse aos opróbrios das gentes, caso exercesse para com o povo dele extrema severidade. Prossigamos agora —

---

<sup>17</sup> O Dr. Henderson, em sua obra erudita sobre os Profetas Menores, publicada recentemente, concorda com Calvino ao rejeitar a interpretação aqui aludida, conquanto adotada por muitos homens doutos. Ele considera que os assírios e não as locustas são aqui descritos no começo desse capítulo, e que o Profeta “emprega linguagem emprestada da aparência e dos movimentos de tais insetos, a fim de deixar uma impressão mais profunda em seus ouvintes, cujas mentes estavam cheias de idéias derivadas daqueles enquanto instrumentos da calamidade que estavam eles sofrendo”. Fala-se das locustas no primeiro capítulo como já tendo aparecido; mas o juízo detalhado neste capítulo é descrito como futuro. (N. do E. inglês.)

## Joel 2.18,19

**18.** Então o SENHOR se mostrou zeloso para com a sua terra, e apiedou-se do seu povo.

**19.** E o SENHOR, respondendo, disse ao seu povo: Eis que vos envio o trigo, e o vinho novo, e o azeite, e deles vos fartareis, e não mais vos entregarei ao vitupério entre os pagãos.

**18.** Et aemulatus est (aemulabitur, ad verbum) Jehova (hoc est, zelo ducetur Jehova) super terram suam, et propitius erit (et miserabitur, vel, parcet; nam חַמַּל est parcere) populo suo.

**19.** Et respondit Jehova (vel, respondebit) et dicit (vel, dicet) populo suo, Ecce ego mitto vobis triticum et mustum et oleum, et saturabimini eo (vel illis potius, est mutatio numeri,) et non dabo vos amplius opprobrium inter Gentes.

O Profeta repete aqui que as orações não seriam em vão, contanto que os judeus verdadeiramente se humilhassem diante de Deus. Então Deus, diz, será cioso de sua terra e poupará seu povo. Ele confirma o que eu já havia dito — que Deus lidaria com seu povo de maneira misericordiosa, pois que esse era sua herança, isto é, porque o escolhera para si. Pois de onde procede o título de herança senão da aliança gratuita de Deus? Porque os judeus não eram mais excelentes do que os outros, mas a eleição era a única fonte da qual eles tinham que tirar alguma esperança. Percebemos agora então a razão destas palavras — *Deus terá zelo por sua terra* — serem acrescidas, como se dissesse: “Ainda que esta terra tenha sido profanada pela perversidade dos homens, todavia, Deus a consagrou para si: portanto, ele respeitará a sua aliança e, assim, virará seu rosto para não olhar para os pecados deles”. *Ele poupará*, ele diz, *seu povo*, isto é, seu povo escolhido; pois, como eu disse, o Profeta indubitavelmente atribui aqui a segurança do povo e a esperança de segurança desse à eleição gratuita de Deus; pois o ciúme de Deus nada mais é senão a veemência e o ardor de seu amor paternal. Deus não podia, de fato, expressar quão ardentemente ele ama aqueles a quem elegeu sem tomar emprestado, no modo de dizer, o que pertence aos homens. Pois sabemos que as paixões não pertencem a ele; <sup>18</sup> mas ele é apresentado como um pai, que arde de zelo

<sup>18</sup> “A imutabilidade de Deus faz supor sua IMPASSIBILIDADE. Isso quer dizer que ele é sem ‘paixões’ — emoções ou sentimentos. Os crentes menos atentos rapidamente protestarão contra dizer que Deus não tenha emoções, visto a Bíblia parecer revelar um Deus que experimenta estados emotivos tais como tristeza, alegria e ira (Salmo 78.40; Isaías 62.5; Apocalipse 19.15).

‘Os proponentes da impassibilidade divina explicam que as passagens que parecem atribuir emoções a Deus são antropopatismos. A oposição então protesta que isso é querer invalidar o ensino óbvio da Escritura por relegar a antropomorfismo ou antropopatismo tudo que não se queira associar a Deus. Mas tais oponentes da impassibilidade que são de outro modo ortodoxos em suas crenças prontamente aceitam aquelas referências bíblicas como antropomórficas que atribuem a Deus partes corporais tais como mãos e olhos. Portanto, não se deve tirar antropomorfismo ou antropopatismo do pensamento como explicação válida sem boa razão.

‘Dizer que Deus experimenta emoções de uma maneira similar a dos seres humanos parece incorrer em muitas contradições:

‘Um homem torna-se irado contra sua vontade no sentido de que não escolhe ficar daquele jeito, nem escolhe experimentar o que o levou à cólera, mas dado seu presente estado mental e desenvolvimento de caráter, o ‘gatilho’ incita essa emoção nele contra sua preferência. O mesmo aplica-se a experiências humanas de alegria, medo e tristeza. Ainda que se possa desenvolver um notável nível de autocontrole pelo poder santificador da Escritura e do Espírito Santo, permanece o fato de que a vontade e a emoção de alguém não mantêm um relacionamento harmônico. Um estado emocional de uma pessoa não é sempre exatamente o que ela quer ou decide ser.

‘Contudo, o que foi dito acima não pode ser verdadeiro acerca de Deus mesmo se ele tivesse de experimentar emoções, visto que tal falta de autocontrole contradiz sua soberania, imutabilidade e onisciência. Por exemplo, que Deus sabe de tudo e assim não pode ser ‘surpreendido’ elimina certos caminhos da experiência das emoções. (...)

‘Podemos, por conseguinte, afirmar alguma forma de impassibilidade divina. Se Deus é entristecido por nossos pecados, é somente porque ele quer ser entristecido por eles, e não devido ao seu estado mental estar além de seu controle ou sujeito à nossa influência. Pelo menos nesse sentido e até esse ponto, podemos afirmar que Deus não possui paixões. Mesmo se Deus tivesse emoções, estariam elas sob seu completo controle, e nunca comprometeriam qualquer

quando vê seu filho maltratado; ele reconhece seu próprio sangue, suas entranhas ficam suscitadas — ou como um marido que, ao ver que se fez desonra à sua mulher, fica perturbado; e, ainda que ele tenha sido ofendido cem vezes, todavia, perdoa toda ofensa, pois leva em conta aquela sagrada união entre si e sua esposa. Semelhante personagem Deus de fato assume, pois, para que mais bem expresse quanto e quão intensamente ele ama seus eleitos. Sendo assim, ele diz: *Deus será zeloso pela terra dele*. Tal como ele tinha estado até aqui inflamado com justa ira, também agora um sentimento contrário sobrepujará o antigo; não que Deus seja agitado por várias paixões, como eu já disse, mas esse modo de falar transferido dos homens é adotado por causa de nossa ignorância.

Depois ele diz: *Deus respondeu* <sup>19</sup> e disse ao seu povo: *Eis, eu enviar-vos-ei trigo, vinho e azeite*. O Profeta não relata aqui o que tinha sido feito, mas, ao invés disso, declara que Deus futuramente seria reconciliado a eles; como se dissesse: “Eu tenho sido até agora um arauto de guerra, ordenando a todos para se prepararem para o mal vindouro, porém, agora sou um mensageiro para proclamar a vós paz: se somente estiverdes resolvidos a voltar a Deus, e voltar sem fingimento, eu ora vos atesto que Deus servos-á propício; e, quanto às vossas orações, sabeis que elas já estão ouvidas; isto é, sabeis que, tão logo foram concebidas, elas foram ouvidas pelo Senhor”. Por isso diz que ele *respondeu*; ou seja: “Se, movidos por minha exortação, retornardes com sinceridade a Deus, ele vos encontrará, ou melhor, ele já vos encontrou; ele não espera até que vós tenhais feito tudo que deveis fazer; porém, quando vos manda chegardes ao seu templo e chorar, ele, ao mesmo tempo, limpa vossas lágrimas, ele retira toda causa de tristeza e ansiedade”. *Deus* então *respondeu*; isto é: “Sou para vós uma testemunha certa e suficiente de que vossas orações já foram aceitas diante de Deus, mesmo que, como eu dantes vos lembrei, não as tendes proferido”.

E, simultaneamente, ele fala do efeito: *Eis que eu vos mandarei trigo, vinho e óleo; e vós ficareis saciados*. Aqui, pelos efeitos, ele prova que Deus seria propício; pois falta de comida era o primeiro indício do desprazer de Deus, a ser acompanhado pela destruição que o Profeta ameaçara. O que ele ora diz? Deus restaurar-vos-á a fartura de trigo, vinho e azeite; e diz mais: *Eu não vos darei aos gentios para opróbrio, para que rejam sobre vós*.

Apreendemos agora, então, o sentido dado pelo Profeta; pois ele não apenas promete que Deus seria aplacável, mas também declara que ele já foi aplacável, e isto ele confirma por sinais exteriores, pois Deus imediatamente removeria os sinais de sua ira e torna-los-ia em bênçãos. Daí ele dizer: *Eu vos darei abundância de trigo, vinho e óleo, a fim de vos satisfazer plenamente*. Assim como eles tinham percebido, pela esterilidade da terra (e também por seus frutos sendo consumidos por besouros, locustas e outros animais ou insetos), que Deus estava irado com eles, também agora o Senhor testificaria seu amor a eles, pela sobeja fecundidade de todas as coisas. E então ele junta outra frase: *Não mais vos darei por opróbrio aos gentios*. Quando ele diz “não mais”, sugere que eles outrora foram expostos ao vitupério; e sabemos realmente que eles estavam então sofrendo muitos males; mas restava ali aquela destruição sobre a qual nós ouvimos. Deus então promete mesmo aqui que eles não mais estariam sujeitos aos vitupérios das gentes, contanto que se arrependessem (pois o Profeta sempre fala de forma condicional). Segue-se agora —

---

de seus atributos conhecidos”. Vincent Cheung, em: *Teologia Sistemática* ([http://www.monergismo.com/textos/livros/teologia\\_sistemática\\_cheung.htm](http://www.monergismo.com/textos/livros/teologia_sistemática_cheung.htm), Acessado em 24/03/2008). (N. do T.)

<sup>19</sup> Não há razão alguma para traduzir isso no pretérito: está na mesma categoria do verbo “ficará cioso”, no versículo anterior, e deve ser vertido como ele no futuro, “responderá”. O comentário baseado nessa tradução, embora verdadeiro em si mesmo, é, todavia, demasiadamente rebuscado, não se ajustando a esse ponto. (N. do E. inglês.)

## Joel 2.20

20. E afastarei para longe de vós o *exército* do norte, e lança-lo-ei em uma terra árida e desolada; a sua face para o mar oriental, e a sua retaguarda para o mar ocidental; e subirá o fedor dele, e subirá a sua podridão; porque fez grandes coisas.

20. Et Aquilonarem procul abigam a vobis, et disjiciam eum ad terram desertam et siccitatis: facies ejus admare orientale, et terminum ejus (disjiciam; ego enim ἀπο τοῦ κοινοῦ repeto) ad mare novissimum: et ascend et foetor ejus, et ascendet putredo ejus; quia magnificavit ad faciendum (hoc est, quia magnifice se extulit ad faciendum.)

Nesse versículo ele mais plenamente fortalece os judeus para que não ficassem com medo do opróbrio dos gentios. Pode ter sido que os assírios estivessem naquele momento de prontidão, preparados para a guerra; era então difícil livrar os judeus de todo temor. O Profeta tinha dito genericamente que eles não mais estariam sujeitos às chacotas dos gentios; mas eles ainda podiam sentir medo. “Vemos os assírios já armados: o que podemos esperar senão sermos devorados por eles? Pois não estamos aptos a lhes resistir”. A angústia devia então haver constantemente atormentado os judeus não tivesse ele nítida e explicitamente declarado que “está no poder de Deus expulsar os assírios e baralhar todos os seus esforços”. O Profeta, portanto, está agora nesse assunto. O *nortense*,<sup>20</sup> ele diz, *eu removerei para longe de vós*. Os caldeus e os assírios, conhecemos, estavam ao norte da Judéia. Ele quer dizer aqui por o Norte, então, aqueles inimigos cujos preparativos aterravam os judeus. Por conseguinte, ele diz: *Eu os impelirei para longe de vós, e os conduzirei longe adentro numa terra de deserto e de seca*.<sup>21</sup> Por essas palavras ele declara que, ainda que providos das maiores forças, embasbacados pela terra da Judéia e prestes, em sua cupidez, a devorá-la, os sírios, todavia, regressariam para casa sem nada efetuar: *Eu os lançarei em uma terra deserta*. Debalde, diz, cobiçam eles vossa abundância e desejam se satisfazer com a fertilidade de vossa terra, pois eu conduzirei tanto eles quanto seu terror para longe.

Ele depois acrescenta: *Sua face para o mar oriental, e sua retaguarda para o mar do oeste*; ou seja, eu os espalharei para cá e para acolá, de modo que sua frente fique para um mar (supõe-se ser o Mar Morto) e sua extremidade para o mar mais posterior, o qual era sem dúvida o Mediterrâneo: pois o Mar Morto estava a este dos judeus, isto é, ele está, como é bem sabido, na direção do leste. Percebemos agora, em parte, o que o Profeta quer dizer. Porém, ao mesmo tempo, deve ser adicionado que o Profeta remove o sobressalto dos judeus, o qual ocupava suas mentes ao observarem o poder tão grande e extenso dos assírios. “O que é para ser feito? Embora Deus esteja presente conosco e nos proteja por seu amparo, todavia, como resistirá ele aos assírios? Pois este exército encherá a terra”. “Deus, não obstante, achará meios”, diz o Profeta. “Mesmo que os assírios ocupem a terra inteira, do Mar Morto ou Oriental ao Mar Meridional ou Mediterrâneo, todavia, Deus expulsará essa vasta multidão: não há pois razão para terdes medo”. Em vista disso o Profeta intencionalmente expõe quão terríveis as forças assírias seriam, revelando que elas não podiam ser resistidas, a menos que o Senhor as dispersasse e frustrasse todos os seus esforços. Por último ele acrescenta: *E seu mau cheiro ascenderá*: mas não posso terminar hoje.

<sup>20</sup> Dr. Henderson concorda com Calvino em traduzir essa palavra como *nortista* ou *serrano*, e cita Coverdale como a vertendo *o do Norte*. Ele considera esse termo como de “primordial importância na interpretação dessa profecia”. As locustas visitavam a Palestina, não do norte, mas do sul. “Entretanto”, acrescenta, “o que determina a questão é a adição do patronímico צפון, a צפון, indicando que o Norte não era tão-somente a região de onde o sujeito do discurso veio, mas que sua *terra natal* está ao norte da Palestina; assim como התמני, o *temanita*, denota o *sulista*” etc. (N. do E. inglês.)

<sup>21</sup> Literalmente, “em uma terra seca e desolada”. (N. do E. inglês.)

## ORAÇÃO

*Conceda, Deus Todo-Poderoso, que, visto como continuamos a excitar tua ira contra nós, e somos tão insensíveis, apesar de nos exortares diariamente ao arrependimento — ó, permita que o que teu Profeta nos ensina penetre em nossos corações e sejamos como uma trombeta sonante, para que real e sinceramente nos humilhemos diante de ti e fiquemos tão tocados com o senso de tua ira que aprendamos a largar todas as afeições depravadas de nossa carne, e não meramente deplorar os pecados que já temos cometido: e também tu nos consideres no porvir, para que diligentemente andemos em teu temor, consagrando-nos inteiramente a ti; e, dado que te dignaste a nos eleger por tua herança e a nos reunir sob teu Cristo, vivamos assim debaixo dele, como nosso guia, até que por fim sejamos reunidos em teu reino celestial para desfrutarmos aquele ditoso repouso que tu prometeste a nós, o qual também nos prometes todo dia, o qual foi adquirido pelo sangue do mesmo, nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.*

## QUADRAGÉSIMA-QUARTA DISSERTAÇÃO

Ontem o Profeta falou do inimigo nortista, dizendo que estava no poder de Deus repeli-lo para longe, que o primeiro não poderia ferir o povo e que o vasto exército daquele não impediria a dissipação de seu poderio e acometidas. Agora ele acrescenta isto, o qual não pudemos terminar ontem: *Subirá o seu mau cheiro, e ascenderá a sua podridão; pois soberbamente tem ele se apresentado ou se exaltado para perpetrar seu propósito*. O Profeta enuncia aqui mais do que na frase anterior, a saber, que Deus tornaria em ignomínia todo o poder dos assírios. A razão que acrescenta no fim merece ser notada: ‘Ele se exaltou altivamente em seus feitos’, o que significa que esse se ufanou com grande orgulho, julgando que pudesse fazer tudo o que quisesse; portanto, ele diz: ‘Ascenderá sua podridão e mau cheiro’. Isso contém uma mui notável insinuação, pois quando os homens deliberam acerca de grandes coisas, é o mesmo que se fossem elevar ao alto; e também observamos até onde tendem os desígnios daqueles que estão engajados em difíceis e árduas tarefas; pois não se contentam com seus quinhões, mas tentam subir acima das nuvens. Então, dado que o intento de todos os mortais é se alçar ao alto quando buscam para si próprios mais do que o que é justo, o Profeta, ridicularizando tal desatino, diz: “Subirá o cheiro ruim dos assírios, como um mau odor de uma ossada pútrida. Ele pensa”, diz, “que pode fazer o que lhe agrada, como se o céu e a terra estivessem sob o controle dele: seu poder, forças operacionais e esplendor não ascenderão: ascenderá sim apenas seu mau cheiro, como de uma carcaça de animal morto”. Por que isso? “Ele se exaltou poderosamente”, diz, “para realizar o seu projeto”.

Entendemos agora o objetivo do Profeta: por isso, esta útil instrução pode ser depreendida, que Deus controla a tola confiança daqueles que se orgulham do próprio poder, de modo que não somente os desmoraliza, mas também torna a glória em vergonha, para que nada suba deles que não mau cheiro e odor de decomposição. Segue-se ora o que é de caráter contrário —

### Joel 2.21

**21.** Não tenhas medo, ó terra: sê alegre e exulta-te, pois o SENHOR fará coisas grandiosas. **21.** Ne timeas terra, exulta et laetare; quia magnifice extulit se Jehova ad faciendum.

Ele revela aqui que Deus, por seu turno, exaltaria a si mesmo, o que os assírios presunçosamente tentaram fazer. Porque Deus parece por um período estar parado quando se oculta e quando não exhibe seu poder, esperando para ver a tendência das conspirações insanas e da loucura satânica daqueles que se insurgem contra ele e a sua Igreja. Mas, havendo por um tempo se refreado assim, ele finalmente sairá do esconderijo, e isto é o que o Profeta quer dizer ao falar que *Deus se exaltou poderosamente para realizar seu objetivo*. Os assírios primeiro tentaram isso; porém, agora o Senhor, por seu turno, levantar-se-á. Verdadeiramente Deus podia ter feito isso antes, mas não quis. E vemos ser este o modo habitual dele de proceder: não tentar parar a presunção dos homens, até que o tempo sazonado que ele predetermined chegou; posteriormente, dissipa em um instante as iniciativas deles.

Deus, então, naquele momento se exaltou sublimemente: logo, *regozija-te e exulta-te, ó Terra*. Contudo, ele primeiramente diz: *Não temeis, ó Terra*; em seguida, *exulta-te e regozija-te*. Pois era preciso, primeiramente, tirar o medo de que as mentes de todos estavam ora tomadas. O Profeta começa então com consolação; pois os judeus dificilmente podiam ter acalentado algum gozo caso o medo que os oprimia não fosse primeiro sacudido para fora. Sendo assim, o Profeta mantém a devida ordem ao dizer: “Não temas, ó Terra, antes, exulta-te e alegra-te”. Depois, ele acrescenta a observação no final —



## Joel 2.22

|                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>22.</b> Não tenhais medo, bestas do campo, pois que as pastagens do deserto reverdecem, pois que o arvoredado dará o seu fruto, a figueira e a videira produzirão sua força.</p> | <p><b>22.</b> Ne timeatis bestiae agri, quia germinarunt pascua deserti, quia arbor protulit fructum suum, ficulnea et vitis protulerunt virtutem (vel, substantiam) suam.</p> |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Aqui o Profeta volta seu discurso às alimárias. Não que a instrução dele se lhes fosse apropriada, mas era um modo mais eficaz de falar quando invitava as próprias bestas a uma participação no júbilo do povo; pois, se não fosse tornado conhecido aos judeus que a ira divina estava ora mui próxima, nenhum consolo que o Profeta houvesse aplicado até aqui teria tido alguma influência sobre eles. Mas agora, visto que percebiam que a cólera de Deus não só pairava sobre eles, mas se estendia muito além, até aos animais, e visto que o Senhor teria compaixão deles, de modo que sua bênção seria partilhada em comum pelas bestas e animais irracionais, o discurso ficava de longe mais impressionante. Por conseguinte, vemos que o Profeta, com a melhor das razões, dirigia seu elóquio às próprias alimárias, embora destituídas de mente e de discernimento. Pois, ao se dirigir aos animais inconscientes, ele se dirigia aos homens com força dobrada: isto é, impressionava suas mentes mais eficazmente, a fim de que confessassem seriamente quão grande era a ira de Deus, e também quão grande seria a bênção desse.

*Bestas, diz, não temais.* As bestas do campo deviam então ter receado o juízo divino que ele outrora anunciara; pois, a menos que Deus ficasse apaziguado para com o povo, o fogo da ira teria consumido a terra, as árvores e os pastos inteiramente; assim, todas as alimárias deviam ter estado esfomeadas. Porém, agora, quando Deus reconciliou-se com seu povo, sua bênção sorrirá aos animais irracionais. O que se deve dizer então dos homens? Pois Deus é devidamente propício a esses, não àqueles. Em vista disso, percebemos que o fruto da reconciliação fica mais óbvio quando é em parte estendido à criação inconsciente.

Portanto, ele diz: *Não temais, bestas do campo: já que os pastos do deserto crescerão, as árvores produzirão seus frutos.* Mediante tais palavras o Profeta sugere que, tivesse a cólera de Deus sido implacável para com seu povo, a esterilidade da terra não teria sido saneada. Ora pois, de onde veio uma tão súbita mudança para que as pastagens crescessem, as árvores — tanto a figueira quanto a vide — produzissem seus frutos, se a Deus não tivesse agradado abençoar a terra, depois de ter recebido os homens em mercê? Apreendemos agora, então, o sentido dado pelo Profeta, precisamente este — que a terra seria levada, por um Deus irado, a executar a sentença desse, e que não haveria solução para a esterilidade dela até que os homens acalmassem a Deus. Eis a suma do todo. Segue-se agora —

## Joel 2.23

**23.** E vós, filhos de Sião, jubilai e alegrai-vos no SENHOR vosso Deus, porque ele vos dará na medida certa a chuva temporã; enviará a chuva no primeiro *mês*, a temporã e a seródia.

**23.** Et filii Sion exultate, et gaudete in Jehova Deo vestro, quia dedit vobis pluviam ad justitiam (alii vertunt, doctorem justitiae; sed de eo paulo post dicemus) et descendere faciet vobis imbrem pluviam (vel, pluviam tempestivam, ut vertunt: dicemus etiam de hac voce) et pluviam in mense primo.

Ele agora exorta os judeus a também se regozijarem, mas de um jeito diferente daquele da terra e dos animais. *Regozijai-vos*, diz, *no vosso Deus*. Pois o gado e as ovelhas, embora se regozijem, não conseguem elevar seus pensamentos de maneira mais alta do que a sua comida: por isso, a alegria dos animais inconscientes, como se diz, termina em seu objeto. Mas o Profeta apresenta Deus perante os judeus como a base do júbilo deles. Vemos então como ele os distingue dos animais irracionais da terra e dos outros elementos; porque não somente os convida a se regozijarem no alimento e na bebida, na abundância de provisões, mas também os convida a regozijarem-se no Senhor, Deus deles; e não mais diz: “A terra dará seu vigor, ou as vinhas e figueiras, ou as árvores, produzirão o seu fruto, e os pastos crescerão”; não, agora ele não fala dessa maneira, porém, diz: “Deus mesmo vos dará chuva”; pois tinha que lidar com homens, dotados de entendimento, sim, com aqueles próprios judeus que haviam sido, desde a meninice, ensinados na lei de Deus: ele não apenas fala da terra, não apenas do pão e do vinho, mas do Dador mesmo.

Ele lembra-os da bênção divina, declarando que Deus seria tão propício que despejaria sua graça sobre eles, e lhes faria o papel de pai e guardião. Deus então, diz, produzirá ou dará chuva conforme o necessário. Alguns vertem **המורה hamoreh** mestre; e o sentido da palavra, sabemos, é duvidoso. Ao mesmo tempo, **מורה moreh** é mui amiudadas vezes considerada como chuva, por vezes genericamente, por vezes como uma espécie particular de chuva, como veremos daqui a pouco. Então, conquanto **מורה moreh** signifique mestre, todavia, o contexto aqui não parece admitir tal acepção. Aqueles que o têm entendido desse modo aparentam ter sido levados a isso por esta única razão: que é absurdo colocar no primeiro lugar e, por assim dizer, em uma categoria superior, aquelas bênçãos evanescentes que diziam respeito somente ao sustento e à nutrição do corpo. Contudo, tal argumento é mui tolo, pois os Profetas, sabemos, conduziam crianças, no modo de dizer, dos princípios iniciais para uma doutrina mais elevada. Não é de admirar pois que o Profeta aqui proporcione a eles uma breve experiência da mercê de Deus em bênçãos pertencentes ao corpo; em seguida, ele ascende mais para o alto, como veremos: e esse ponto de vista é com certeza o que o contexto exige, pois o Profeta diz, por fim: “Doravante derramarei meu Espírito sobre toda carne” etc. Nessas palavras o Profeta preconiza o favor divino, o qual devia ser retido como a coisa mais valiosa: mas ele principia agora com benefícios temporais, para que guiasse gradualmente, por várias etapas, um povo rude e fraco a algo mais elevado.

A palavra mestre, pois, de forma alguma se aplica a esse ponto; e devemos igualmente observar o que logo segue. Ele introduz uma palavra derivada de **מורה moreh**; depois, adiciona **מורה moreh** pela segunda vez, o que, indubitavelmente, denota chuva; todos confessam isso, admitindo ser tomada por chuva no mesmo versículo. Então, quando todos concordam sobre esse ponto, parece algo forçado traduzi-lo no mesmo versículo instruidor e também chuva, em especial porque descobrimos que o objetivo do Profeta é particularmente este: fazer com que o povo reconheça a bênção de Deus nas coisas visíveis. Há também outra coisa que desencaminha esses intérpretes. Segue-se imediatamente ali a palavra **לצדקה litsdakah**, segundo o que é justo. Quando

juntam essas palavras, **לצדקה המורה hamoreh litsdakah**, perguntam: O que é a chuva de justiça? Daí acharem que se quer dizer aqui mestre. Porém, sabemos que nas Escrituras **משפט mishpat** e **צדקה tsedakah** são muitas vezes confundidas com justa medida, equidade. “Deus então não procederá convosco de modo desigual como até agora; contudo, havendo se reconciliado convosco, ele reassumirá a parte de pai, e também observará convosco uma ordem legítima; pois as coisas têm estado em confusão em ambos os lados, visto que tendes prosseguido na guerra contra Deus, e vossa impiedade subverteu toda a ordem da natureza. Mas agora, estando Deus aplacado para convosco, haverá dos dois lados um estado de coisas uniforme, tudo estará na condição adequada; ele não vos tratará mais de uma maneira irregular”. Percebemos agora então o real sentido dado pelo Profeta e vemos quão frívolas são as razões que influenciaram esses intérpretes, os quais verteram as palavras como “Mestre de retidão”. Não gosto de interpretações forçadas.

Retornemos agora às palavras do Profeta: *Ele dar-vos-á*, diz, *chuva consoante o que é adequado*; então acrescenta: *Ele fará descer sobre vós bátega* (usando outra palavra); e adiciona de novo a palavra **מורה moreh**, a qual, sem dúvida, significa chuva, e ninguém nega isso. No entanto, parece que a palavra **גשם geshem** possui aqui um sentido específico, e alguns imaginam ser um violento aguaceiro ocasionado por uma borrasca ou tempestade; todavia, podemos coligir de muitas partes das Escrituras que a palavra denota chuva em geral. Ora, **מורה moreh** parece aqui ser considerada a chuva de setembro, a qual os gregos chamam de **πρόιμον proimon**; assim, denominam **מלקוש malkosh** **ὀψιμον, opsimon**,<sup>22</sup> ou a última chuva, como um intérprete comum a verte. E a terra cultivada, conhecemos, carece destas duas chuvas, isto é: após a sementeira e quando o fruto está amadurecendo — depois da sementeira, para que o solo, ao receber umidade, faça a semente crescer, pois nesse período precisa da umidade para nutrir as raízes. Por isso, a chuva de setembro ou outubro, que se dá depois da sementeira, é corretamente chamada de chuva temporã; e os gregos, como eu já disse, denominam-na **πρόιμον proimon**. Tiago, acompanhando-os, assim a chama no capítulo 5: ‘Ele dar-vos-á chuva’, diz, ‘tanto a da primeira estação quando a chuva serôdia’, isto é, a do mês de março. Pois naqueles climas quentes a seara se dá antes da nossa, como sabemos. Aqui colhemos o trigo em julho, mas eles ali o colhem em maio. Os frutos então amadurecem em março, quando precisam da chuva tardia. E no capítulo 5 de Jeremias fica bem evidente que, como aqui, chama-se **מורה moreh** a chuva que desce após a sementeira; pois Deus diz lá: ‘Eu vos darei’ etc., e primeiro usa o termo geral **גשם geshem**, acrescentando depois as duas espécies de chuva, as quais também são mencionadas aqui; posteriormente, adiciona: ‘No tempo delas’, isto é, cada chuva em sua época e estação. Então **מורה moreh** tem seu tempo, e **מלקוש malkosh** idem; caso contrário, as palavras do profeta não seriam coerentes.

Vemos agora o que o Profeta quer dizer. Da palavra **מלקוש malkosh** dissemos alguma coisa no sexto capítulo de Oséias. O Profeta então diz agora que Deus seria propício aos judeus a ponto de não esquecer nenhum meio de certificar de sua mercê para com eles; pois lhes daria chuva nos meses de outubro e março — respectivamente, para fertilizar o solo após a sementeira, e antes da colheita ou da maturação do fruto. Aqui, então, é prometido aos judeus que a terra tornar-se-ia fértil por meios naturais. Segue-se agora —

<sup>22</sup> Os termos gregos são também os mesmos empregados pela Septuaginta em Joel 2.23. (N. do T.)

### Joel 2.24

24. E as eiras ficarão cheias de trigo, e os barris transbordarão de vinho novo e de azeite.

24. Et implebuntur horrea frumento et resonabunt torcularia vino (musto, ad verbum: diximus de hac voce prius,) et oleo.

Ele continua com o mesmo assunto nesse versículo, mostrando os efeitos da chuva; pois quando a terra está irrigada e cheia de suficiente umidade, ela produz fruto com exuberância e fartura. Deus então fará com que as chuvas não sejam inúteis, pois as eiras ficarão cheias de trigo e os tonéis transbordarão tanto de vinho quanto de óleo. Ele em seguida acrescenta —

### Joel 2.25

25. E restituir-vos-ei os anos que comeu o gafanhoto peregrino, o gafanhoto devastador, o gafanhoto devorador e o gafanhoto cortador, o meu grande exército que mandei contra vós.

25. Et reddam vobis annos (pro aliis annis, subaudiendum est) quibus comedit locusta, bruchus, eruca (חֲסִיל, alii vertunt, rubiginem: sed dixi primo capite me non adeo sollicitum esse de istis vocibus, quia etiam ignotae sunt hodie ipsis Judaeis; sed certum est esse insecta, quae corrumpunt omnes terrae fruges, ut tunc diximus,) exercitus meus magnus, quem miseram ad vos.

O Profeta confirma o que anteriormente dissera, e afirma o que é de um caráter oposto: que Deus pode tão facilmente restaurar uma rica fertilidade à terra quanto outrora a tinha feito estéril pelo envio de insetos devoradores. *Eu vos darei anos*, (pelos outros anos), diz; e, para que os judeus entendessem mais completamente que tudo isso estava na mão de Deus, ele explicitamente declara que as *lagartas*, os *besouros* e as *locustas* <sup>23</sup> eram o seu exército e, por assim dizer, seu exército mercenário, ao qual empregara conforme bem lhe pareceu. Os espoliadores, então, os quais haviam destruído a produção inteira da terra, eram, segundo declara o Profeta, os mensageiros de Deus: não era por acaso, diz, que as locustas, as lagartas ou os besouros vinham; mas Deus contratava esses soldados, os quais eram as suas forças e o seu exército para afligir o povo todo; então a fome e a carestia consumiam a esse. Não é pois à toa que o Profeta aqui cite que tais insetos destrutivos eram o exército de Deus: é para demonstrar mais plenamente o que é prometido aqui, pois Deus — o qual havia, por meio daquele, devorado tudo o que havia crescido na terra — pode agora facilmente restaurar a abundância, em vez da esterilidade dos anos passados. Ora, quando alguém dispõe seus braços, a terra é em seguida cultivada, produzindo seus frutos normais: do mesmo modo, o Senhor também agora revela que a terra tinha estado estéril porque ele enviara seu exército, o qual devastou toda a produção. Mas agora, diz, quando eu vos restaurar à mercê, não haverá exército para devorar o vosso fruto: a terra então vos nutrirá, pois nada haverá para vos estorvar de receber sua produção costumeira.

Não tivessem sido os judeus assegurados de que a terra havia estado estéril em virtude de as locustas, os besouros e as lagartas serem o exército que o Senhor preparara, eles podiam ter sempre receado tais destruidores: “Decerto as locustas aparecerão subitamente, os besouros e as lagartas chegarão

<sup>23</sup> Como no capítulo primeiro, há quatro espécies citadas: mas uma delas é omitida aqui e no texto latino [de Calvino]. Contudo, parece que Keil & Delitzsch explicam a posição do Reformador, concordando com ela. Comentando essa passagem, a dupla de eruditos escreve: “Deve-se observar aqui que a copulativa fica antes dos dois últimos nomes, porém, não antes de *yeleq*, de forma que os três últimos nomes relacionam-se um com o outro, coordenadamente (Hitzig), i.e., são meramente epítetos diferentes usados para *'arbeh*, as locustas”. — Trad.] (N. do E. inglês.)

para devorar todo fruto”. O Profeta mostra que tal não aconteceu por acaso: “Ora pois, quando Deus estiver reconciliado convosco, a terra produzirá seu ganho, e nada vos impedirá de desfrutar da abundância dela”.

Ao chamar tal exército de *grande*, ele revela que Deus não carecia de forças pujantes para subjugar os homens: pois quando ele prepara locustas e insetos (os quais não são senão coisas pequenas), esses arrebatam a comida das bocas dos homens e os deixam passando necessidade; ainda que ninguém desembainhe uma espada contra eles, todavia, desfalecem de fome. O Profeta então zomba aqui da arrogância dos homens, mostrando que Deus não precisa fazer muito quando pretende reduzi-los a nada. Prossigamos agora —

### Joel 2.26

**26.** E comereis abundantemente e vos saciareis, e louvareis o nome do SENHOR vosso Deus, que vos tratou maravilhosamente; e o meu povo nunca mais ficará envergonhado.

**26.** Et comedetis comedendo et vos satiando, et laudabitis nomen Jehovae Dei vestri; quia egit vobiscum mirabiliter (ad miraculum,) et non pudefiet populus meus in perpetuum.

Ele agora conclui o que havia dito até aqui da bênção de Deus. Assim como os judeus padeciam de fome enquanto Deus estava ofendido, também esse promete que, quando estivessem reconciliados com ele, teriam abundância de produção da terra: *Vós comereis lautamente*, diz, *e vos satisfareis*. Contudo, ele menciona também a gratidão deles: pois era um indício de verdadeiro arrependimento quando louvavam o nome de Deus, que entendiam ser o dador de sua afluência, visto que ele antes provara que a terra estava debaixo de seu poder quando consumiu toda sua substância, de modo que dela nada veio para suprir as carências do homem. Dessarte, o Profeta exorta-os a renderem graças, declarando assim que se arrependeram de coração. *Vós então louvareis o nome de Jeová vosso Deus*. Por quê? *Porque ele procederá convosco maravilhosamente*. Ele tira aqui toda alegação de ignorância. Conhecemos quão difícil é levar os homens a realizarem tal ato de religião, pelo qual, todavia, confessamos que nascemos; pois o que é mais natural do que admitir a prodigalidade de Deus para conosco, quando desfrutamos de muitas bênçãos? Entretanto, ainda que Deus, de várias maneiras, estimule-nos, não consegue tirar de nós genuína gratidão. Esse é o motivo pelo qual o Profeta agora diz: “Deus tratará convosco admiravelmente: embora sejais estúpidos, Deus, não obstante, pelo seu poder, despertar-vos-á; pois não procederá convosco de modo comum”. Ele então cita algo miraculoso, para não deixar aos judeus desculpa, caso não refletissem na generosidade divina e não percebessem nessa transformação, primeiro, o que eles tinham merecido e, depois, quão misericordioso Deus fora com eles: pois essa mudança não podia ser atribuída ao acaso; nem era uma coisa comum, que, quando os judeus haviam estado por quatro anos sucessivos quase consumidos pela penúria e quando o inimigo estava perto, eles vissem agora a terra frutífera, vissem-na libertada de insetos destrutivos e vissem-se também em paz, não perturbados pelo terror de nenhum inimigo estrangeiro. Então, dado que o Senhor, além de qualquer expectativa, dá-lhes um céu sereno em vez de um turbulento, uma tão prodigiosa mudança não os deve afetar profundamente? Isso é o que o Profeta agora quer dizer: “Visto como o Senhor tratará convosco de forma maravilhosa, não haverá escusa para vossa torpeza se não fordes diligentes em louvar seu nome”.

*Envergonhado*, diz, *nunca mais estará meu povo*. Os judeus são aqui lembrados (por inferência) da sua desgraça anterior, pois ficaram grandemente confundidos: mesmo que os inimigos não os tocassem, não, nem mesmo com o dedo, eles, todavia, morriam de fome; um inimigo também estava prestes a destruí-los, como vimos. Portanto, estavam assustados pelo terror e também perplexos com os próprios males pelos quais Deus os havia quase exauridos. O Profeta ora diz: *Meu povo nunca mais ficará*

*envergonhado*, dando a entender que Deus aliviaria cabalmente seu povo dos males, para que não mais estivessem, como até então, envergonhados. Por último, ele adiciona —

### Joel 2.27

27. E vós sabereis que eu *estou* no meio de Israel, e *que* eu *sou* o SENHOR vosso Deus, e ninguém mais; e nunca mais o meu povo ficará envergonhado. 27. Et cognoscetis, quia in médio Israel ego, et ego Jehova Deus vester, et nullus praeterea: et non pudefiet populus meus in seculum.

Ele repete a mesma frase; e no princípio do versículo desvela o que eu outrora disse — que o milagre seria tal que obrigaria o povo a louvar a Deus. *Vós sabereis que estou no meio de Israel*: e esse era o caso, pois que Deus não demonstrou de maneira ordinária a bondade dele para com eles, particularmente porque ela fora vaticinada, e também porque esta razão fora aduzida — que Deus era cioso de seu concerto. O modo, pois, com que Deus se avia com eles, além da predição em si, não deixava ao povo pretexto algum para ignorância. Daí o Profeta agora dizer: ‘Vós sabereis que eu estou no meio de Israel’, e mais ainda, ‘que eu sou Jeová vosso Deus’. Por essas palavras o Profeta nos lembra que o livramento do povo de seus males tinha de ser totalmente imputado à gratuita compaixão de Deus: pois já vimos que não teria havido esperança, não houvesse tal consolação sido adicionada: ‘Convertei-vos agora mesmo a mim’. Logo, o Profeta repete que não haveria outra causa por que Deus trataria tão amavelmente seu povo, poupando-os tão misericordiosamente, que não esta — estar ele no meio de Israel. Porém, de onde era tal habitação, senão de haver Deus gratuitamente elegido esse povo? Isso realmente ajudava em muito a animar o povo: pois como podiam eles ter esperado que Deus ser-lhes-ia propício, não houvessem eles sido lembrado desta verdade — que Deus estava morando no meio deles? Não porque fossem dignos, mas porque condescendeu em descer até eles.

Em seguida, adiciona: *E ninguém mais*. Mediante essa frase o Profeta mais vivamente os estimula a retornarem incontinenti a Deus: porque, se adiassem, mais demorada contrariedade haveria no atraso. Para que os judeus então, segundo a sua maneira usual, não procrastinassem, diz que não há outro Deus; assim, revela que não haveria solução para seus males caso não procurassem se reconciliar com ele. “Então não haverá Deus além de mim, e residirei no meio de ti”. O Senhor reivindica para si todo poder, convidando depois amavelmente o povo para si, por este motivo: para habitar no meio deles. Para que o povo, pois, não formasse outras expectativas, Deus mostra que toda a esperança deles estava apenas nele. Além do que, ele revela que a salvação não era para ser buscada lá longe, se o povo não tivesse olvidado o pacto e que Deus estava morando no meio deles. Contudo, segue-se uma mais elevada doutrina —



## Joel 2.28

**28.** E sucederá depois *que* derramarei o meu Espírito sobre toda carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos sonharão sonhos, os vossos jovens verão visões;

**28.** Et accidet post sic (hoc est, postea,) effundam Spiritum meum super omnem carnem: et prophetabunt filii vestri et filiae vestrae: senes vestri somnia sommabunt: juvenes vestri (aut, viri electi) visiones videbunt.

Explicamos por que o Profeta iniciou com bênçãos terrenas. Pode-se realmente pensar que essa ordem não está regular, pois Cristo, não de balde, lembra-nos de que o reino de Deus deve ser buscado em primeiro lugar, e que as outras coisas serão acrescidas em seu lugar (Mateus 6.33); pois a comida e todas as coisas que pertencem a esta vida passageira são, por assim dizer, acréscimos à vida espiritual. Porém, o Profeta intencionalmente mencionou primeiro a prova do favor divino em benefícios externos: pois vemos quão lenta é a percepção dos homens, e quão preguiçosos são em procurar vida espiritual. Como então os homens elevam-se às coisas de cima com tanta dificuldade, o Profeta vale-se dos melhores recursos; e deveras se deve tratar conosco como se trata ordinariamente com crianças. Pois, visto não lhes haver tanto discernimento para que sejam influenciadas pelas razões, colocamos diante delas o que é ajustado à sua compreensão fraca e simples. Assim fazia o Profeta: pois primeiramente revelou que Deus seria amável aos judeus em alimento para o corpo e, havendo utilizado isso como recurso, adiciona depois: *Subseqüentemente derramarei meu Espírito sobre toda carne.*

Por essas palavras o Profeta lembra-nos de que o povo age de forma absurda quando se satisfaz com coisas que se desvanecem, quando não pede nada mais excelente a Deus que não ser engordado como os animais irracionais; pois no que de fato os filhos de Deus diferem de asnos e cachorros senão ao aspirarem por vida espiritual? O Profeta, então, depois de haver posto diante deles coisas inferiores, como se eles fossem crianças, agora lhes apresenta uma mais sólida doutrina (pois assim deviam eles ser guiados), proporcionando-lhes uma amostra do favor divino em seus sinais exteriores. “Ascendei, pois, agora”, diz ele, “à vida espiritual: pois a fonte é uma e a mesma; ainda que benefícios terrenos ocupem e empolguem vossa atenção, vós, indubitavelmente, profanas-os. Mas Deus não vos alimenta para encher e engordar a vós, pois não quer ele vos ter como animais irracionais. Sabei então que vossos corpos são alimentados, e que Deus dá-vos sustento, para que aspireis à vida espiritual; pois ele vos conduz a isso pela mão. Seja esse, pois, vosso objetivo”. Compreendemos agora então o porquê de o Profeta não falar, de início, da graça espiritual de Deus; mas chega a ela agora. Ele começou com bens temporais: pois era necessário que um povo sem tutor fosse guiado gradualmente; que, devido à sua fraqueza, pachorra e estupidez, o povo fizesse assim melhor progresso, até que entendesse que Deus seria para ele um Pai para essa finalidade.

## ORAÇÃO

*Conceda, Deus Todo-Poderoso, que, porquanto precisamos de tantos auxílios nessa frágil vida, e visto ser ela uma vida que é como uma sombra, não conseguimos passar um momento se tu de contínuo, e a todo instante, não nos suprir, por tua liberalidade, daquilo que é necessário — Ó, permita que nós aproveitemos tanto de teus muitos benefícios que aprendamos a elevar nossas mentes, sempre aspirando à vida celestial, à qual, por teu evangelho, tu nos convida tão amável e docemente todo dia, para que, estando reunidos em teu reino celestial, desfrutemos daquela perfeita felicidade, a qual proporcionaste para nós através do sangue do teu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.*

## QUADRAGÉSIMA-QUINTA DISSERTAÇÃO

*E acontecerá que depois derramarei meu Espírito sobre toda carne, e profetizarão vossos filhos e vossas filhas, vossos anciãos sonharão sonhos e vossos jovens verão visões.* Mencionamos em nossa última dissertação por que o Profeta agora fala minuciosamente da graça espiritual de Deus, havendo antes falado de bênçãos terrenas. A ordem pode deveras dar a impressão de estar irregular, mas é facilmente explicável. O Profeta primeiro disse que Deus, estando reconciliado com o povo, manifestaria abertamente isso através de provas externas, restaurando a abundância de vinho e de trigo; pois, sendo a quase exaustão do povo pela fome e carestia a comprovação da vingança divina, o Profeta fez com que o testemunho da reconciliação se desse em sinais de uma espécie oposta. Contudo, como a restauração da Igreja não consiste nem na fecundidade da terra nem na abundância de víveres, o Profeta ora alça mais alto os pensamentos dos piedosos, fazendo-os buscar a graça espiritual de Deus: daí ele dizer que *mais tarde derramarei meu Espírito sobre toda carne*.

O Profeta, sem dúvida, promete aqui algo maior do que os pais sob a Lei haviam experimentado. O dom do Espírito, sabemos, até era desfrutado pelos antigos; só que o Profeta não promete o que os fiéis tinham outrora descoberto, mas, como dissemos, algo maior: e tal pode ser facilmente depreendido da palavra aqui usada, “derramar”; pois שפך *shafach* não significa gotejar, mas despejar em grande abundância; e Deus não derramou seu Espírito Santo tão farta e largamente sob a lei como quando depois da manifestação de Cristo.<sup>24</sup> Dado, pois, que o dom do Espírito foi mais copiosamente dado à Igreja após o advento de Cristo, o Profeta utiliza aqui uma expressão rara — que Deus derramaria o Espírito dele.

Outra circunstância é acrescida: *sobre toda carne*. Ainda que no passado os Profetas, como sabemos, possuísem suas escolas, todavia, eram eles em pequeno número. Como então o dom de profecia era raro entre os judeus, os Profetas, a fim de demonstrarem que Deus trataria mais prodigamente sua nova Igreja quando restaurada, diz que derramaria seu Espírito sobre toda carne. Ele declara, pois, que todos em geral seriam partícipes do dom do Espírito e de sua rica abundância, ao passo que debaixo da lei alguns tiveram apenas uma parca amostra disso. Percebemos agora, então, qual o intento do Profeta: era fazer uma manifesta distinção entre o estado do povo da antigüidade e o estado da nova Igreja, de cuja restauração ele ora fala. A comparação é que Deus não somente dotaria uns poucos com seu Espírito, mas toda a multidão do povo; depois, que enriqueceria seus fiéis com todas as espécies de dons, de modo que o Espírito aparentaria ser despejado em total abundância: *Eu então derramarei meu Espírito sobre toda carne*. Descobrimos daí quão absurdamente o intérprete grego a verteu: “Eu derramarei do meu Espírito”: pois ele diminui a promessa ao dizer “do meu Espírito”, como se Deus aqui promettesse alguma porçãozinha de seu Espírito; enquanto o Profeta, ao invés disso, fala de abundância, e queria expressar isso.

<sup>24</sup> “O Espírito (sopro) de Deus que cria e anima os seres (Gn 1.2; 2.7; 6.17) apodera-se dos homens, especialmente dos profetas (Jz 3.10), para dotá-los de poder sobre-humano (Gn 41.38; Ex 31.3; 1 Sm 16.13). Os tempos messiânicos serão caracterizados pela efusão extraordinária do Espírito (Zc 4.6; 6.8), atingindo todos os homens para lhes comunicar carismas especiais (Nm 11.29; Jl 2.28-29; At 2.16-21). Porém, mais misteriosamente, o Espírito será, para cada um, princípio de renovação interior que o tornará apto a observar fielmente a Lei divina (Ez 11.19; 36.26-27; 37.14; Sl 51.12s; Is 32.15-19; Zc 12.10); ele será assim o princípio da Nova Aliança (Jr 31.31; cf. 2 Co 3.6); como água fecundante, fará germinar frutos de justiça e santidade (Is 44.3; Jo 4.1), que garantirão aos homens o favor e a proteção de Deus (Ez 39.24,29). Esta efusão do Espírito efetuar-se-á por intermédio do Messias, que será o seu primeiro beneficiário em vista do cumprimento da sua obra de salvação (Is 11.1-3; 42.1; 61.1; cf. Mt 3.16).” Nota da *Bíblia de Jerusalém* a Ezequiel 36.27, adaptada. (N. do T.)



Segue-se: *Profetizarão vossos filhos e vossas filhas*. O Profeta agora passa a explicar o que havia dito, desenvolvendo amplamente o que quis dizer pela expressão “sobre toda carne”, qual seja, que o povo todo profetizaria, ou, que o dom de profecia seria comum e grassaria em todo lugar entre os judeus todos, de uma maneira nova e insólita. Os antigos também tiveram Profetas, apesar de em número reduzido. Porém, agora o Profeta estende esse dom e favor a todas as classes: *Profetizarão então vossos filhos e vossas filhas*, diz, de modo que não exclui as mulheres.

Ele posteriormente menciona duas espécies de profecias: *Vossos anciãos sonharão sonhos, e vossos mancebos verão visões*. “Mancebos” significa literalmente “escolhidos”, **בַּחֲרִים** *bachurim*: contudo, como na meia idade a força prepondera mais no homem, aqueles que possuem vigor e discernimento e ainda retêm sua força são denominados “escolhidos”: destarte, por “escolhidos” ele quer dizer aqueles de idade madura. Quando Deus manifestava-se aos Profetas, normalmente isso era feito, sabemos, por sonhos e visões, como é dito no capítulo doze de Números: esse era, como podemos dizer, o método ordinário. O Profeta ora se refere àqueles dois modos de comunicação, dizendo que o dom de profecia seria comum aos homens e mulheres, aos idosos e àqueles de meia idade. Percebemos agora a significação desse versículo. Não há então diferença entre sonhos e visões: o Profeta somente cita esses dois tipos para que os leitores compreendessem melhor que o que o Profeta havia antes declarado genericamente seria comum a todos.

Mas eu já disse que tal profecia deve ser relacionada com o advento de Cristo: pois conhecemos que o que está aqui descrito não foi cumprido mesmo depois de Cristo aparecer no mundo: e o Profeta ora prega sobre a nova restauração da Igreja, a qual, sabemos, ficou suspensa até que o Evangelho fosse proclamado. Examinemos então agora se Deus, depois de Cristo ser revelado, cumpriu o que dissera por seu Profeta. Pedro, no capítulo dois de Atos, diz que essa profecia foi consumada quando o Espírito foi enviado.<sup>25</sup> Porém, pode-se objetar que nem todos foram dotados do dom de profecia, mesmo quando

---

<sup>25</sup> Nos dias que correm é imperioso que, num estudo sobre Joel 2.28-29, seja acrescido mais algumas linhas explicativas sobre a relação dessa profecia com Atos 2.16-21, já que ambos os textos são empregados para justificar certa doutrina contemporânea sobre um suposto extraordinário derramamento do Espírito Santo precedendo a Segunda Vinda de Cristo nos “últimos dias” (entendidos como a era iniciada no pseudo-avivamento de Azusa Street em 1906, ou mesmo em 1830, com os irvingitas). Baseados em exegese fraca, os cristãos de tendências carismáticas da atualidade violentam o inequívoco ensino daquela passagem de Atos, que é claro e categórico a respeito do cumprimento cabal da profecia de Joel no dia de Pentecostes.

“Naqueles dias”, começa ele. Quais dias? Não necessariamente os dias da abundância de gêneros em Judá, o que restringiria o evento ao passado, época de Joel. A expressão sempre tem um sentido escatológico nos profetas. O que está em foco é uma época nova, diferente. Ele fala de um tempo em que o Espírito seria de *‘toda a carne’*. Guardemos isto porque a passagem em tela tem sido empregada para justificar o movimento pentecostal, como se Joel estivesse falando de um movimento acontecido a partir do século 20. Hoje, *alguns* alegam ter o batismo no Espírito Santo, não o reconhecendo nos demais crentes de outras igrejas, frias, carnavais e tradicionais. Pensando assim, voltamos à mesma situação dos tempos de Joel: o Espírito era para alguns. Joel fala que será derramado *sobre toda a carne*. É algo geral, para todos, e não restrito, para algumas pessoas. Ele fala da universalização do Espírito Santo. Hoje, restringe-se a ação do Espírito na vida de uma elite, como nos dias do Antigo Testamento. Joel fala do Espírito para *todos*. (...) O Espírito do Senhor era destinado a uma elite, na antiga aliança. Na nova aliança, ele será para todo o povo, para toda a comunidade de fiéis. Joel não fala do mundo, mas é específico: ‘vossos filhos, vossas filhas, vossos anciãos, vossos mancebos, vossos servos, vossas servas’. Não haveria mais distinção de idade, nem de sexo, nem de classe social. (...) Após falar sobre o derramamento do Espírito, prenunciando o tempo do evangelho, Joel fala de sinais cósmicos, nos versículos 30 e 31. Prodígios no céu e na terra, sangue, fogo, colunas de fumaça, o sol convertido em trevas, a lua em sangue. Um quadro fantasmagórico. Que há por trás disso? Literalizar a linguagem poética é sempre problemático. Os profetas eram, costumeiramente, hiperbólicos, ou seja, falavam de maneira figurada e exagerada. Se o sol se tornar em trevas, a vida acaba. Como pode a lua se tornar em sangue? Esta linguagem está presente nos profetas como um adorno literário em suas descrições sobre as grandes intervenções de Deus na história. Servem de realce. (...) A mesma expressão [do v. 32 — ‘todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo’ —] é usada no Novo Testamento para provar que Joel falava do tempo da graça, manifestada na pessoa de Jesus. Paulo a cita em Romanos 10.13... Quando deparamos com estas palavras de Pedro e Paulo logo compreendemos que Joel falou do tempo do evangelho, o tempo

Deus abriu todos os tesouros de sua graça; e Paulo diz que não eram todos eles profetas mesmo quando a Igreja prosperava de um modo especial;<sup>26</sup> e a experiência prova a mesma coisa. Como então Pedro podia falar que isto — que Deus derramaria o seu Espírito sobre toda carne — cumpriu-se? Dar uma resposta a isso não é difícil: apenas lembremos que o Profeta fala comparativamente, como as Escrituras soem fazê-lo. Ele não afirma em termos explícitos que todos seriam participantes desse dom, mas que, comparando com a antiga Igreja, tal dom seria, por assim dizer, comum, e que assim foi é bem conhecido: pois se se comparar a antiga Igreja com aquela afluência com que Deus privilegiou o seu povo depois do advento de Cristo, decerto perceberá ser verdade o que eu digo — que o Espírito de Deus, que foi dado somente a poucos debaixo da lei, foi derramado sobre toda carne. Então é verdadeiro o que o Profeta diz, caso se entenda este contraste — que Deus foi muito mais liberal para com sua nova Igreja do que anteriormente para com os pais: pois os Profetas naquele tempo não eram em grande quantidade, mas foram muitos debaixo do Evangelho.

Devemos também lembrar que o Profeta exalta a graça divina hiperbolicamente, pois é tal a nossa estupidez e letargia que jamais podemos compreender suficientemente a graça de Deus se não for ela apresentada a nós em linguagem hiperbólica; e não há de fato excesso algum na coisa em si mesma, se tivermos uma opinião correta sobre ela: porém, como a custo compreendemos a centésima parte dos dons de Deus quando ele os apresenta diante de nossos olhos, era necessário adicionar uma preconização, calculada para elevar nossos pensamentos. O espírito de Deus é, pois, constrangido a falar hiperbolicamente devido à nossa lentidão, ou antes, desídia. Entretanto, não precisamos temer que nossos pensamentos vão além das palavras, visto que, quando Deus nos quer carregar acima dos céus, dificilmente ascendemos dois ou três pés.

Percebemos agora então o porquê de o Profeta fazer menção de toda carne sem exceção: primeiro, havia mais Profetas, como eu disse, sob o Evangelho do que sob a Lei; sendo assim, a comparação é mui conveniente; segundo, o Profeta não fala aqui do ofício público de ensinar, pois denomina Profetas aqueles que não tinham sido chamados a instruir, mas que estavam dotados de tanta luz de verdade que podiam ser comparados aos Profetas. E, com certeza, o conhecimento que floresceu na Igreja Primitiva era tal que o menor era, em muitos aspectos, igual aos velhos Profetas; pois, tirante o poder de predizer algo vindouro, o que Deus conferiu a esses? Era um dom específico e mui limitado. De resto, tais predições dificilmente merecerem ser comparadas com a sabedoria celestial dada a conhecer no Evangelho. A fé então, depois da vinda de Cristo, se corretamente estimada, segundo o seu valor, sobrepuja de longe o dom de profecia. E assim o Profeta aqui, não sem razão, dignifica com um tão egrégio nome aqueles indivíduos aos quais não foi confiado o mister de ensinar entre o povo, mas que eram somente iluminados; pois a luz deles era muito superior ao dom de profecia em muitos daqueles que viviam sob a lei. Entendemos agora o que o Profeta quer dizer quando faz o Espírito de Deus ser comum, sem distinção, a todos os piedosos, para que possuam o que excede o dom de profecia.

Ora, quanto às duas espécies de dons mencionados aqui, deve ser observado que o Profeta falava de acordo com o que era geralmente conhecido entre o povo: pois como os judeus estavam acostumados a sonhos e visões, o Profeta, portanto, se valeu desses termos; e essa maneira de falar ocorre com freqüência nos Profetas, e deve ser tida em mente por nós. Quando falam do culto de Deus, citam sacrifícios: 'Eles virão e trarão o líbano e ouro; levarão camelos carregados com a riqueza da terra'. Em resumo, nas profecias eles erigem altares e constroem um templo: no entanto, nenhuma coisa tal foi vista

---

em que vivemos desde o dia de Pentecostes". Isaltino Gomes Coelho F.º, em: *Os Profetas Menores (I) – Oséias, Joel, Amós, Obadias e Jonas*. (JUERP, 2004.)

(N. do T.)

<sup>26</sup> 1.ª aos Coríntios 12.29. (N. do T.)

depois que Cristo apareceu: pois os gentios não vieram a Jerusalém oferecer sacrifícios; pelo contrário, logo depois que o templo foi destruído, não houve altar algum entre eles, e todo o culto legal cessou. O que então deve ser entendido por expressões tais como ‘o povo virá de todos os lugares para juntamente sacrificarem’? Exatamente isto: eles apresentam, sob uma forma visível, o culto espiritual de Deus. Assim se dá nessa parte: tal como era a forma usual entre os antigos que Deus se manifestasse aos Profetas por sonhos e visões, também *vossos velhos sonharão sonhos e vossos mancebos verão visões*, diz; contudo, o Profeta, sem dúvida, apresenta sob tal linguajar, aquela luz de conhecimento em que a nova Igreja sobressaiu-se depois que Cristo apareceu. Em realidade, compara a luz da fé com a profecia, como já afirmamos; porém, acomoda sua maneira de falar ou seu elóquio à compreensão do povo dele, pois sabia a quem discursava. Os Profetas todos seguiam a mesma regra: ‘Ali será oferecido um sacrifício’, diz Malaquias, ‘do nascer ao pôr do sol’. Que sacrifício é esse? Os papistas consideram-no como a missa: “Então, debaixo do reino de Cristo tem de existir algum sacrifício; mas agora não oferecemos a Deus cordeiros e bezerros: logo, segue-se que tem de haver o sacrifício de pão e vinho”: e isso é dito como se o Profeta houvesse filosofado dessa forma complicada sobre a palavra sacrifício, embora estivesse ele ensinando um povo rude, consoante o que esse podia suportar. Porém, o que ele queria dizer era que o culto de Deus seria universal, entre todas as nações. A mesma coisa é intentada pelo Profeta quando afirma: *Derramarei meu Espírito sobre toda a carne: vossos idosos sonharão sonhos, e vossos jovens verão visões*. Percebemos agora tudo o que o Profeta quis dizer. Segue-se agora —

## Joel 2.29

29. Até sobre os servos e sobre as criadas, 29. Atque etiam super servos et super ancillas in  
naqueles dias, derramarei meu espírito. diebus illis effundam Spiritum meum.

Como a partícula **וְ** *wegam* em hebraico amplifica, parece singular que o Profeta ora limite a uns poucos um dom comum a todos, pois ele anteriormente dissera: “Sobre toda carne derramarei meu Espírito”; mas, agora, “sobre servos e servas”; e escreve “também”. Se houvesse simplesmente dito: “Sobre servos e criadas derramarei eu o meu Espírito”, não teria havido incoerência, pois teria sido a explicação de sua asserção anterior; pois sabemos que ao que o Profeta diz sobre todos os homens devem ser subentendidas exceções, porquanto muitos que eram incrédulos estavam sem esse dom, mesmo aqueles que antes se distinguiam em alguma espécie de conhecimento divino; sabemos de fato que os judeus estavam cegados, e também sabemos que nem todos dentre o povo ordinário eram partícipes desse dom excelente. Não há dúvida, portanto, de que isso que é dito de “toda carne” deve ser limitado à Igreja. Então, não teria parecido estranho se o Profeta ora dissesse: “Sobre servos e servas”; mas as partículas **וְ** *wegam*, “e também”, criam dificuldade: é um jeito de falar para ampliar o que foi dito, mas aqui não parece aumentar; pois derramar o Espírito sobre todo o povo é mais do que derramar sobre servos e criadas. A solução é dupla: as partículas **וְ** *wegam* são algumas vezes empregadas confirmativamente. ‘Eu o abençoei’, disse Isaí ao seu filho Jacó, ‘e também será ele abençoado’. Assim, podemos deduzir as palavras do Profeta como sendo aqui “sim, certamente”, uma repetição servindo para confirmar o que fora dito. Porém, prefiro outro sentido; pois o Profeta, não tenho dúvidas, tencionava acrescentar aqui algo mais incrível do que ele anteriormente dissera (“sobre servos e servas derramarei meu Espírito”), isto é, até sobre aqueles que antes eram Profetas; pois eles serão enriquecidos com um novo dom, e ganharão conhecimento crescente após a restauração da Igreja, a qual está ora se aproximando. Compreendemos esse como sendo o sentido dado pelo Profeta. Ele prometera a graça do Espírito ao grêmio inteiro dos fiéis, o que transparece, como eu disse, da comparação entre o antigo estado e o nosso: mas agora, após haver falado da multidão ou do povo comum, ele vai aos Profetas, que eram superiores aos outros que antes desempenharam o ofício do ensino, os quais alcançaram status e posição na Igreja; esses também

ganharão acessões, ou seja: “Meu Espírito não somente será conspícuo ao povo ignorante e vulgar, mas também aos próprios Profetas”.

Seguramente, é algo mais notável quando aqueles que antes eram superiores aos outros são ensinados, os quais o Senhor pusera sobre a Igreja, e quando esses se revelam como novos homens, depois de haverem recebido um dom que o Senhor não havia antes conferido a eles. Quando, conseqüentemente, nova luz surge em tais homens, é certamente uma coisa mais incrível do que quando o Espírito é derramado sobre o povo ordinário. Vemos agora, então, o que o Profeta quis dizer quanto aos servos e as criadas.<sup>27</sup>

Ele então repete: *Naqueles dias*, dando a entender que a mudança será tão repentina e inacreditável que os Profetas parecerão ter sido outrora homens incultos; pois uma doutrina muito mais excelente ser-lhes-á dada. Então Deus derramará seu Espírito de tal forma que todas as velhas profecias parecerão obscuras e sem valor comparadas com a grande e extraordinária luz que Cristo, o Sol da Justiça, trará no seu levante. E ele menciona “criadas”, pois havia, sabemos, Profetisas sob a Lei. Continuemos agora —

### Joel 2.30,31

**30.** E exibirei portentos nos céus e na terra: sangue, fogo e colunas de fumo. **30.** Et ponam (statuam) prodigia in coelis et terra, sanguinem et ignem et columnas nubis.

**31.** O sol se tornará em trevas, e a lua em sangue, antes de o grande e terrível dia do SENHOR chegar. **31.** Sol vertetur in tenebras et luna in sanguinem, antequam veniat dies Jehovae magnus et terribilis.

O Profeta parece se contradizer aqui; pois até então havia prometido que Deus trataria amável e generosamente o povo; e tudo o que o primeiro disse tendia a animar os espíritos das pessoas e enchê-las de gozo. Porém, agora aparenta ameaçá-los de novo com a ira divina e infundir medo em homens abatidos, os quais não tinham tido tempo ainda para tomar fôlego (porque, na época em que o Profeta falou, os judeus, sabemos, estavam em grande tristeza.) Qual é, pois, o propósito dele em adicionar uma nova causa de agrura, como se eles não tivessem desgosto e lamentação suficientes? Isso é antes uma admoestação que uma ameaça. O Profeta alerta-os do que se sucederia, para que os fiéis não se promettessem alguma condição feliz neste mundo e uma imunidade a todas as preocupações e problemas; pois conhecemos quão propensos são os homens à auto-indulgência. Quando Deus promete algo, lisonjeiam-se e abrigam vãos pensamentos, como se estivessem além do alcance de malefícios e livres de toda tribulação e mal. Tal indulgência à carne trama para si própria. Em vista disso, o Profeta nos lembra que, embora Deus generosamente alimentaria sua Igreja, supriria seu povo de comida e testificaria, por sinais exteriores, seu amor paternal, e embora também derramaria o Espírito dele (um sinal de longe mais fenomenal), todavia, os fiéis continuariam a ser angustiados com muitas inquietações. Pois Deus não

<sup>27</sup> Não obstante ser em si mesmo verdadeiro o que é aqui proposto, a exposição parece por demais rebuscada, algo que a passagem não exige. A declarada dificuldade desvanece-se quando consideramos que “toda carne” é uma expressão genérica, particularizada e limitada em seguida; “e sobre toda carne”, segundo o que é particularizado subsequente, evidentemente denota todas as condições dos homens, homens de todos os estados e de todas as idades, não a humanidade como um todo. “E também”, no versículo 29, é mui enfático sobre as pessoas a seguir mencionadas serem do grau mais baixo, “servos e criadas”, ou seja, escravos: e tais eram muitos dos primeiros convertidos aos cristianismo. Vide Gálatas 3.28 e Colossenses 3.11. Apesar de a palavra para ‘sevos’ não necessariamente significar aqueles em uma condição servil, todavia, possui esse sentido. O mesmo é verdade quanto à palavra para criadas. Hagar, explicitamente denominada escrava por Paulo, é chamada por este nome, Gênesis 16.1. E considerar as palavras como tendo o significado de escravos tornaria a profecia mais impressionante, como sendo cumprida na primeira promulgação do Evangelho. (N. do E. inglês.)

pretende tratar com excessiva delicadeza a sua Igreja na terra; porém, quando dá sinais de sua bondade, ele, simultaneamente, mistura alguns exercícios para a paciência, a fim de que os fiéis não fiquem auto-indulgentes ou durmam sobre as bênçãos terreas, mas visem sempre a coisas mais altas.

Compreendemos agora, então, o desígnio do Profeta: ele não tenciona ameaçar os fiéis, mas antes os avisar, para que não se enganem com sonhos vazios ou esperem o que nunca acontecerá, isto é, desfrutar um feliz descanso neste mundo. Ademais, o Profeta considera também outra coisa: sabemos de fato que os homens a custo são levados a procurarem a graça de Deus, a não ser quando são, por assim dizer, arrastados à força; portanto, a vida espiritual é negligenciada e tudo o mais que diga respeito ao reino celestial, quando temos todas as espécies de suprimento na terra. O Profeta então elogia aqui a graça espiritual de que fala, por esta razão — que a condição dos homens seria miserável, caso o senhor não alegrasse suas mentes e os refrigerasse com o conforto que já observamos. Por quê? *Haverá prodígios no céu e sobre a terra, o sol tornar-se-á em trevas e a lua em sangue*, e todas as coisas ficarão em desordem e em horríveis trevas. O que, pois, seria dos homens, se Deus não resplandecesse sobre eles através da graça de seu Espírito, para apoiá-los debaixo de uma semelhante confusão no céu e na terra, revelando-se ser o Pai deles?

Vemos então que isso foi adicionado para o mais pleno louvor da graça divina, para que os homens conhecessem que seriam muito mais miseráveis se Deus não os chamasse para si próprio pela luz rutilante de seu Espírito. E que esse era o intuito do Profeta podemos saber do discurso que Cristo fez aos discípulos pouco depois de sua morte. Eles perguntaram quais seriam os sinais de sua vinda, quando os lembrou da destruição do templo (Mateus 24). Julgavam que ele imediatamente efetuariá aquele triunfo de que tinham ouvido, que seriam feitos partícipes daquela eterna beatitude da qual Cristo lhes havia tão amiudadas vezes falado. Cristo, pois, alertou-os para não serem iludidos por uma concepção tão grosseira. Ele falou da destruição de Jerusalém e em seguida declarou que todas essas coisas seriam somente os presságios dos males: “Esses”, diz, “serão apenas os prelúdios; pois tumultos surgirão, guerras acontecerão e todos os lugares ficarão cheios de calamidades; em uma palavra, haverá um imenso montão de males de todos os gêneros”. Assim como Cristo naquele tempo corrigiu o equívoco de que as mentes dos discípulos estavam imbuídas, também o Profeta aqui detém as vãs imaginações, para que os fiéis não pensassem que o reino de Cristo seria mundano, fixando suas mentes no trigo e no vinho, em prazeres e tranquilidade, nas conveniências da vida presente: *Dar-vos-ei, diz, prodígios no céu e na terra, sangue, fogo e nuvens escuras; o sol será tornado em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha isto — o dia de Jeová, grande e terrível*.

Percebemos agora o porquê de o Profeta acrescentar aqui essa triste tabela, e o quão bem essas coisas se harmonizam juntamente — que Deus atestaria seu amor paterno através da manifestação de Cristo, e que exibiria sinais de sua ira, os quais encheriam o mundo todo de apreensão e medo.

O que ele diz do sangue e das trevas é, indubitavelmente, para ser entendido metaforicamente como um estado de coisas desordenado; pois sabemos que as calamidades são amiúde comparadas a obscuridade e trevas. É o mesmo que se ele dissesse: “Tão grande será a sucessão de males que a ordem inteira da natureza dará a impressão de estar subvertida, os próprios elementos revestir-se-ão de uma nova forma; o sol, que ilumina a Terra, tornar-se-á escuridão, a lua, sangue; as calamidades que virão removerão toda marca da benevolência de Deus. Nada então restará senão que os homens submerjam, no modo de dizer, no mais profundo abismo de todos os males, os quais homens buscarão alguma fagulha de graça de Deus e nunca a acharão; pois o céu ficará escuro, a terra será coberta de espessas trevas”. Percebemos então que o Profeta não expressa o que seria, palavra por palavra, nem é para se supor que fale, como dizem, literalmente, porém, utiliza ele um modo figurativo de falar, pelo qual apresenta um

estado de coisas tão medonho que os próprios elementos revestir-se-iam de uma nova aparência; pois o sol não mais desempenharia sua função, e a lua negaria sua luz à terra. Como Deus então retiraria todos os sinais de sua mercê, assim o Profeta, com sangue, trevas e nuvens escuras, expõe metaforicamente aquelas aflições das quais as mentes dos homens necessariamente ficariam possuídas.<sup>28</sup>

Ora, caso alguém pergunte por que pela vinda de Cristo a cólera de Deus ficou mais excitada contra os homens (pois essa pode parecer desarrazoada), a isso eu respondo que ela foi, por assim dizer, accidental: pois se Cristo tivesse sido recebido como devia ter sido, se todos o aceitassem com a devida reverência, ele decerto teria sido o dador, não apenas da graça espiritual, mas também da alegria terrena. A felicidade de todos, então, teria ficado mais completa em todos os aspectos pela vinda de Cristo, não tivesse a impiedade e ingratidão deles acendido outra vez a ira de Deus; e vemos que torrente de males irrompeu logo após a pregação do Evangelho. Ora, quando refletimos sobre quão severamente Deus afligiu seu povo anteriormente, não podemos senão dizer que muito mais pesadas têm sido as calamidades infligidas ao mundo desde a manifestação de Cristo — e por que isso? Precisamente porque a ingratidão do mundo havia atingido o seu ponto mais alto, como deveras o é no presente: pois a luz do Evangelho brilhou de novo, e Deus revelou-se ao mundo como Pai, mas vemos quão grandes são a maldade e a perversidade dos homens em rejeitar os dons de Deus; vemos alguns desdenhosamente rejeitando o Evangelho, e outros, impelidos por fúria satânica, resistindo à doutrina de Cristo; vemo-los jactando-se de suas blasfêmias, vemo-los abrasados com raiva cruel e respirando mortandades contra os filhos de Deus; vemos o mundo cheio de ímpios e desprezadores de Deus; vemos um terrível desdém pela graça divina prevalecendo em todos os lugares; vemos uma licenciosidade desenfreada tal na malícia que faz com que nos envergonhemos de nós próprios e fiquemos enfatiados de nossa vida. Visto, pois, que o mundo é tão ingrato por um semelhante favor, é de se espantar que Deus exhiba os mais pavorosos sinais de sua vingança? Pois certamente, nos dias que correm, quando examinamos cuidadosamente a condição do mundo, descobrimos que todos são miseráveis, até aqueles que aplaudem a si mesmos, a quem o mundo admira como semideuses. Como pode ser diferente? O povo ordinário, sem dúvida, geme debaixo de seus infortúnios, e isso porque Deus pune, dessa maneira, o desprezo pela sua graça, a qual ele novamente nos ofereceu, a qual é tão indignamente recusada. Então, visto como uma tão vil ingratidão da parte dos homens provoca a ira de Deus, não é de se maravilhar que o som de seus azorragues seja ouvido em todas as partes: pois o servo que sabe a vontade de seu senhor e não a cumpre, é digno de mais pesadas chicotadas (Lucas 12.47), segundo declara Cristo. E o que acontece pelo mundo inteiro é que, depois de Deus haver refulgido por seu Evangelho, depois de Cristo haver por todos os lugares proclamado a reconciliação, agora apostatam abertamente, demonstrando preferirem Deus irado a propício para com eles: pois quando o Evangelho é repudiado, o que mais é isso senão declarar guerra contra ele, escarnecendo e não recebendo a reconciliação que Deus está pronto para dar, da qual ele, por iniciativa própria, dispõe aos homens?

Não admira, pois, que o Profeta diga aqui que o mundo ficaria cheio de trevas depois da aparição de Cristo, o qual é o Sol da Justiça, o qual resplandeceu sobre nós com sua salvação: contudo, era, por assim dizer, accidental que Deus se exibisse com tanta severidade ao mundo quando ainda era o tempo aceitável, quando era o dia da salvação e da boa vontade; pois o mundo não se permitiu ser cheio do que Deus nos prometera pelo Profeta Joel, tampouco recebeu o Espírito de adoção quando podia ter com segurança fugido para Deus; ou melhor, quando Deus estava preparado para nutri-los em seu regaço.

<sup>28</sup> “Não convém fazer questão das imagens usadas pelos profetas; o sentido principal é que deve ser mantido. Porque, na veemência dos seus afetos, os profetas soem empregar também figuras veementes e um tanto ousadas que nem sempre devem ser entendidas literalmente”. V. Zapletal em: *Hermeneutica Bíblica*, 1908, pg. 100. Citado em nota a At 2.19 no *Novo Testamento — Os Santos Evangelhos e os Actos dos Apostolos*, editado por Damião Klein (Ordem dos Franciscanos da Bahia, 1929.) (N. do T.)

Porém, dado que eram pertinazes e indóceis, Deus precisava visitar tal perversidade de uma forma inusitada. Não é de se admirar então que o Profeta diga que *naqueles dias haverá prodígios no céu e na terra, pois o sol virará trevas etc. antes que venha isto: o dia de Jeová, grande e terrível*.

Pode-se perguntar a qual dia o Profeta se refere: pois até aqui ele falou da primeira vinda de Cristo; e parece haver alguma incoerência neste ponto. Respondo que o Profeta inclui todo o reino de Cristo, do começo ao fim; e isto está bem entendido, e noutras partes afirmamos que os Profetas em geral falam dessa maneira: pois quando o discurso é concernente ao reino de Cristo, eles algumas vezes aludem somente ao seu princípio, e algumas vezes falam de seu término; porém, muitas vezes assinalam, através de uma projeção, todo o curso do reino de Cristo, de seu início até o seu fim; e tal é o caso aqui. O Profeta, ao dizer: ‘Depois daqueles dias eu derramarei meu Espírito’, indubitavelmente queria dizer que isto, como explicamos, seria realizado quando Cristo principiasse o reino dele, tornando-o conhecido mediante o ensino do Evangelho: Cristo, pois, derramou seu Espírito. Todavia, como o reino de Cristo não é de poucos dias, ou de período curto, mas continua seu curso até o fim do mundo, o Profeta volta sua atenção àquele dia ou àquela época, e diz: “Haverá, no entretempo, as maiores calamidades: e todo aquele que não se refugiar na graça de Deus será mui desditoso; jamais encontrará repouso ou conforto, nem a luz da vida, pois o mundo ficará mergulhado em trevas; e Deus tirará do sol, da lua, dos elementos e de todos os outros apoios as provas de seu favor; e revelar-se-á em todos os lugares irado e ofendido com os homens”. Mais adiante o Profeta mostra que tais males dos quais fala não seriam por poucos dias ou anos, mas perpétuos; ‘Antes’, diz, ‘o dia de Jeová, grande e terrível, virá’. Em suma, quer dizer que todos os flagelos de Deus que ele mencionou até agora seriam, por assim dizer, preparativos para subjugar os corações dos homens, para que com reverência e submissão recebessem a Cristo. Como, portanto, os homens por natureza carregam um espírito altivo, não conseguindo dobrar seus pescoços e desistindo do jugo de Cristo, o Profeta, por isso, diz aqui que eles tinham de ser submetidos a severos açoites quando Deus removesse todas as evidências de seu amor e enchesse céu e terra de terror. Desse modo, então, ele, de certa maneira, transformaria a dureza e contumácia que é inata aos homens para que conhecessem que tinham de se avir com Deus. E, ao mesmo tempo, o Profeta os lembra de que, caso não fossem corrigidos por essas chicotadas, algo mais horroroso restava a eles: o Juiz, finalmente, desceria do céu, não somente para vestir de trevas o sol e a lua, mas para tornar a vida em morte. Realmente, seria muitíssimo melhor aos réprobos morrer cem vezes a viver sempre e, assim, manter a morte eterna na vida mesma.

O Profeta então quer dizer que os homens, persistindo em sua obstinação, toparão algo mais grave e ruinoso do que os males desta vida, pois todos, por fim, ficarão diante do tribunal do Juiz celeste: pois o dia de Jeová, grande e terrível, chegará. Ele se refere, nessa frase, aos incrédulos e rebeldes contra Deus; pois, quando Cristo vier, será um Redentor para os piedosos: nenhum dia em toda a vida brilhará sobre eles de maneira tão deleitosa; tão longe está esse dia de lhes trazer terror e medo que esses são convidados, enquanto o esperam, a levantar suas cabeças, o que é um sinal de alegria e júbilo. Porém, como o objetivo do Profeta Joel era humilhar o confiante orgulho carnal, e como se dirigia aos obstinados e insubordinados, não espanta que ponha diante deles o que é assombroso e terrível.

## ORAÇÃO

*Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto estarmos ora rodeados por todos os lados por tantas misérias, e visto ser a nossa condição tal que, entre gemidos e contínuas lamentações, nossa vida dificilmente pode ser sustentada sem o apoio da graça espiritual — Ó, permita que aprendamos a atentar à face de teu Ungido, dele buscando conforto, e conforto tal que não absorva nossas mentes, ou ao menos não nos detenha no mundo, mas alce nossos pensamentos ao céu, e diariamente relate aos nossos corações o testemunho de nossa adoção, e que, conquanto muitos males devamos agüentar neste mundo, todavia, continuemos a seguir nosso curso, bem como pugnar e pelejar com invencível perseverança, até que, havendo finalmente terminado todas as nossas lutas, alcancemos aquele bendito repouso que foi obtido para nós pelo sangue de teu Filho unigênito, nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.*



# QUADRAGÉSIMA-SEXTA DISSERTAÇÃO

## Joel 2.32

32. E sucederá *que* todo aquele que invocar o nome do SENHOR salvar-se-á: pois no monte Sião e em Jerusalém haverá livramento, como o SENHOR falou, e para os sobreviventes que o SENHOR chamar.

32. Et erit, quisquis invocaverit nomen Jehovae liberabitur: quia in monte Sion et in Jerusalem erit evasio, sicuti promisit Jehova, et in residuis quos Jehova vocaverit.

Dissemos ontem que o Profeta anunciou calamidades futuras para que assim estimulasse os homens, angustiados por muitos males, a buscarem a Deus: deveras conhecemos quão morosos somos por natureza, a menos que o Senhor nos incite continuamente. Então, o tema sobre o qual palestramos ontem serviu para mostrar que, como tantas e tão graves desgraças apertariam os judeus, todos que não se refugiassem em Deus seriam miseráveis, e que somente essa consolação restaria a eles em seus males extremos: porém, agora o Profeta adiciona, tempestivamente: *Todo o que invocar o nome do Senhor será salvo*. Havendo então motivado os homens a procurarem Deus, ele ora lhes dá firme garantia de estarem salvos, contanto que em sinceridade e de coração fugissem para Deus.

Essa é de fato uma passagem notável, pois Deus declara que a invocação de seu nome em uma condição desesperadora é porto de segurança certa. O que o Profeta havia dito era decerto horrível — que a ordem toda da natureza ficaria tão alterada que nenhuma centelha de luz apareceria, e que todos os lugares ficariam cheios de trevas. O que ele diz agora, portanto, é o mesmo que se declarasse que, se os homens invocassem o nome de Deus, seria encontrada vida no túmulo. Aqueles que parecem mesmo estar em desespero, e de quem Deus parece haver retirado toda esperança de graça, se invocarem o nome de Deus, serão salvos, como o Profeta declara, ainda que estejam em um tão grande desespero e em um tão profundo abismo. Tal circunstância deve ser cuidadosamente observada; pois se alguém tomar essa frase do Profeta por si mesma, ainda que não seja frígida, todavia, ela não ficará tão impressionante; mas, quando essas duas coisas são juntamente ligadas — que Deus será o juiz do mundo, o qual juiz não poupará a maldade dos homens, porém, executará terrível vingança; e que também será dada salvação a todos que invocarem o nome do Senhor —, percebemos quão eficaz é a promessa, pois Deus oferece-nos vida na morte, e luz no mais escuro jazigo.

Há, portanto, grande importância na expressão **וְהָיָה** *wehayah*, ‘então será’; pois a copulativa deve ser reputada como advérbio de tempo: ‘Então, seja quem for que invocar o nome do Senhor’ etc. E ele usa a palavra “livrar”, pois era preciso demonstrar que o salvo em nada diferia do perdido. Houvesse o Profeta utilizado a palavra “preservar”, teria falado menos claramente; mas agora, quando promete libertação, manda-nos erguer esse escudo contra as tribulações, até as mais pesadas. Pois Deus possui poder grande o suficiente para nos salvar, contanto que apenas o invoquemos.

Entendemos agora então o que o Profeta tinha em vista: ele revela que Deus nos levaria a recorrer a esse não apenas na prosperidade, mas igualmente no estado extremo de desespero. É a mesma coisa que se Deus chamasse para si os mortos e declarasse que estava em seu poder restaurar-lhes a vida e trazê-los para fora do túmulo. Visto, pois, que Deus convida aqui os perdidos e os mortos, não há por que mesmo as mais pesadas aflições interditem-nos um acesso pelas orações, já que devemos transpor todos esses obstáculos. Então, quanto mais graves forem nossos problemas, mais confiança devemos sentir, uma vez que Deus oferece sua graça não só aos miseráveis, mas também àqueles em total desesperança. O Profeta não ameaçou aos judeus um mal ordinário, contudo, declarou que, na vinda de Cristo, todas as

coisas estariam cheias de terror: após esse anúncio ele ora acrescenta este comentário: *Todo aquele que invocar o nome do Senhor será livrado.*

Porém, visto como Paulo cita este ponto em Romanos 10 e estende-os aos gentios, devemos pesquisar em qual sentido ele adota o testemunho do Profeta. Aquele tencionava provar que a adoção era em comum com os gentios, que lhes era legítimo refugiarem-se Deus e, de maneira familiar, invocá-lo como Pai. ‘Quem quer que chamar o nome do Senhor será salvo’, diz. Desse modo, ele prova que o Evangelho deveria ser pregado até aos gentios, visto que a invocação advém da fé: pois, se Deus não resplandecer sobre nós por sua palavra, não conseguimos vir a ele; a fé, então, é sempre a mãe da oração. Paulo parece por ênfase na partícula universal “todo aquele que”; como se dissesse que Joel não falava somente dos judeus, mas também dos gentios, que esse testificava que Deus indiscriminadamente, e sem exceção, recebe todos os que o buscarem. Contudo, Paulo parece empregar de maneira errada as palavras; pois Joel, sem dúvida, discursa aqui ao povo, a quem fora nomeado como mestre e profeta. O que ele então aplica de forma genérica a toda humanidade dá a impressão de não ter sido intentado pelo Profeta. Mas a isso há uma fácil resposta: porque os Profetas, depois de haverem falado do reino de Cristo, sem dúvida tinham esta verdade em vista, que a bênção na semente de Abraão fora prometida a todas as nações; e, quando ele em seguida descreveu o estado miserável no qual o mundo inteiro ficaria, com certeza pretendia concitar precisamente os gentios, que eram alheios à Igreja, a procurarem a Deus em comum com seu povo eleito. A promessa que imediatamente se segue, então, é também dirigida aos gentios; de outro modo, não haveria coerência alguma no discurso do Profeta. Em consequência, vemos que Paulo acomoda de forma a mais adequada este ponto ao seu assunto: pois a coisa principal a ser retida é esta, que a bênção em Cristo foi prometida não apenas aos filhos de Abraão, mas igualmente a todos os gentios. Quando, portanto, o Profeta descreve o reino de Cristo, não é de se admirar que discursasse aos judeus e gentios em comum: então, o que ele disse sobre o estado do mundo, que estaria cheio de trevas horríveis, indubitavelmente se refere não somente aos judeus, mas também os gentios. Por que isso foi feito, senão para mostrar que nada mais resta a eles senão escaparem para Deus? Vemos, pois, que um acesso está aqui aberto aos gentios para que, com um só consenso, invoquem a Deus em conjunto com os judeus.

Se há salvação e livramento prometidos a todos os que invocarem o nome do Senhor, segue-se daí o raciocínio de Paulo de que a doutrina do Evangelho diz respeito aos gentios também; pois suas bocas deviam de outra forma estar fechadas, sim, e as bocas de nós todos: não tivesse Deus se nos antecipado por sua palavra e nos exortado a orar, deveríamos ter ficado mudos. Teria sido uma grande presunção de nossa parte apresentarmos-nos diante de Deus caso ele não tivesse nos dado confiança e prometido nos ouvir. Se então a liberdade de orar é comum a todos, segue-se que a doutrina da salvação é comum a todos. Devemos agora adicionar também que, como o livramento é prometido a todos que invocarem o nome de Deus, o poder desses é obtido de Deus quando a salvação é procurada em ninguém mais que não nele só: e sabemos que essa é uma oferta que ele reclama exclusivamente para si. Se, pois, desejarmos ser salvos, a única solução é invocar o nome de Jeová.

Ele posteriormente acrescenta: *Pois no monte Sião e em Jerusalém existirá libertação, como Jeová prometeu.* O Profeta aqui declara que, ainda que o povo aparentasse ter sido destruído, todavia, Deus seria cioso de sua aliança a fim de congregar o remanescente. Verdadeiramente, a matança do povo foi tal que esperança alguma que fosse, segundo a carne, restou, pois foram espalhados por várias partes do mundo: não havia nenhum corpo social, nenhuma nação distinguível, nenhum governo civil, nenhum culto de Deus. Quem, pois, podia ter pensado que a Igreja de Deus sobreviveria? Pelo contrário, a probabilidade era de que, após trinta ou cinquenta anos, o nome de Abraão e de sua semente tivesse se tornado totalmente extinto, visto que haviam se juntado em um só corpo com os caldeus e assírios. Essa

dispersão então era, por assim dizer, a morte da nação inteira. Mas Deus, através de Joel, declara aqui que haveria ainda *libertação no monte Sião e em Jerusalém*; isto é: “Embora eu por um tempo extermine esse povo, a ponto de a terra ficar desolada, ainda haverá uma restauração, e novamente reunirei um corpo definido, uma Igreja, no monte Sião e em Jerusalém”. Eis a essência.

Descobrimos aqui que, por mais que Deus aflija a Igreja dele, todavia, ela será perpetuada no mundo; pois não pode ser mais destruída do que a própria verdade divina, a qual é eterna e imutável. Deus realmente promete não apenas que o estado da Igreja será perpétuo, mas que haverá, enquanto o sol e a lua brilharem no céu, algumas pessoas na terra para invocarem seu nome. Já que é assim, segue-se que a Igreja não pode ser completamente subvertida ou perecer de todo, por mais severa e pesadamente que o Senhor a castigue. Então, por maior que seja a dispersão dela, o Senhor, todavia, reunirá os membros para que haja um povo na terra para patentear que aquele que está no céu é verdadeiro e fiel às suas promessas. E essa verdade merece cuidadosa atenção; pois quando vemos a Igreja espalhada, instantaneamente esta dúvida entra furtivamente em nossas mentes: “Deus pretende destruir totalmente o povo dele? Ele tenciona exterminar toda a semente dos fiéis?” Então, que esta passagem seja lembrada: *No monte Sião haverá livramento*, depois que o Senhor tiver punido os profanos desprezadores de seu nome, os quais falsamente o professavam, abusando de sua paciência.

Mas ele adiciona: *Segundo Jeová prometeu*, o que serve para confirmação, visto que o Profeta nos convida aqui a considerar Deus em vez de nosso próprio estado. Quando de fato acreditamos em nossos olhos, não podemos senão às vezes pensar que tudo está acabado com a Igreja; pois quando Deus inflige pesada punição sobre seus servos, não se nos apresenta remédio; e quando cremos que os males da Igreja são incuráveis, nossos corações imediatamente nos levarão a fraquejar se a promessa divina não vier às nossas mentes. Por isso, o Profeta volta os nossos pensamentos a Deus, como se houvesse dito: “Não julgueis a segurança da Igreja pela vista, mas resistis e confieis na palavra de Deus: ele falou, ele disse que a Igreja será perpétua”. Plantemos nosso pé sobre essa promessa, e jamais duvidemos que o Senhor efetuará o que ele declarou.

Mas isto é acrescentado no fim pelo Profeta como uma espécie de correção: *E no remanescente a quem Jeová chamará*; e era necessário afirmar isso de forma clara, para que os hipócritas, como habitualmente fazem, não abusassem do que fora dito. Aqueles que ocupam altos postos na Igreja e se passam por os filhos de Deus incham-se, sabemos, de grande confiança, atrevidamente brincando com Deus; pois acham que esse está obrigado para com eles, quando fazem exibição, seja de comendas exteriores, seja de profissão, nas quais gloriam-se diante dos homens: julgam tal ostentação suficiente. Podemos deveras coligir de muitas partes das Escrituras que os judeus estavam inflados com esta falsa presunção carnal, o imaginarem que Deus estava obrigado para com eles. Daí o Profeta revelar que não se dirige a todos os judeus indiscriminadamente, pois que muitos deles eram filhos bastardos de Abraão, e haviam se tornado degenerados. Se então sob tal pretexto eles sozinhos quisessem apoderar-se da promessa de salvação, o Profeta mostra que estavam excluídos da Igreja de Deus, porquanto eles não eram filhos legítimos, depois de haverem se apartado da fé e piedade do pai deles Abraão. Ele, por conseguinte, cita *restante*: e por essa palavra ele quer dizer, em resumo, que a multidão inteira não podia ser salva, mas somente um pequeno número.

Logo, quando falamos da salvação da Igreja, não devemos juntar em um pacote todos os que se professam ser os filhos de Deus, pois vemos que dificilmente um em cem adora a Deus em verdade e sem hipocrisia, pois a maior parte abusa do nome divino. Vemos no presente quão desonesta é a jactância dos papistas, porque imaginam que a Igreja de Deus mora entre eles, escarnecendo de nós por sermos poucos. Quando dizemos que a Igreja de Deus tem de ser conhecida pela palavra e pela pura administração dos

sacramentos, dizem: “Deus pode realmente ter abandonado tantas pessoas entre as quais o Evangelho tem sido pregado?” Pensam que, após Cristo ter sido uma vez conhecido, sua graça permanece fixa, e não pode de forma alguma ser removida, seja qual for a impiedade dos homens. Dado então que os papistas tão vergonhosamente reclamam a posse do nome de Igreja, por serem muitos em número, não é de se maravilhar que o Profeta, que tinha a mesma disputa com os judeus e israelitas, haja mencionado aqui expressamente um *remanescente*; como se dissesse: “Em vão os ímpios se gabam do nome de Deus, uma vez que ele não os reputa como povo seu”. A mesma verdade observamos nos Salmos 15 e 24, onde os cidadãos da Igreja são descritos: esses não são os que se orgulham de símbolos exteriores, mas os que cultuam a Deus com um coração sincero e procedem honestamente com seus próximos; os tais habitam no monte de Deus. Não é coisa difícil para os hipócritas se introduzirem no santuário e lá apresentarem seus sacrifícios a Deus; porém, o Profeta revela que ninguém é reconhecido por Deus que não aqueles que têm coração sincero e mãos puras. Assim também Joel diz nesse ponto que tal Igreja de fato seria salva, mas não a vasta multidão — quem, pois? Só o remanescente.

Mas a oração que se segue deve ser notada: *A quem Jeová chamar*. Já vimos que a Igreja de Deus amiúde consiste de um número mui pequeno, pois Deus não reputa como seus filhos senão aqueles que se devotam sincera e de coração ao seu serviço, como Paulo diz: ‘Quem quer que seja que invocar o nome de Deus, que se aparte da iniquidade’, e não são encontrados muitos desse tipo no mundo.

Porém, não basta defender que a Igreja de Deus está somente no resto; deve também ser adicionado que o resto permanece na Igreja de Deus por nenhum outro motivo senão por o Senhor os haver chamado. De onde, pois, vem que há uma porção na Igreja que permanecerá a salvo enquanto o mundo inteiro aparenta estar fadado à destruição? Vem do chamado de Deus. E não há dúvida de que o Profeta quer dizer pela palavra, chamar, a eleição gratuita. De fato, diz-se freqüentemente que o Senhor chama os homens quando os convida pela voz de seu Evangelho; mas há o que transcende a isso, um chamado oculto, quando Deus destina para si próprio aqueles que ele intenta salvar. Há, pois, um chamado íntimo, o qual reside no conselho secreto de Deus; e então se segue o chamado pelo qual ele de fato nos torna os partícipes de sua adoção. Ora, o Profeta quer dizer que aqueles que serão o remanescente não se manterão por seu próprio poder, mas porque foram chamados do alto, isto é, eleitos. Mas que a eleição divina não é para ser separada do chamado exterior, eu admito; no entanto, esta ordem deve ser mantida, que Deus, antes de atestar sua eleição aos homens, primeiro os adota para si em seu conselho secreto. O sentido é que o chamado é aqui oposto a todos os méritos, virtude e esforços humanos, como se dissesse: “Os homens não alcançam isto por si próprios — continuarem um resto e ficarem ilesos — quando Deus visita os pecados do mundo; contudo, eles são preservados só por sua graça, pois que são escolhidos”. Paulo também fala do resto em Romanos 11, e sabiamente reflete sobre aquela passagem — ‘eu conservei para mim sete mil’.

É então competência privativa de Deus guardar aqueles que não fracassam: por isso Paulo diz que eles são o remanescente da graça; pois, se a compaixão de Deus fosse retirada, não haveria remanescente entre a raça humana inteira. Todos, sabemos certamente, são dignos de morte, sem distinção alguma: por conseguinte, é a eleição divina somente que estabelece a diferença entre uns e outros. Desse modo, vemos que a bondade gratuita de Deus é exaltada pelo Profeta quando ele diz que um resto será salvo, o qual será chamado pelo Senhor: pois não está no poder dos homens se preservarem se não forem eleitos; e a gratuita benevolência de Deus é a segurança, por assim dizer, da salvação deles. Segue-se agora —

# CAPÍTULO 3

## Joel 3.1-3

- |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>1. Pois eis que naqueles dias e naquele tempo, quando eu fizer retornar os cativos de Judá e Jerusalém,</p> <p>2. Também reunirei todas as nações, e as farei descer ao vale de Jeosafá, e lá pleitearei com elas pelo meu povo e <i>por</i> minha herança Israel, a qual dispersaram entre as nações, e repartiram minha terra.</p> <p>3. E lançaram sortes sobre meu povo; e deram meninos em troca de prostitutas, venderam meninas por vinho, para beberem.</p> | <p>1. Quia ecce, diebus illis et tempore illo, quo convertam captivitatem Jehudah et Jerusalem;</p> <p>2. Et congregabo (tunc congregabo) omnes gentes, et descendere faciam in vallem Jesephat, et disceptabo illic cum ipsis super populo meo et super haereditate mea Israel, quia disperserunt inter gentes et partiti sunt terram meam (addemus et hunc etiam versum.)</p> <p>3. Et super populo meo jecerunt sortem et posuerunt, puerum pro scorto (hoc est, addixerunt pro scorto) et pullam venderunt pro vino ut biberunt.</p> |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

O Profeta confirma nessas palavras o que antes ensinara com respeito à restauração da Igreja; pois era uma coisa difícil de nela se acreditar: quando o corpo do povo estava tão mutilado, quando o nome deles estava obliterado, quando todo o poder estava derribado, quando também o culto de Deus, juntamente com o templo, estava subvertido, quando não havia mais forma alguma de reino ou mesmo de qualquer governo civil, quem podia ter imaginado que Deus tivesse algum interesse por um povo em uma tão deplorável condição? Não é então de se admirar que o Profeta fale tanto da restauração da Igreja; ele age assim para que mais plenamente confirmasse o que de outro modo teria sido inacreditável.

Portanto, ele diz: *Eis, naqueles dias e naquele tempo, nos quais restaurarei o cativo de Judá e Jerusalém, farei com que todos os gentios desçam ao vale de Jeosafá.* E o Profeta diz isso porque os judeus eram no momento odiados por todos os povos, sendo a execração, as escórias do mundo todo. Tal a quantidade de nações debaixo do céu, tal a quantidade dos inimigos dos judeus. Então, um cair em desespero era fácil quando viram o mundo inteiro inflamado contra eles: “Ainda que Deus queira nos remir, todavia, há tantos obstáculos, que necessariamente pereceremos; não somente os assírios estão agastados contra nós, mas notamos ódio até maior em nossos vizinhos”. Na realidade, sabemos que os moabitas, os amonitas, os sírios, os sidônios, os idumeus, os filisteus e, em suma, todos os países em redor eram muito hostis para com os judeus. Considerando então que todo acesso à própria terra estava cerrado aos judeus, era difícil acalantar qualquer esperança de livramento, se bem que Deus os encorajava. Por essa razão o Profeta agora diz que Deus seria o juiz do mundo inteiro, e que estava em seu propósito e poder convocar todos os gentios, como se dissesse: “Que o número e a variedade de inimigos não vos aterrem: conheço que não só os assírios são vossos inimigos, mas também todos os vossos vizinhos; mas, quando me encarregar da defesa de vossa causa, eu sozinho bastarei para vos proteger; e, por mais que os povos todos se oponham, todavia, não prevalecerão. Então crede que eu serei um defensor competente, livrando-vos das mãos das nações todas”. Percebemos agora o desígnio do Profeta quando declara que Deus viria ao *vale de Jeosafá e ali convocaria todas as nações.*

Mas o Profeta diz: *Naqueles dias, e naquele tempo, quando o Senhor restaurar o cativo de Judá e Jerusalém* etc. Os judeus restringem essa época ao retorno deles: julgam, portanto, que, quando a liberdade lhes foi outorgada por Ciro e Dario, o que o Profeta declara aqui foi então cumprido; os

doutores cristãos <sup>29</sup> aplicam essa predição à vinda de Cristo; contudo, ambos interpretam as palavras do Profeta contrariamente ao que o teor da passagem requer. O Profeta, indubitavelmente, fala aqui do livramento que acabamos de mencionar, e simultaneamente inclui o reino de Cristo; e isto, como vimos noutras partes, é mui comumente feito. Então, enquanto os profetas testificam que Deus será o redentor de seu povo, prometendo libertação do exílio babilônio, conduzem os fiéis, por assim dizer, ao reino de Cristo por um encadeamento ou curso contínuo de idéias. Pois o que mais foi a restauração judaica senão um prelúdio daquela autêntica e real redenção efetuada em seguida por Cristo? O Profeta não fala, pois, apenas da vinda de Cristo, ou do regresso dos judeus, mas inclui a totalidade da redenção, a qual somente foi iniciada quando o Senhor restaurou seu povo do exílio babilônico; ela então continuará da primeira vinda de Cristo até o último dia; como se dissesse: “Quando Deus redimir seu povo, isso não será um benefício curto ou momentâneo, porém, continuará seu favor até visitar com castigo todos os inimigos da Igreja dele”. Em uma palavra, o Profeta revela aqui que Deus não será Redentor pela metade, mas continuará a trabalhar até completar tudo o que for necessário para o feliz estado de sua Igreja, tornando-a perfeita em todos os aspectos. Eis a significação do todo.

Percebemos também que o Profeta Ageu fala da mesma maneira do segundo templo — que a glória deste será maior do que a do primeiro (Ag 2). Entretanto, ele se referia, sem dúvida, à profecia de Ezequiel; e este fala do segundo templo, o qual tinha de ser erigido após o retorno do povo do desterro. Nesse caso, todavia, Ezequiel não confina a quatro ou cinco séculos o que disse sobre o segundo templo: ao invés disso, ele queria dizer que a mercê divina prosseguiria até à vinda de Cristo: Joel também quer dizer isso aqui quando diz: *Quando Deus restaurar o cativo de Judá e Jerusalém, ele então chamará conjuntamente todas as nações*; como se dissesse: “Deus não derramará uma pequena porção da graça, mas será o Redentor por completo do povo; e, embora o mundo inteiro se insurja contra ele, não obstante, prevalecerá; ele responsabilizar-se-á pela causa de sua Igreja, e assegurará a salvação do seu povo. Então, todo aquele que tentar prostrar ou entravar a restauração da Igreja, de maneira alguma terá êxito; pois o Senhor, o defensor do povo dele, julgará todas as nações”.

Vejamos agora o porquê de o Profeta mencionar em especial o *vale de Jeosafá*. Muitos acham que o vale em que se pensa é o que era denominado o Vale de Bênção, onde Jeosafá obteve um sinal e uma memorável vitória, embora não estivesse provido de grandes forças e muitas nações conspirassem contra ele. Conquanto Jeosafá combatesse um exército enorme com pouca gente, ele, todavia, teve um maravilhoso sucesso; e o povo ali se mostrou agradecido a Deus, dando um nome ao local. Destarte, muitos imaginam que esse vale é mencionado para que o Profeta pudesse lembrar os judeus de quão fantasticamente eles foram salvos; pois seus inimigos haviam vindo com o propósito mesmo de destruir o povo de Deus por inteiro, pensando que isso estivesse totalmente no poder deles. A memória então dessa história devia ter animado as mentes dos piedosos com uma boa esperança; pois Deus então se incumbiu da causa de um pequeno número contra uma vasta multidão; sim, contra muitas e poderosas nações. E tal posição parece-me ser a provável. Alguns colocam esse vale de Jeosafá a meio caminho entre o Monte das Oliveiras e a cidade; porém, qual a probabilidade da conjectura deles eu desconheço.

Inquestionavelmente, no tocante a essa passagem, a opinião dos que julgam que há aqui uma lembrança à mente do favor de Deus (o qual pode em todas as eras incentivar o fiel a acalantar a esperança da própria salvação), no meu critério, é a mais correta. Alguns, entretanto, preferem entender a palavra como um apelativo; e sem dúvida יהושפט *yehoshafat* denota o julgamento de Deus; e assim vertem-na “o vale do juízo de Deus”. Se isso for sancionado eu não me oponho. E, indubitavelmente,

<sup>29</sup> Isto é, os trinta e três teólogos agraciados com o título de Doutores da Igreja, os quais influenciaram fortemente o pensamento religioso da Europa no período final da Idade Média. (N. do T.)

ainda que seja um nome próprio, e o Profeta aqui fale daquele santo Rei para estimular os judeus a seguirem o exemplo desse, ele alude, todavia, ao juízo de Deus, ou à disputa de que este se responsabiliza por causa do povo: pois logo se segue וְנִשְׁפַּטְתִּי עִמָּם שָׁם *wenishpatti 'amim sham*, “e contenderei com elas ali”: e esse verbo é derivado de שָׁפַט *shafat*. Sendo assim, se for o nome próprio de um lugar, e tirado daquele do Rei, o Profeta aqui também queria dizer que sua etimologia devia ser levada em conta; como se dissesse: “Deus chamará todas as nações ao julgamento, e para este fim, para residir no meio de seu povo, e realmente certificar e aprovar isso”.

Alguns aplicam essa passagem ao juízo final, mas de uma maneira forçada demais. Daí também surgiu a fábula de que o mundo inteiro será congregado no vale de Jeosafá: porém, o mundo, sabemos, ficou infectado com tais coisas delirantes quando a luz da sã doutrina foi apagada; e não admira que o mundo esteja fascinado com semelhantes comentários crassos, depois de haver profanado tanto o culto de Deus.<sup>30</sup>

Porém, com respeito à intenção do Profeta, ele, sem dúvida, alude aqui ao vale de Jeosafá para que os judeus nutrissem a esperança de que Deus seria o guardião da segurança deles; pois diz em todo lugar que habitaria entre eles, como também vimos no último capítulo: “e Deus morará no meio de vós”. Assim também, agora ele também quer dizer a mesma coisa: *Eu reunirei todas as nações, e fa-la-eis descer ao vale de Jeosafá*; ou seja, apesar de a terra ficar por um tempo sem cultivo e inaproveitada, não obstante, o Senhor ajuntará seu povo, revelando que é o juiz de todo o mundo. Ele levantará um troféu na terra de Judá, o que será mais nobre do que se o povo houvesse estado sempre fora de perigo e intacto: pois, por mais que todas as nações lutem para destruir o remanescente, como sabemos que elas lutaram, sobrando um pouco, todavia, Deus sentará no vale de Jeosafá, ele terá ali seu tribunal, para guardar seu povo e o defender de todos os agravos. Ao mesmo tempo, o que eu antes observei deve ser tido em mente; pois ele indica aqui o vale de Jeosafá no lugar de Jerusalém, em virtude da memorável libertação que tiveram lá, quando Deus derrotou tantos povos, quando grandes exércitos foram destruídos em um instante, sem a ajuda de homens. Então, porquanto Deus libertou seu povo naquela época de uma maneira especial através de seu incrível poder, não é de se espantar que ele registre aqui o nome do vale de Jeosafá.

*Eu contenderei com eles ali*, diz, *pelo meu povo e por minha herança, Israel*. Por essas palavras o Profeta revela quão preciosa para Deus é a salvação de seu povo eleito; pois não é coisa ordinária para Deus condescender em se encarregar da causa deles, como se ele próprio fosse ofendido e prejudicado; e Deus contende porque quer ter tudo em comum conosco. Vemos agora, pois, o motivo dessa disputa — precisamente porque Deus estima tanto a salvação de seu povo que se considera ultrajado na pessoa deste; como é dito noutro ponto: “Aquele que toca em vós, toca na menina dos meus olhos”. E, para confirmar a sua doutrina ainda mais, o Profeta acrescenta *por minha herança, Israel*. Deus denomina Israel aqui de herança dele para fortalecer as mentes angustiadas e também para consolá-las; pois, se os judeus tivessem apenas fixado suas mentes no próprio estado, não podiam senão se achar indignos de serem estimados por Deus; uma vez que eram considerados abomináveis por todas as nações; e também sabemos que eles foram severamente castigados por haverem se afastado de toda piedade e por terem, no modo de dizer, de todo se desviado de Deus. Dado então que eles eram como um corpo apodrecido, não podiam senão se entristecer na adversidade: contudo, o Profeta aqui vai assisti-los, aduzindo a palavra herança, como se dissesse: “Deus executará julgamento para vós, não que sejais dignos, mas porque ele vos elegeu: pois

<sup>30</sup> “Desta depressão ou vale estreito, em que está o famoso lugar dos judeus para enterro, os rabinos usurparam o nome (o vale de Jeosafá) e sustentam que nele o juízo final do mundo deve ser realizado. Uma fantasia na qual foram seguidos por muitos escritores cristãos e também maometanos”. — Dr. Henderson. (N. do E. inglês.)

nunca olvidou do pacto que celebrou com vosso pai Abraão”. Percebemos então a razão por que ele cita herança: era para que os judeus não se desesperassem por causa dos próprios pecados; e simultaneamente ele, como dantes, preconiza a gratuita misericórdia divina, como se houvesse dito: “O motivo de vossa redenção não é outro senão que Deus separou para si a posteridade de Abraão e a designou para ser seu povo peculiar”. Transferiremos o que resta para amanhã.

## ORAÇÃO

*Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto que tu não somente de contínuo nos convides pela voz de teu Evangelho a te buscar, mas também nos oferece teu Filho como nosso Mediador, mediante quem um acesso a ti está aberto, para que te descubramos um Pai propício — Ó, outorgue que, confiando em teu amável convite, exercitemo-nos, ao longo da vida, na oração: e, visto como tantos males perturbam-nos de todos os lados, e tantas necessidades nos angustiam e oprimem, sejamos levados mais sinceramente a te invocar, e, entrementes, jamais nos enfastiando neste exercício da oração; e que, sendo ouvido por ti ao longo da vida, sejamos por fim reunidos ao teu reino celestial, onde gozaremos aquela salvação que tu a nós prometeste pelo teu Evangelho, sendo para sempre unidos a teu Filho unigênito, de quem somos agora membros; para que sejamos participantes de todas as bênçãos, as quais ele obteve para nós por sua morte. Amém.*



## QUADRAGÉSIMA-SÉTIMA DISSERTAÇÃO

Dissemos em nossa Dissertação de ontem que Deus prova o singular amor que tem pela sua Igreja condescendendo em se incumbir da causa dela, e contende como um homem terreno o faria por sua herança paterna. Ele diz que *sua herança, Israel, havia sido dispersada entre as nações*; como se dissesse que era algo intolerável que os inimigos, tal qual ladrões, dividissem assim a sua herança. Ele primeiro fala do povo, depois da terra; pois Deus, como é bem conhecido, consagrou a terra para si, e não a queria ter ocupada pelas nações profanas. Houve então um duplo sacrilégio: o povo foi levado para terras distantes, e outros foram enviados para habitar e possuir a terra deles, a qual Deus destinara para seus filhos, para seu povo eleito.

Segue-se ali agora outra afronta ainda maior, pois lançam sortes sobre o povo de Deus: *Sobre meu povo eles lançaram sortes, e prostituíram um garoto por uma meretriz, e uma garota venderam por vinho, para beberem*. Por essas palavras o Profeta realça o dano perpetrado para com eles, pois os judeus foram tratados de forma ignominiosa. Alguma medida de humanidade é exibida na maioria das vezes em que os homens são vendidos; porém, o Profeta queixa-se aqui, na pessoa de Deus, que os judeus foram expostos à venda como se fossem as escórias do gênero humano, sem valor algum. Eles lançaram sortes, diz, e isso foi para demonstrar desdém; e o Profeta expressa mais claramente o que quis dizer, falando que um *menino* fora *dado por uma prostituta, e uma menina por vinho*. Alguns consideram que o Profeta está dizendo que meninos foram prostituídos para fins abjetos e escandalosos; contudo, prefiro outro parecer — que os inimigos os venderam por um preço desprezível para saciar a glotonaria ou concupiscência deles; como se o Profeta houvesse dito que os judeus tiveram que suportar um doloroso opróbrio ao serem postos à venda, como dizem, e isso a um preço o mais baixo. Mais adiante, ele acrescenta outro tipo de desprezo: pois todo o valor que os inimigos conseguiram pela venda gastaram-no, ou com meretrizes, ou com festas. Destarte, vemos que uma injustiça dupla é aqui mencionada: os judeus tinham sido tão menoscabados que não foram reputados como homens, e vendidos, não pelos preços aceitos, mas deles se tinham disposto os inimigos com desdém, quase por nada; e a outra ignomínia foi que o valor obtido por eles foi em seguida despendido em glotonaria e prostituição: todavia, esse povo era sagrado para Deus. Ora, tal tratamento insultuoso, diz o Profeta, Deus não toleraria, mas vingaria semelhante mal como se fosse feito a si próprio. Esse é então o sentido.

Mas o motivo que me induz a interpretar desse modo o Profeta é porque ele diz que uma garota foi vendida por vinho, enquanto o garoto, por uma meretriz; e a construção das palavras do Profeta é a mesma. É deveras certo que na última oração o Profeta nada mais quis dizer senão que o valor foi perversamente gasto para propósitos vis e vergonhosos; então, a primeira oração deve ser compreendida da mesma maneira. Prossigamos —

### Joel 3.4-6

4. E também o que vós tendes comigo, ó Tiro e Sidom, e todas as regiões da Filistéia? Quereis me dar um pago? E, se me derdes o pago, veloz e rapidamente retornarei vosso pago sobre a vossa cabeça;

5. Pois que tomastes a minha prata e o meu ouro, e carregaste-los para dentro de vossos templos, minhas belas e desejáveis coisas:

6. Também vendestes os filhos de Judá e os filhos de Jerusalém para os filhos dos gregos, para os remover para longe de seu território.

4. Atque etiam, quid vobis mecum Tyre et Sidon, et cuncti termini Palestinae? An mercedem vobis rependitis mihi? Etsi confertis hoc in me, velox (subito) rependam mercedem vestram in caput vestrum;

5. Quia argentum meum et aurum meum abstulistis, et desiderabilia mea bona transtulistis in templa vestra (alii, palatia.)

6. Et filios Jehudah et filios Jerusalem vendidistis filiis Graecorum, ut elongaretis eos a termino suo (hoc est, procul abduceretis eos a finibus suis.)

Deus protesta aqui contra Tiro, Sidom e outras nações vizinhas, revelando que elas vexaram seu povo sem causa. Houvessem sido provocadas, alguma desculpa podia ter sido dada; contudo, visto que espontaneamente fizeram guerra, o erro ficava dobrado. Isso é o que Deus quer dizer com estas palavras. *O que tendes a tratar comigo, ó Tiro e Sidom?* Ele verdadeiramente continua o assunto outrora explanado: porém, fala do negócio como seu; ele não parece ora se encarregar da proteção de seu povo, mas defende sua própria causa. “O que tendes a ver comigo?”, diz. Deus então se interpõe; como se dissesse que os sírios e sidônios não eram por ele chamados ao juízo somente por terem injustamente feito algo ruim ao povo dele, trazendo muitas tribulações sobre homens que não mereciam coisas semelhantes; mas diz também que ele se levantaria em sua própria defesa. “O que eu tenho convosco, ó sírios e sidônios?”, como dizemos em francês, *Qu'avons-nous a desmeller?* (o que temos para decidir?) Ora, o Profeta tinha isto em vista, que os sírios e sidônios viraram inimigos voluntários dos judeus quando não tinham disputa alguma com esses; e isso, como dissemos, era menos suportável ainda. “Que relação tendes comigo, ó sírios e sidônios? Devo alguma coisa a vós? Estou sob alguma obrigação para convosco? Retribuireis a mim minha recompensa?”, isto é: “Podeis vos jactar de algum motivo ou pretexto justo para fazer guerra contra o meu povo?” Ele então quer dizer que não tinha havido nenhum prejuízo causado aos sírios e sidônios pelo qual pudessem agora retaliar, mas que esses realizaram um ataque por sua própria maldade, impelidos apenas por avareza ou crueldade para assim hostilizarem os miseráveis judeus: “Vós não me pagais na mesma moeda por compensação”, diz; “pois não podeis pretextar que algum dano vos foi feito por mim”.

*Porém, se me retribuídes isso, ele diz, eu rapidamente tornarei a recompensa sobre vossa cabeça.*

**גמל** *gamal* significa não apenas retribuir, como os eruditos hebraicos sempre a vertem, mas também conferir, conceder (*conferre, ut loquuntur Latine*), como foi afirmado noutra parte. ‘O que retribuirei ao Senhor por todas as coisas com que ele me recompensou?’ Essa é a tradução comum; mas é um modo impróprio e incongruente de falar. Davi sem dúvida se refere aos benefícios de Deus; então fica: ‘O que retribuirei por todos os benefícios que o Senhor conferiu a mim?’ Então se diz que aquele que perpetra dano, ou confere o bem, recompensa; e tal é o sentido neste ponto. ‘Se vós’, ele diz, ‘assim procederes comigo, “rapidamente”, **מהרה** *meherah* repentinamente (pois a palavra deve ser entendida como advérbio), tornarei o galardão sobre a vossa cabeça’; isto é: “Vós não ficareis impunes, já que tendes agido tão injustamente para comigo e com meu povo”. Percebemos agora todo o sentido dado pelo Profeta: ele aumenta o crime dos sírios e sidônios, pois que voluntariamente afligiram os judeus e se juntaram aos inimigos estrangeiros com o fito de capturar uma parte do despojo. Como, pois, a vizinhança não abrandou suas mentes, a desumanidade dela ficava mais completamente provada em virtude disso.

Contudo, como eu disse, o Senhor coloca-se aqui entre as duas partes, para declarar que desempenha seu ofício próprio quando cuida da segurança de sua Igreja.

Ele depois revela que essa impiedade não devia ficar sem castigo: *Se procedeis comigo assim, diz, eu rapidamente (subitamente) voltarei o pago sobre vossas cabeças*. Essa passagem contém uma singular consolação, pois Deus declara que sejam quais forem os males que os fiéis aturem pertencem a ele, e também que não permitirá que aqueles debaixo de sua proteção e defesa sejam angustiados com a impunidade, mas rapidamente tornará o prêmio sobre as cabeças daqueles que injustamente lesam a sua herança. Compreendemos agora o intuito do Profeta: ele indubitavelmente pretendia sustentar as mentes dos piedosos com este pensamento: que as aflições deles são objetos do interesse de Deus e que esse em breve será o seu vingador, por mais necessário que seja eles por um período serem tratados violenta e ignominiosamente pelos ímpios.

Prossigamos então: Ele diz que a *prata* e o *ouro* deles foram levados pelos sírios e sidônios. Todos os que eram os vizinhos daquele povo, sem dúvida, auferiram ganho da sua calamidade, como habitualmente é o caso. Ficaram de início com má disposição para com eles; houve em seguida uma nova tentação: eles esbugalharam os olhos diante do butim e demonstraram-se francamente inimigos deles quando viram que havia esperança de lucro. Tal foi o caso dos sírios e sidônios. Não há dúvida de que eles, de forma perseverante, cortejaram o favor dos assírios e ajudaram-nos com provisões e outras coisas para poderem partilhar o saque. Portanto, não era de se admirar que ouro e prata foram tirados por eles, pois o transporte deles [para a Assíria] teria sido tedioso: e, como acabei de sugerir, dá-se costumeiramente de os conquistadores gratificarem aqueles por quem foram assistidos. Muitos estendem essa pilhagem para todas as riquezas em geral do povo; ou seja, que os inimigos pilharam o que havia de ouro e prata na Judéia, e que os sidônios obtiveram uma porção dele para si próprios. Porém, parece que há uma queixa especial: que os vasos sagrados do templo foram levados embora pelos sírios e sidônios; por conseguinte, prefiro verter a palavra como templos em vez de palácios. Dizem alguns: ‘Vós carregastes minha prata e meu ouro para vossos palácios’. Conquanto a palavra seja capaz de dois significados, todavia, o Profeta, não tenho dúvida, refere-se aqui aos templos. Os sírios e os sidônios, então, profanaram a prata e o ouro do templo ao dedicá-los aos seus ídolos; eles adornaram-nos com os despojos tomados do único Deus verdadeiro. Essa era a razão pela qual Deus estava tão sobremaneira desgostoso. Houve realmente uma causa por que esse, como dissemos, contendia pela nação de Israel toda: mas foi um agravo de longe mais odioso saquear o templo e esvaziá-lo de seus ornamentos, adornando depois os ídolos com seus vasos sagrados; pois Deus foi assim tratado com escárnio. E, em desprezo a ele, os sírios e sidônios erigiram, por assim dizer, um troféu de vitória em seus antros, onde realizavam atos sacrílegos ao adorarem deuses fictícios.

*Vós removestes*, ele diz, *meu ouro e prata, e minhas coisas boas desejáveis*. Deus fala aqui segundo a maneira dos homens; pois é certo que mesmo sob a lei ele se mantinha sem necessidade de ouro, prata ou outras coisas preciosas; ele desejava que o templo fosse adornado com vasos e outras mobílias valiosas por causa do povo ignorante (*rudis* — rude); pois os judeus não teriam conseguido ter sido preservados no culto puro e reto não houvesse Deus assistido sua fé fraca com tais adjutórios (*adminiculis* — suportes, apoios). No entanto, como a obediência lhe é aceitável, ele diz que todos os ornamentos que existiam no templo eram coisas desejáveis a ele; embora, ao mesmo tempo, ao falar desse jeito, adote, como eu disse, papel que não lhe é próprio, visto como não carece de semelhantes coisas, nem se deleita com elas. Não devemos, de fato, imaginar Deus como sendo uma criança que se deleita com ouro, prata e quejandos; contudo, o que é dito aqui foi intentado para o benefício do povo, para que esse soubesse que Deus aprovava esse culto, pois estava de acordo com o seu mandamento. Por esse

motivo, chama tudo que estava no templo de coisa desejável: *Vós carregastes, diz, para dentro de vossos templos minhas coisas boas desejáveis.*

Segue-se: *E os filhos de Judá e os filhos de Jerusalém, vendestes vós para os filhos dos gregos.*<sup>31 32</sup> Há aqui outra reclamação acrescida no final — que os sírios e sidônios foram sacrílegos para com Deus, que eles trataram cruelmente o afligido povo de Deus. No último versículo, Deus invectivou contra os sírios e sidônios por haverem prostituído aos seus ídolos ouro e prata furtados dele; ele agora retorna para os judeus mesmos, os quais, diz ele, foram vendidos aos filhos dos gregos, isto é, para o povo d'além mar: pois, como Javã transferiu-se para a Europa, ele inclui sob este nome as nações ultramarinas. E diz que eles venderam os judeus aos gregos para que *os conduzissem para longe de suas fronteiras*, para que não houvesse nenhuma esperança de regresso. Aqui a crueldade dos sírios e sidônios se torna mais patente, visto que cuidaram de levar aqueles homens desgraçados para bem longe, para que nenhum retorno ao próprio país estivesse aberto a eles, mas ficassem totalmente expatriados.

Percebemos agora o que o Profeta colimava: ele pretendia que os fiéis, conquanto pisados debaixo dos pés das nações, mitigassem sua tristeza com alguma consolação e soubessem que não foram negligenciados por Deus; que, mesmo que ele tolerasse seus males por um tempo, não obstante, seria o defensor deles, e por eles combateria como por sua própria herança, pois que haviam sido tão injustamente tratados. Em seguida, acrescenta —

### Joel 3.7

|                                                                                                       |                                                                                                         |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 7. Eis que os arranco do lugar para onde os vendestes, e retribuirei vosso pago sobre a vossa cabeça: | 7. Ecce ego excitabo eos e loco in quem vendidistis eos, et rependam mercedem vestram in caput vestrum. |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|

O Profeta declara aqui mais ampla e explicitamente que Deus não havia abandonado os judeus dessa forma, mas que tencionava, no curso do tempo, estender novamente a mão para eles. Era na realidade um abandono temporário: porém, convinha aos fiéis, no entretanto, confiar nesta garantia — que Deus intentava outra vez restaurar seu povo. E disso o Profeta ora fala: *Eis, diz, eu os levantarei do lugar para o qual vós os vendestes*; como se dissesse: “Nem a distância do local, nem o mar interveniente, impedirão a mim de reintegrar meu povo”. Como, pois, os sírios e sidônios julgavam que aos judeus estava impossibilitada uma volta ao país, porque foram arrebatados para partes distantes do mundo, Deus diz que isso não constituiria obstáculo em seu caminho para juntar de novo a sua Igreja.

Contudo, pode ser perguntado: Quando esse vaticínio se cumpriu? Já que sabemos que os judeus nunca retornaram ao país deles: pois, logo após seu regresso do exílio, foram de várias maneiras diminuídos; e, finalmente, as mais dolorosas calamidades se seguiram, as quais consumiram a maior parte do povo. Dado que essa foi então a condição daquela nação, devemos inquirir se Cristo reuniu os judeus,

<sup>31</sup> לבני היונים, aos filhos dos ivanitas, ou javanitas. (N. do E. inglês.)

<sup>32</sup> “(...) os críticos [não-conservadores] colocam Joel depois do exílio, por causa de ter prenunciado o cativo na Babilônia (2:32 — 3:1), mas, mais especialmente, por causa de mencionar os gregos (**Yāvānim**) em 3:6. Supõem que os gregos não poderiam ter sido mencionados até depois da época das conquistas de Alexandre em 330 a.C. Deve ser notado, porém, que neste contexto os gregos são mencionados como sendo um povo muito distante, e a enormidade da culpa dos vendedores fenícios de escravos é ressaltada pelo fato de que não tinham escrúpulos em vender prisioneiros israelitas para regiões tão remotas como aquelas onde habitavam os gregos. Não é de se supor que os povos helênicos fossem desconhecidos a Israel no período pré-exílico, sendo que são mencionados em inscrições assírias já no oitavo século a.C. Tal referência não é compatível com uma época na qual os gregos já se tinham tornado dominadores do império persa inteiro, sendo que então já não mais podiam ser considerados povos remotos, que é o que o texto dá a entender”. Gleason L. Archer Jr., em: *Merece Confiança o Antigo Testamento?* (Vida Nova, 1984). (N. do T.)

os quais foram dispersos para longe. Conhecemos de fato que estavam então excepcionalmente espalhados, pois a terra da Judéia jamais deixou de ser atribulada por guerras contínuas, até que Jerusalém foi destruída e o povo quase inteiramente consumido. Visto ter sido assim, então, quando podemos dizer que essa profecia foi cumprida? Muitos explicam as palavras alegoricamente, dizendo que o Profeta fala dos apóstolos e mártires, os quais, através de várias perseguições, foram conduzidos a diferentes partes; porém, esse é um ponto de vista forçado. Não duvido, portanto, que ele aqui se refira a um ajuntamento espiritual: e é certo que Deus, desde o aparecimento de Cristo, ajuntou toda a sua Igreja pelo vínculo da fé; pois não somente aquele povo uniu-se em um só, mas também os gentios, os quais dantes estavam alienados da Igreja e não tinham relacionamento com ela, foram reunidos em um corpo. Em vista disso, percebemos que o que o Profeta diz foi cumprido espiritualmente; precisamente *os filhos de Judá e os de Jerusalém* foram redimidos pelo Senhor e reintegrados, não a pé ou pelo mar. Pois Jerusalém está edificada em todo lugar, como é dito em Zacarias.

*Eu, portanto, os congregarei*, diz; e ele adiciona: *Eu voltarei a recompensa sobre a vossa cabeça*. Ele de novo confirma o que disse antes — que, conquanto os ímpios se exultassem enquanto dominavam sobre os filhos de Deus, a crueldade deles não ficaria impune, porque descobririam que a Igreja nunca é negligenciada por Deus: mesmo que ele a submeta a várias tribulações, exercite a sua paciência e até a castigue, não obstante, será sempre o defensor dela. Segue-se —

### Joel 3.8

|                                                                                                                                              |                                                                                                                                                |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 8. Pois venderei vossos filhos e filhas pelas mãos dos filhos de Judá, e vendê-los-ão aos de Sabá, a um povo longínquo: pois o SENHOR disse. | 8. Et vendam filios vestros et filias vestras in manum filiorum Jehadah, et vendent eos Sabaeis, genti lonquinquae, quia Jehovah loquutus est. |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

O Profeta descreve aqui uma maravilhosa mudança: os sírios e os sidônios venderam sim os judeus; porém, quem é o vendedor agora? Deus mesmo exercerá este mister: *Eu*, ele diz, *venderei vossos filhos*, como se dissesse: “Os judeus vos subjugarão e vos reduzirão à servidão” — pela autoridade de quem? “Será como se eles vos comprassem de minhas mãos”. Ele quer dizer aqui que tal cativo seria legítimo; e assim ele diferencia os judeus dos sírios e sidônios, os quais tinham sido violentos ladrões, injustamente se apoderando do que não era seu: daí ser descrita assim a maneira da venda: “Eu mesmo serei o autor dessa transformação, e a coisa será feita por minha autoridade, como se eu tivesse interposto meu próprio nome”; e os judeus mesmos, diz ele, venderão vossos filhos e vossas filhas aos sabeus, uma nação distante; isto é, o povo do Oriente. Pois o Profeta, não duvido, ao mencionar uma parte pelo todo, pretendia aqui designar as nações orientais, tais como os persas e medos; porém, diz que os tírios e sidônios seriam conduzidos aos mais distantes países, visto que os sabeus estavam a uma grande lonjura do Mar Fenício, e eram conhecidos como estando muito próximos dos indianos.<sup>33</sup>

Porém, pode-se perguntar aqui: Quando Deus executou esse julgamento? Pois os judeus nunca possuíram tal poder a ponto de serem capazes de subjugar as nações vizinhas e vendê-las à vontade a negociantes desconhecidos. Sem dúvida, seria tolo e pueril insistir aqui em um cumprimento literal: ao mesmo tempo, não digo que o Profeta fale alegoricamente, porque tendo a me guardar de alegorias, visto não haver nelas nada de são e sólido. No entanto, devo dizer que há uma linguagem figurada empregada

<sup>33</sup> “Tal profecia foi cumprida antes e durante o governo dos macabeus, quando os negócios judaicos encontrava-se em um tão próspero estado e os poderes fenícios e filisteus estavam reduzidos pelas armas persas debaixo de Artaxerxes Mnemon, Dario Ochus e particularmente Alexandre e seus sucessores. Na captura de Tiro pelo monarca grego, 13 mil habitantes foram vendidos para a escravidão. Quando também tomou Gaza, mandou matar 10 mil cidadãos e vendeu o restante, junto com as mulheres e as crianças, como escravos”. — *Dr. Henderson*. (N. do E. inglês.)

aqui quando é dito que os sírios e sidônios serão vendidos e levados para países longínquos daqui e de acolá, e que isso será feito por causa do povo eleito de Deus e da Igreja dele, como se os judeus fossem os vendedores. Quando Deus diz “eu venderei”, não se quer dizer que ele tenha de descer do céu com o fito de vender, mas que executará juízo sobre eles; depois, a segunda oração — que eles serão vendidos pelos judeus — deriva seu sentido da primeira; e este não pode ter um objetivo comum, como se os judeus tivessem de receber um preço e fazer deles uma mercadoria. Porém, Deus declara que os judeus seriam os vendedores, porque desse jeito ele mostra sua desforra pelo prejuízo feito a eles; isto é, ao vendê-los *aos sabeus, uma nação distante*. Outrossim, sabemos que as mudanças que então se seguiram foram tais que Deus virou quase o mundo todo de cabeça para baixo, pois levou os sírios e os sidônios aos mais remotos países. Ninguém podia ter imaginado que isso foi feito por causa dos judeus, os quais eram odiados e abominados por todos. Não obstante, Deus declara que ele faria isto — exatamente vender os sírios e os sidônios — por estima à sua Igreja, apesar de estar geralmente desconhecido aos homens, na medida em que era o julgamento oculto de Deus. Contudo, os fiéis que já tinham sido ensinados que Deus faria isso foram, pelo evento, lembrados de quão preciosa é para Deus a sua herança, porquanto ele vinga tais agravos, a memória dos quais tinha sido de há muito enterrada. Esse então é o significado do todo. O Profeta ora acrescenta esta observação no fim —

### Joel 3.9-11

9. Proclamai isto entre as gentes: Preparai a guerra, despertai os valentes, que todos os guerreiros se aproximem e subam:

10. Forjai das lâminas de vossos arados espadas, e de vossas podadeiras, lanças: que o fraco diga: Eu *sou* forte.

11. Congregai-vos e vinde, todos vós, pagãos, e reuni-vos em derredor: faze teus poderosos descenderem ali, ó SENHOR.

9. Publicate hoc in Gentibus, sanctificate proelium, excitate robustos, venient, ascendent omnes viri bellatores.

10. Concidite vomeres vestros in gladios et falces vestras in lanceas; debilis dicat, Ego sum robustus.

11. Congregamini et venite omnes gentes, congregamini in circuitu (hoc est, undique congregamini;) illic prosteruet Jehova fortes tuos.

Alguns pensam que essas palavras foram anunciadas para que o povo, estando aterrorizado por seus males, não ficasse totalmente deprimido; e deduzem este sentido — que Deus pôs esse pavoroso espetáculo de males diante de seus olhos para que os judeus preparassem-se e se revigorassem para suportá-las; que, embora as nações se levantassem por todos os lugares, todavia, eles podiam viver firmes na esperança de que Deus seria o defensor de sua Igreja. Porém, o Profeta, não duvido, continua com o mesmo discurso, anunciando guerra sobre as nações pagãs, as quais haviam molestado a Igreja com tantos problemas: *Publicai isso entre as nações*, diz, *proclamai guerra, acordai os fortes; que eles venham, que eles subam*: e sabemos quão necessário era por tais meios confirmar o que ele anteriormente dissera: pois os ímpios não são movidos por nenhuma ameaça, ao contrário, riem com escárnio de todos os juízos divinos; ao passo que os fiéis, rendendo-se aos seus males, com dificuldade conseguem elevar suas mentes, ainda que Deus prometa ser-lhes um ajudador. Então, a menos que a matéria tivesse sido apresentada como desenhada aos seus olhos, eles não teriam experimentado o poder da consolação. Sendo assim, a vívida representação que vemos aqui foi planejada para este fim — para que o povo, sendo levado a contemplar o acontecimento todo, nutrisse esperança de sua futura salvação, enquanto via agora Deus reunindo seu exército e juntando suas forças para punir os inimigos da Igreja. Os fiéis, pois, não somente ouvindo por meras palavras que tal se daria, mas também vendo, por assim dizer, com os próprios olhos o que o Senhor expunha por figura e vívida representação, ficaram mais eficazmente impressionados e sentiram-se mais assegurados de que Deus tornar-se-ia finalmente o libertador deles.

Vemos agora então o porquê de o Profeta aqui ordenar que a guerra fosse anunciada e proclamada por todos os lugares, e também a razão pela qual manda aos valentes que se congreguem e todos os homens guerreiros ascendam; como se dissesse: “O Senhor não vos decepcionará com palavras ocas, mas virá provido de um exército para vos salvar. Quando ouvirdes, então, que ele será o autor de vossa salvação, pensai também que todas as nações estão em seu poder, e que o mundo inteiro pode em um momento ser concitado por sua vara, de modo que todas as suas forças podem se ajuntar de todas as regiões e todo o poder do mundo encontrar-se em obediência a ele. Saibai, pois, que, estando provido com suas forças, ele não vem a vós indefeso, nem vos alimenta com meras palavras, como costumam agir os que não tem auxílio algum para dar senão apenas palavras: isso não é o que Deus faz, pois ele pode mesmo hoje executar o que ele anunciou; porém, adia para o tempo sazonado. Entrementes, dai a ele a sua honra, e conhecei que não faltam os recursos para vos proteger, se desejardes; contudo, ele quis que vós por um tempo estivesseis sujeitos à cruz e às tribulações para que ele por fim vingasse os crimes feitos a vós”.

Pode-se ora perguntar quais são as nações que o Profeta quis dizer, uma vez que ele anteriormente dissera que Deus visitaria todas as nações com castigo, ao passo que não havia naquele tempo nenhuma nação no mundo amigável para com os judeus. Mas não há nada incoerente nisto, pois Deus fez com que todos os inimigos da Igreja atacassem-se um ao outro de todos os lados, destruindo-se com carnificinas mútuas. Desse modo, quando ele intentou retaliar os tírios e sidônios, excitou os persas e medos; e quando se propôs punir os persas e medos, chamou os gregos à Ásia; e ele outrora havia abatido os assírios. Assim ele armava todas as nações, mas cada uma por sua vez; e uma após a outra sofreram a punição que mereceram. E, dessa maneira, a expressão do Profeta não deve ser entendida em um sentido restrito demais, como se o Senhor simultaneamente reunisse um exército do mundo inteiro para punir os inimigos de sua Igreja; mas que ele incita o mundo todo, de forma que uns sofram castigo de outros; no entanto, inimigo nenhum da Igreja permanece impune. Percebemos agora os objetivos do Profeta em dizer: *Publicai isto entre as nações*; ou seja, Deus produzirá horríveis tumultos por todo o mundo, e o fará por amor à Igreja dele: pois, embora exponha seu povo a muitas misérias, todavia, fará com que o remanescente, como outrora vimos, seja salvo.

Ele posteriormente adiciona: *Forjai vossas relhas em espadas*. Quando Isaías e Miquéias profetizaram a respeito do reino de Cristo, disseram: ‘Forjai vossas espadas em podadeiras, e vossas lanças em arados’ (Is 2, Mq 4.) Tal frase é ora invertida por Joel. As palavras de Isaías e Miquéias foram figurativamente tencionadas para revelar que o mundo estaria em paz quando Cristo reconciliasse os homens com Deus e os ensinasse a cultivar a bondade fraternal. Porém, o Profeta diz aqui que haveria turbulentas comoções por todas as partes, de modo que não haveria utilidade para o arado ou para a podadeira; os lavradores cessariam seu trabalho, a terra continuaria assolada; pois tal se dá quando um país inteiro fica exposto à violência; ninguém ousa sair, todos abandonam seus campos e descuidam do cultivo. Daí o Profeta dizer: ‘Tornai vossas relhas em espadas, e vossas podadeiras em lanças’; isto é, o labor no campo cessará, e todos se aplicarão tenazmente à guerra. E *que o fraco diga: Eu sou forte*, pois não haverá então desobrigação da guerra. Antigamente as escusas, sabemos, baseavam-se em idade ou doença quando os soldados eram ajuntados; e se alguém alegasse enfermidade era descartado; mas o Profeta diz que não haverá isenção na ocasião: “Deus”, diz, “não escusará ninguém, ele compelirá a todos que se tornem guerreiros, ele até tirará os enfermos todos de seus leitos; todos serão constrangidos a porem armas”. Portanto, fica evidente quão ardentemente o Senhor ama sua Igreja, já que ele não poupa nações nem povos, não dispensando ninguém da punição; pois todos os que atormentam a Igreja forçosamente receberão a sua recompensa. Visto pois que Deus tão severamente castiga os inimigos da sua Igreja, ele por meio disso dá uma singular comprovação de seu paternal amor para conosco.



Por fim, ele conclui: *Ali Jeová subverterá teus poderosos*. Malgrado o Profeta empregar o singular “de ti”, ele sem dúvida se refere a toda a terra; como se dissesse: “Sejam quais forem os inimigos existentes do meu povo, eu os derrubarei, por mais fortes que sejam”. Percebemos agora que tudo o que o Profeta havia dito até aqui foi para este fim — mostrar que Deus cuida da segurança de sua Igreja, até nas mais pesadas aflições, e que será o vingador das injúrias, após haver por um tempo experimentado a paciência de seu povo e castigado suas faltas, e que haverá uma mudança no estado de coisas, de modo que a condição da Igreja será sempre mais desejável, mesmo debaixo de seus maiores males, do que a daqueles que o Senhor agüenta e tolera e sobre os quais não toma vingança tão rapidamente.

## ORAÇÃO

*Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, como somos assaltados de todos os lados pelos inimigos, e como não somente os ímpios segundo a carne estão inflamados contra nós, mas Satanás igualmente junta suas forças e trama de várias formas para nos arruinar — Ó, permita que, estando providos da coragem que teu Espírito concede, combatamos até o fim sob a tua orientação e nunca fiquemos enfadados sob quaisquer males. E sejamos, ao mesmo tempo, humilhados debaixo de tua potente mão quando te agradares nos afligir e manter todos os nossos problemas para que, com uma mente corajosa, lutemos por aquela vitória que tu prometes a nós e que, havendo completado todas nossas lutas, alcancemos por fim aquele bendito repouso que nos está reservado no céu através de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.*



## QUADRAGÉSIMA-OITAVA DISSERTAÇÃO

### Joel 3.12

**12.** Movam-se as nações, e subam ao vale de Jeosafá: porque lá me sentarei para julgar todas as nações ao redor. **12.** Expergefiant et ascendant gentes ad vallem Josaphat: quia illic sedebo ad judicandum omnes gentes ex circuitu.

O Profeta prossegue com o mesmo assunto — que no fim Deus tornar-se-á vingador das injúrias feitas ao seu povo, quando foi esse injustamente acossado pelos sacrílegos. Certamente sabemos que Deus não socorre de imediato seus servos, mas descansa como se não atentasse para os problemas deles; porém, faz isso para lhes experimentar a paciência; depois, em tempo oportuno, declara que não tinha estado indiferente, mas que observara os males perpetrados a eles, adiando o castigo até que a impiedade de seus inimigos haja sido completada. Desse modo, ele agora diz que Deus finalmente será o defensor de seu povo contra todas as nações de cada região congregadas no vale de Jeosafá. De tal vale já dissemos o bastante. Porém, o principal é que as aflições da Igreja não prosseguirão sem punição; pois Deus, no tempo certo, assentar-se-á em seu tribunal e fará com que todas as nações de cada ponto da terra se reúnam e sejam ali julgadas. Agora se segue —

### Joel 3.13

**13.** Metei a foice, porque já está madura a messe; vinde, descei, porque o lagar está cheio, os tanques dos lagares transbordam, porque é grande a sua maldade. **13.** Mittite falcem, quia maturuit messis: venite, descendite, quia plenum est torcular, refertae sunt cuppae, quia multiplicata est malitia ipsorum.

Visto como Deus atrasa seus juízos quando homens miseráveis gemem sob os próprios fardos, o Profeta usa uma forma de expressão que apresenta Deus, não como protraindo, mas, ao invés disso, apressando-se ao julgamento, malgrado não ser isso percebido pelas mentes carnaís; pois estas duas coisas bem concordam juntas — Deus aguardando sua oportunidade com respeito aos ímpios e suspendendo o castigo que eles merecem e, no entanto, rapidamente acelerando a destruição deles; pois se diz que ele se demora com respeito aos homens, porque um dia para nós é como cem anos; e diz-se que ele apressa, pois que conhece os pontos exatos do tempo. Assim diz ele neste ponto: *Lançai a foice, pois a colheita amadureceu.* Ele usa palavras metafóricas, mas em seguida expressa sem figuras o que pretende, dizendo que *a impiedade deles se multiplicara.*

Mas há aqui duas metáforas, uma tirada da seara e outra da vindima. O Profeta chama aqueles ceifeiros que foram destinados para executar o juízo divino; pois Deus vale-se, por assim dizer, do trabalho assalariado de homens, empregando as mãos deles aqui e ali como quer. Em seguida, adiciona outra metáfora, tomada da colheita de uvas: *Cheios, diz, estão os lagares, e as tinas transbordam;* e por último expressa o que aquelas denotam — que a impiedade deles se havia multiplicado, isto é, que estava superabundante. Deus disse a Abraão que a perversidade dos cananeus não estava então completada; e longo foi o espaço de tempo que ele mencionou, porque disse que depois de quatrocentos anos ele tomaria vingança sobre os inimigos de seu povo: isso constituiu um período grande; e Abraão podia ter objetado e dito: “Por que Deus ficará inativo por um tão longo tempo?” A resposta era esta: que a impiedade deles não estava ainda completada. Contudo, o Profeta diz aqui que a imoralidade deles se

tinha multiplicado; logo, dá aos servos de Deus a esperança da vingança próxima, como quando a ceifa se aproxima e a vindima está mui perto; pois nessa ocasião todos têm suas mentes reanimadas com júbilo. Tal é o intuito do Profeta: para encorajar os fiéis na esperança e expectativa de livramento próximo, declara que as iniquidades de seus inimigos haviam ora alcançado sua medida plena, de modo que Deus estava agora prestes a executar sua vingança sobre eles. Esse é o sentido do todo. Segue-se —

### Joel 3.14

|                                                                                                                |                                                                                                            |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 14. Multidões, multidões no vale da decisão; pois que o dia do SENHOR <i>está</i> próximo, no vale da decisão. | 14. Populi, populi in vale concisionis (vel, tribulae,) quia propinquus dies Jehovae in valle concisionis. |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

O Profeta confirma a mesma verdade; porém, multiplica as palavras porque a devastação da Igreja podia ter removido toda a esperança dos servos de Deus. Pois quem podia ter dito que a Igreja conseguiria ser restaurada quando estava tão miseravelmente destruída, sim, quase reduzida a nada? Pois o povo estava tão dispersado que o nome de Israel era de nenhum valor. O primeiro havia então cessado de existir, pois havia perdido seu nome: em suma, a constituição da Igreja estava dissolvida, e todos podiam ter dito que o povo estava entregue a mil modos de destruição, dado que todos execravam o nome de Israel. Visto ser assim, seja o que fosse que os Profetas dissessem da restauração do povo decerto podia ter parecido inacreditável. A repetição, pois, não é supérflua quando o Profeta, em várias formas de expressão, certifica e afirma que Deus permaneceria fiel e que, embora Israel perecesse segundo o que os homens podiam ver, todavia, Deus possuía poder suficiente para vivificar o povo quando morto: por isso o Profeta fala enfaticamente: *Nações! Nações!* uma vez que ele assume aqui o papel de um arauto, visto que realmente esse ofício lhe fora confiado, revelando que seus prognósticos não seriam infrutíferos e que não declarava palavras que se desvaneceriam no ar, mas que tudo que declarava em nome de Deus estava cheio de poder e energia. Podia de fato ter parecido ridículo no Profeta intimar todas as nações, já que de sua doutrina se ria com escárnio, até em Jerusalém. Como podia a sua voz penetrar nos limites extremos do mundo e ser ouvida lá? Então, ainda que estivesse oculto o poder dessa predição, não obstante, ele afinal se mostraria, ficando realmente inegável que o Profeta não falava em vão.

Além disso, ele se dirige às nações como se elas pudessem ouvir; porém, levanta assim a sua voz e nobremente triunfa sobre todos os ímpios por amor aos pios, conquanto os ímpios então orgulhosamente dominassem, com grande desdém: “Elas por fim virão”, diz, “diante do tribunal de Deus, apesar de agora calcarem a Igreja debaixo do pé; sim, as nações, as nações”. Ele não menciona agora o vale de Jeosafá, mas do corte. Alguns consideram **חרוץ** *charuts* como um decreto fixado; porém, a palavra significa malho ou instrumento para debulha. Não conhecemos o modo de debulhar usado pelos judeus, mas fica evidente a partir de várias passagens que **חרוץ** *charuts* era um instrumento com o qual estavam acostumados a trilhar;<sup>34</sup> e estou inclinado a adotar esse sentido, já que o Profeta havia primeiro chamado o juízo divino

<sup>34</sup> “As hastes [de trigo, depois de colhidas,] eram reunidas em molhos ou feixes e conduzidas para um terreno, circular e espaçoso, onde eram expostas ao vento e pisadas por bois ou jumentos, sendo, desta maneira, debulhadas as espigas. Estas *eiras* eram lugares estabelecidos, e tomavam o nome dos seus primitivos possuidores. É assim que ouvimos falar da eira de Nachon (ou Chidon) ou da eira de Araunah (2 Sam. 6:6, 24:18). Os bois eram, às vezes, tocados em pares, ou então, soltos sobre o terreno. Um traço interessante da vida dos hebreus antigos era o seu interesse pela sorte dos animais, sendo determinado que não se devia atar a boca do boi que estivesse debulhando o trigo para uso do homem, antes lhe sendo permitido comer alguma parte do grão espalhado (Deut. 25:4).

‘Havia outros meios, além deste processo rudimentar de separar os grãos da espiga. Entre eles estava a vara com que se batiam pequenas porções de grãos (Is. 28:27); mais frequentemente, porém, o meio usado era o *morag*, (também chamado *charûts*) ou trilho, correspondente ao antigo *tribulum* italiano, uma prancha à qual eram adaptadas pedras pontiagudas num dos lados. Este instrumento era arrastado por bois, em cima do trigo (Is. 28:27), podendo o lavrador assentar-se sobre ele para aumentar o peso. Outro processo ou variedade de *trilho* consistia de uma pequena carruagem,

de colheita, comparando-o depois a lagares. Contudo, se a palavra “corte” for mais aprovada, não objeto; ao mesmo tempo, porém, não duvido que o Profeta aluda à debulha, visto como atribui a Deus o próprio ofício de espalhar as nações, as quais pareciam ora haver conspirado para a destruição da Igreja. Se alguém considerá-lo como denotando um decreto fixado, ou um corte, como significa em Isaías, não faço objeção alguma; pois muitos dão essa interpretação. Entretanto, explanei o que eu aprovo mais.

Quanto ao sentido do tópico, não há ambigüidade; o que o Profeta quer dizer é que Deus punirá todos os ímpios, que os abaterá e espalhará a todos, como quando o trigo é debulhado na eira.

Por derradeiro, acrescenta que *estava perto o dia de Jeová no vale do malho*. Ele declara que, mesmo que Deus até aqui tolerasse as maldades deles, não obstante, o dia estava chegando, deveras desconhecido dos homens, e que ele finalmente viria àquele vale, ou seja, que infligiria tal castigo que provaria que era o protetor do povo dele. Desse vale nós já falamos; e, indubitavelmente, ele faz uma referência a isso por toda parte, caso contrário não teria utilizado uma linguagem adequada quando disse *ascendei ao vale*. Mas o que é ascender ao vale? Pois, contrariamente, ele devia ter falado de descer. Porém, ele compara a Judéia com outras partes do mundo; e ela está em uma localização elevada, como é bem conhecido. Então a posição mais elevada da Judéia harmoniza-se bem com a subida de que o Profeta fala. Contudo, ele sempre quer dizer que Deus puniria as nações para que ficasse patente que fazia isso em favor de sua Igreja, como logo veremos mais claramente. Mas ele diz —

### Joel 3.15

15. O sol e a lua escurecerão, e as estrelas retirarão o seu brilho.

15. Sol et luna obscurabuntur (vel, contrahent nigredinem,) et stellae retrahent splendorem suum.

Eu já expliquei esse versículo no capítulo 2: o Profeta, como afirmamos naquela vez, descreve nessas palavras o terrível julgamento de Deus, a fim de sacudir para fora a indiferença dos homens, os quais remissamente ouvem e desprezam toda ameaça, a menos que o Senhor assalte fortemente seus corações. Tais expressões figuradas são, pois, intentadas para despertar os ímpios e fazê-los saber que é coisa séria quando o Senhor proclama seu juízo. Continuemos agora com a passagem —

### Joel 3.16

16. E o SENHOR rugirá de Sião, e de Jerusalém fará ouvir a sua voz; e os céus e a terra tremerão, porém, o SENHOR *será* refúgio para o seu povo, e fortaleza para os filhos de Israel.

16. Et Jehova e Sion rugiet, et e Jerusalem dabit (edat) vocem suam; et contremiscent coeli et terra: et Jehova spes erit populo suo, et fortitudo filiis Israel.

O Profeta explica aqui mais claramente seu intento, ou o fim pelo qual ele até o momento falara do juízo divino. Pois o que ouvimos servia somente para espalhar terror; porém, agora o Profeta revela que seu propósito era consolar os fiéis, dando algum desafoço às dificuldades e tristezas desses. Eis a razão pela qual ele apresenta Deus como bramando de Sião e clamando de Jerusalém. O rugido é atribuído a Deus, visto como este se compara a um leão em outra parte ao se apresentar como o fiel guardião da salvação de seu povo: “Eu serei”, ele diz, “como o leão, que não permite que a presa lhe seja tomada, mas

---

cujas rodas eram providas de lâminas que cortavam o trigo. Daí usarem os profetas a forte metáfora do trilho, para descrever o cruel tratamento de um povo conquistado (Amós 1:3; comp. 2 Reis 13:7).” Owen C. Whitehouse em: *Costumes Orientais: Antiguidades Bíblicas* (União Cultural, 1950). (N. do T.)

ousadamente a defende com toda a ferocidade que possui: assim também agirei, não permitirei que meu povo seja tirado de mim”. Nesse sentido, o Profeta ora diz mesmo que *Deus urrará de Sião*. Deus tinha sido desprezado por um período, já que as nações haviam prevalecido contra seu povo eleito e o pilhado à vontade, sem que Deus então exercesse seu poder. Visto que Deus tinha estado por um tempo parado, o Profeta ora diz que aquele não se ocultará para sempre, mas que se incumbirá da defesa do povo e será como um leão; pois se levantará em tremenda violência contra todos os seus inimigos”.

*E tremerão*, diz ele, *o céu e a terra*. Como quase o mundo inteiro estivesse antagônico ao povo eleito, o Profeta cuidadosamente se detém neste ponto, que nada podia impedir os fiéis de procurarem a redenção a eles prometida: “Ainda que o céu e a terra”, diz, “ergam oposições, Deus, não obstante, prevalecerá por seu maravilhoso poder. *Tremerão*, ele diz, todos os elementos; o que então os homens farão? Conquanto juntem todas as suas forças e tentem todos os meios, podem eles fechar o caminho contra o Senhor para que ele não possa livrar seu povo?” Entendemos agora o desígnio do Profeta ao falar do abalo do céu e da terra.

Por último, acrescenta: *Deus será uma esperança para o povo dele, e força para os filhos de Israel*. Nessa parte ele fornece uma prova competente do que eu declarei — que anuncia extrema vingança sobre as nações por amor à sua Igreja; pois o Senhor por fim terá piedade de seu povo, mesmo que esse dê a impressão de haver perecido antes que ele o socorra. Então, por mais sem esperança que o povo esteja em sua própria avaliação e na dos outros, todavia, Deus novamente elevará a expectativa de todos os piedosos, os quais continuarão a existir, e inspirará neles nova coragem. Ele fala dos filhos de Israel em geral; mas isso diz respeito apenas ao remanescente, do qual o Profeta falara recentemente; pois nem todos que derivavam sua origem dos pais segundo a carne eram verdadeiros israelitas. O Profeta se refere aqui à verdadeira Igreja; em vista disso, Israel devia ser considerado como os genuínos e legítimos filhos de Abraão; como Cristo, na pessoa de Natanael, denomina de autênticos israelitas os que imitavam a fé do pai deles Abraão. Terminarei hoje este Profeta; portanto, não me demorarei muito sobre cada frase. Segue-se agora —

### Joel 3.17

17. E vós sabereis que eu *sou* o SENHOR vosso Deus, que resido em Sião, o meu santo monte; Jerusalém será santa, e estrangeiros nunca mais passarão por ela.

17. Et cognoscetis quod ego sim Jehova Deus vester, habitans iu Sion, monte sanctitatis meae: et erit Jerusalem sanctitas, et alieni non transibunt per eam amplius.

Essa é a confirmação da doutrina precedente: *Vós sabereis*, diz, que eu sou *vosso Deus*. O Profeta sugere que o favor divino havia estado tão escondido durante as aflições do povo que este não podia senão achar que estivesse abandonado por Deus. Sua palavra devia de fato nos bastar nos maiores males; pois, mesmo que Deus nos lance nos mais profundos abismos, quando ele refulgir sobre nós através de sua palavra, deve esta ser uma consolação abundantemente eficaz para sustentar nossas almas. No entanto, se Deus não se manifestar em realidade, ficamos confundidos, perguntando onde está seu poder. Por esse motivo o Profeta agora diz que os fiéis por fim *conhecirão*, isto é, conhecê-lo-ão como Deus deles de maneira real.

Há um conhecimento duplo: o conhecimento de fé, recebido de sua palavra, e o conhecimento da experiência, como dizemos, derivado de efetivo usufruto. Os fiéis sempre reconhecem que a salvação está posta para eles em Deus; porém, algumas vezes cambaleiam e sofrem grandes tormentos em suas mentes, sendo agitados para cá e para acolá. Por mais que ela esteja com eles, não sabem com certeza, mediante efetivo usufruto, que Deus é o Pai deles. O Profeta, portanto, trata agora do real conhecimento quando

diz que eles saberão que têm um Deus — mas como têm de conhecer isso? Por experiência. Ora, essa passagem nos ensina que, apesar de Deus não estender sua mão de maneira visível para nos ajudar, devemos nutrir boa esperança de sua mercê; pois o Profeta falou com este fito — para que os pios, antes do resultado ou do cumprimento da profecia vir, olhassem para Deus e lançassem sobre ele todos os seus cuidados. Então os fiéis, antes de possuírem real conhecimento, sabiam que Deus era o Pai deles e por isso não hesitavam em fugir para ele, ainda que o que o Profeta testificasse não estivesse ainda visivelmente cumprido.

*Morando em Sião, a montanha da minha santidade:* Isso foi propositalmente acrescentado para que os fiéis soubessem que Deus não celebrou debalde um concerto com Abraão, que o monte Sião não havia sido elegido em vão, para que pudessem invocar a Deus lá; pois devemos ter nossa atenção despertada pelas promessas, caso contrário, toda doutrina tornar-se-á frígida. Ora, conhecemos que todas as promessas estavam fundadas sobre uma aliança, ou seja, porque Deus tinha adotado o povo e, posteriormente, depositado seu pacto na mão de Davi, designando então o monte Sião como o seu santuário. Visto, pois, que todas as promessas fluem de tal fonte, era forçoso chamar a atenção dos judeus para o concerto: e essa é a razão por que o Profeta agora diz que Deus habita em Sião; pois de outro modo tal doutrina sem dúvida levaria apenas à superstição. Deveras sabemos que esse não pode ser incluído dentro do âmbito de algum local, muito menos ser confinado aos limites estreitos do templo; porém, mora ele no monte Sião por causa de sua própria lei, pois que fez uma aliança com Abraão e, depois, com Davi.

Segue-se então: *E Jerusalém será santa, e forasteiros não mais passarão através dela.* Ao declarar que Jerusalém será santa, ele simultaneamente a guarda da profanação. Sabemos que é um modo ordinário de falar nas Escrituras, ocorrendo amiudadas vezes, que a herança de Deus é santa e, também, que a profanaram. Sendo assim, quando o povo ficou exposto como presa ao bel-prazer de seus inimigos, a herança de Deus ficou abandonada e contaminada, profanos puseram Jerusalém, por assim dizer, sob seus pés. Mas agora o Profeta põe a cidade santa à parte desse contágio, como se dissesse: “O Senhor não permitirá que seu povo seja miseravelmente atormentado, e demonstrará que essa cidade foi escolhida por ele, e que nela tem sua habitação”. Então, *alienígenas não mais passarão por ela.* Por quê? Porque, primeiramente, é a santa cidade de Deus e, depois, de sua Igreja.

Porém, como essa promessa se estende a todo o reino de Cristo, Deus indubitavelmente faz aqui uma promessa genérica, a de que ele será o protetor de sua Igreja, para que ela não fique sujeita ao querer dos inimigos; não obstante, vemos que freqüentemente acontece de outra forma. Contudo, isto deve ser imputado aos nossos pecados, pois damos brechas. Deus realmente seria um muro e um baluarte para nós, como é dito em outra parte (Isaías 26.1); mas renegamos a Igreja dele por nossos pecados. Destarte, estranhos ocuparão um lugar nela: ainda vemos isso no presente, pois o Anticristo, como fora profetizado, há tempos exerce domínio no santuário de Deus. Já que é assim, devemos prantear ao ver a santa Igreja de Deus profanada. Todavia, saibamos que Deus cuidará de reunir seus eleitos, purificando-os de toda profanação e contaminação. Segue —

### Joel 3.18,19

**18.** E há de ser *que*, naquele dia, os montes gotejarão mosto, e as colinas manarão leite, e todos os ribeiros de Judá estarão cheios de águas; e procederá uma fonte da casa do SENHOR, e irrigará o vale de Sitim.

**19.** O Egito virará uma desolação, e Edom se fará um ermo assolado, devido à violência que fizeram *contra* os filhos de Judá, em cuja terra derramaram sangue inocente.

**18.** Et erit in die illa, stillabunt montes mustum, et colles decurrere facient lac; et omnes rivi Jehudah emittent aquas (hoc est, descendere facient,) et fons e domo Jehovah egredietur et irrigabit vallem Sittim.

**19.** Aegyptus in solitudinem erit, et Edom in desertum solitudinis erit, propter vexationem filiorum Jehudah; quia fuderunt sanguinem innoxium (vel, purum) in terra sua (vel, ipsorum.)

O Profeta declara aqui que Deus será tão pródigo para com seu povo que nenhum bem carecerá a eles, tanto em abundância quanto em variedade. Então, quando Deus restaurar a Igreja dele, ela abundará, diz, de toda sorte de bênção; pois este é o sentido desta linguagem: *Destilarão vinho novo as montanhas, e os outeiros escorrerão leite; e todos os rios igualmente terão copiosas águas, e uma fonte brotará da casa de Judá para irrigar o vale de Sitim*. Percebemos agora a intenção de Joel. Porém, devemos lembrar que, quando os Profetas exaltam tão esplendidamente as bênçãos divinas, não pretendem eles encher as mentes dos piedosos com pensamentos sobre comer e beber; mas os profanos se apoderam de semelhantes passagens como se o Senhor intentasse saciar o apetite deles. Certamente sabemos que os filhos de Deus muito se diferem dos suínos: por isso Deus não enche os fiéis de coisas terrenas, uma vez que tal não seria útil para a salvação destes. Ao mesmo tempo, ele assim divaga sobre as bênçãos divinas para que saibamos que nenhuma felicidade em absoluto nos faltará quando Deus se nos for propício. Dessa maneira, vemos que nosso Profeta fala das bênçãos terrenas de Deus, não para ocupar as mentes dos piedosos com tais coisas, mas deseja voltá-los para o alto, como se dissesse que os israelitas seriam felizes em todos os sentidos após haverem, primeiramente, sido reconciliados com Deus. Pois de onde proveio seus sofrimentos e angústias de toda espécie senão dos pecados deles? Visto, pois, que todas as tribulações e males são sinais da ira e da alienação de Deus, não é de se maravilhar que o Senhor, quando declara que será propício a eles, adicione também as provas de seu amor paternal, como o faz aqui: e sabemos que era necessário para aquele povo rude, enquanto debaixo dos elementos da Lei, ser assim instruído; visto que ainda não podiam comer alimento sólido, dado conhecermos que os anciãos sob a Lei eram como crianças. Contudo, é-nos bastante compreender o propósito do Espírito Santo, a saber, que Deus satisfará seu povo com fartura de todos os bens, tanto quanto lhes seja para proveito. Porquanto Deus agora nos chama diretamente para o céu e eleva nossas mentes à vida espiritual, o que Paulo diz deve ser suficiente — que à piedade é dada a esperança, não somente da vida futura, mas também da presente (1 Tm 4.8); pois Deus abençoar-nos-á na terra, mas isso se dará, como já observamos, em consonância com a medida de nossa fraqueza.

O *Vale de Sitim* ficava perto das divisas com os moabitas, como descobrimos em Números 25.1 e Josué 2.1. Ora, quando o Profeta diz que águas, fluindo das fontes santas, irrigariam o vale de Sitim, é como se dissesse que a bênção divina na Judéia seria tão abundante que se difundiria em toda parte, até aos vales desérticos.

Porém, em seguida ele acrescenta que os egípcios e idumeus seriam estéreis e secos no meio dessa grande fartura de bênçãos, pois eram inimigos professos da Igreja. Daí Deus declarar nesse versículo que eles não serão participantes de sua generosidade; que, embora toda Judéia fosse ser irrigada, embora fosse

sobejar em mel, leite e vinho, todavia, esses permaneceriam estéreis e vazios: *Mizraim*, então, *será uma solidão*, *Edom será um deserto de solidão*. Por quê? *Devido às calamidades*, ele diz, *trazidas sobre os filhos de Judá*. Deus novamente confirma esta verdade — que ele tem um tal interesse por sua Igreja que retaliará as afrontas feitas a ela. Deus, então, nem sempre vem em nosso auxílio quando somos injustamente oprimidos, ainda que nos haja colocado debaixo de sua proteção; mas ele consente que por um período suportemos nossos males; entretanto, no final se revelará que sempre fomos caros a ele e preciosos à sua vista. Desse modo, diz agora que, pelos *tormentos* que os egípcios e idumeus ocasionaram aos filhos de Judá, eles ficarão empobrecidos, não obstante a abundância de bens.

*Por que derramaram*, diz, *sangue inocente em sua (ou, em sua própria) terra*. Se relacionarmos isso ao Egito e à Iduméia, o sentido será que eles não tinham protegido os fugitivos, mas, ao invés disso, cruelmente assassinado a esses, como se houvessem sido inimigos jurados. Muitos durante os tempos de aflição, sabemos, evadiram-se para o Egito e a Iduméia, para buscar refúgio ali. Como pois os egípcios foram tão desumanos para com os aflitos, o Profeta os ameaça com desforra. Porém, prefiro considerar o que é dito como tendo sido realizado na Judéia: *eles então derramaram sangue inocente*, ou seja, na própria Judéia. Como Deus consagrara essa terra para si, maculá-la com morticínios injustos foi um crime mui atroz. Tendo em vista então como os egípcios e idumeus trataram os judeus e os mataram no próprio país destes de uma maneira vil, malgrado estivessem habitando sossegadamente em seu lugar, não é de se admirar que Deus declare que seria o vingador dessas ofensas. Segue-se —

### Joel 3.20

**20.** Contudo, Judá será habitada para sempre, e Jerusalém, de geração em geração.

**20.** Et Jehudah in aeternum habitabit (alii passive accipiunt, habitabitur) et Jerusalem erit in generationem et generationem.

Deus aqui atesta que sua redenção não seria por curto tempo, mas que o fruto dela seria por um período longo, sim, perpétuo: pois não seria algo pequeno para a Igreja ser redimida caso ele não a mantivesse intacta debaixo de seu poder. Esta segunda coisa o Profeta ora adiciona: que *Judá permanecerá para sempre* a salvo, e que *Jerusalém ficará* por uma sucessão contínua de séculos. Os ímpios, sabemos, algumas vezes prosperam por um tempo, embora diante de Deus já estejam fadados à destruição. Porém, o Profeta declara aqui que o fruto da redenção que ele promete será eterno: pois Deus não é levado a libertar sua Igreja só por um momento, mas ele a acompanhará com perpétua mercê; logo, é o protetor eterno e fiel de seu povo. Segue-se o último versículo —

### Joel 3.21

**21.** E purificarei o sangue dos *que* eu não tinha purificado; pois que o SENHOR morará em Sião.

**21.** Et mundabo sanguinem corum, non mundavi: et Jehova habitans in Sion.

O início do versículo é interpretado de várias maneiras. Alguns fazem uma pausa depois de *purificarei*, deste jeito: “Eu purificarei, todavia, o sangue deles eu não purificarei”; como se Deus tivesse dito que perdoaria às nações pagãs todos os ultrajes delas, porém, não a crueldade que praticaram contra os eleitos dele. Dessa forma, o sentido seria: “A avareza pode ser aturada, eu posso passar por esbulho; mas, visto que elas mataram o meu povo, nesse caso, sou totalmente implacável”. Portanto, conforme esse ponto de vista, Deus evidencia quão preciosa para ele é a vida de seus santos, considerando que ele diz que não será aplacado para com aqueles homens ímpios que derramaram sangue inocente. Contudo, tal aceção dá antes a impressão de ser por demais forçada. Outros assim vertem: “O sangue deles eu



limparei, e não limparei”, isto é, “eu não depurarei os judeus de suas contaminações, porém, não empregarei severidade extrema”; segundo ele diz também em Isaías 48: ‘Eu não refinarei a ti como ouro ou prata, pois tu tornar-te-ias de todo em escória’. Sendo assim, julgam que Deus promete aqui uma purificação tal da Igreja que não usaria rigor extremo, contudo, moderaria sua apuração, visto como é necessário no que diz respeito às nossas degradações, das quais estamos tão repletos.

Porém, este sentido me parece ser mais simples — que Deus purificaria o sangue que ele não havia purificado; como se dissesse: “Até aqui tenho limpado as profanações de meu povo; esse então se tornou, por assim dizer, pútrido em seus pecados; mas agora começarei a purificar toda a maldade dele, para que brilhe puro diante de mim”. Há um relativo subentendido, como amiúde se dá em hebraico. Porém, נקה *nakah* é considerado em outra acepção em Jeremias 30.1: que Deus exterminará sua Igreja; mas não podemos inferir aqui nenhum outro significado senão que Deus depurará a Igreja dele das profanações; pois o Profeta, indubitavelmente, quer dizer as contaminações das quais o povo estava cheio. Este então não estava apto a gozar a mercê divina enquanto jazesse em sua imundície. Agora Deus, ao prometer ser um Redentor, vai à própria fonte e à coisa primeira — que ele lavará a imundícia deles; pois como Deus podia ser o Redentor do povo a não ser que apagasse os pecados desse? Pois uma vez que ele nos imputa pecado, inevitavelmente estará irado conosco, inevitavelmente estaremos de todo alienados dele e privados de sua bênção. Não é debalde então que diga que será um purificador; visto que, quando se limpam as corrupções, segue-se também outra coisa, a qual vimos há pouco: a futura redenção.

Por derradeiro, ele conclui: *E Jeová habitará em Sião*. O Profeta de novo chama a atenção do povo para a aliança; como se dissesse: “Deus voluntária e prodigamente prometeu tudo que mencionou, não porque o povo merecesse isso, mas porque Deus há muito tempo atrás se dignou a adotar os filhos de Abraão e elegeu o monte Sião como sua habitação”. Ele então revela que essa é a razão por que Deus estava agora inclinado à misericórdia, e queria salvar um povo, que se tinha destruído cem vezes por seus pecados.

## ORAÇÃO

*Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto termos neste mundo que pelejar de contínuo, não só com inimigos de um tipo, mas com incontáveis deles, e não apenas com a carne e o sangue, mas também com o diabo, o príncipe das trevas — Ó, permita que, estando armados com teu poder, perseveremos nessa luta; e quando tu nos afligires por causa de nossos pecados, aprendamos a nos humilhar e assim nos submetemos à tua autoridade, para que esperemos pela redenção a nós prometida; e, ainda que sinais de teu descontentamento muitas vezes surjam a nós, todavia, sempre ergamos nossas mentes ao céu pela esperança e então procuremos teu Filho unigênito, até que, vindo como o Juiz do mundo, reúna-nos e nos traga à fruição daquela vida bendita e eterna que ele obteve para nós por seu sangue. Amém.*

## FIM DOS COMENTÁRIOS SOBRE JOEL.



## APÊNDICES A JOEL

**Joel 1.4:** *O resquício das locustas*, etc. “Uma comparação das diferentes passagens nas quais esses nomes ocorrem”, diz o Dr. Henderson, “torna mais do que provável que sejam empregados aqui pelo Profeta, não com qualquer referência às espécies em que as locustas podem ser cientificamente divididas, mas para designar quatro sucessivos enxames, em conformidade com certas qualidades destrutivas, pelas quais, como um gênero de insetos, são distinguidas e, assim, aumentar o terror com que tal descrição foi tencionada para produzir”.

*Mercerius*, conforme citação em Poli Syn., conta-nos que quase todos os teólogos, tanto antigos quanto modernos, entendiam essa narrativa das locustas alegoricamente; e parece que, de acordo com alguns, elas designam as quatro incursões dos caldeus na terra, isto é, por Tiglate-Pileser, Salmanazar, Senaqueribe e Nabucodonosor; ou, segundo Cirilo, por Salmanazar, Nabucodonosor, Antíoco e pelos romanos; ou, conforme Jerônimo, os quatro impérios que sucessivamente dominaram os judeus, a primeira locusta representando dos caldeus; a segunda, os medos e persas; a terceira, os macedônios; e a quarta, os romanos. Porém, isso tudo é alucinação, não exposição. Muito mais apropriada é a opinião declarada e aprovada por *Henderson*: que nesse capítulo Joel descreve uma devastação do país por locustas naturais; e que no segundo ele, em linguagem altamente metafórica, vaticina uma devastação produzida pelos assírios, emprestada em certa medida da cena descrita aqui; e este é exatamente o ponto de vista de *Calvino*.

**Joel 2.12:** *Mas agora mesmo*, etc. Nossa versão [KJV] — “portanto agora também” — não é tão enfática como essa de *Calvino*. O sentido pleno foi percebido por *Newcome*, “ainda agora mesmo”, conquanto omitido por *Henderson*, cuja tradução é: “Portanto agora”, a qual fica aquém de nossa versão comum.

**Joel 2.13:** *Pois ele é propício*, etc. É de grande importância que essa declaração do que Deus é seja corretamente vertida. A versão de *Newcome* é a mesma da nossa tradução corrente. A de *Henderson* difere; e é esta:

*“Porque ele é compassivo e piedoso,  
Longânime e de grande clemência,  
E se arrepende do mal.”*

O primeiro termo, חַנּוּן, não é “compassivo”, mas gracioso, benevolente, propício, imerecidamente amável, favorável para com quem não merece; ele advém de חָן, demonstrar favor ou bondade; e, com a última letra estando duplicada, pode ser traduzido como mui amável, ou mui gracioso. O segundo é רַחוּם, o qual mais adequadamente denota compassivo, mas vertido corretamente, “piedoso”, em vez de “misericordioso”, como em nossa versão. O terceiro, אַרְךָ אַפִּים, é mais bem expressada por “lento para a cólera”, ou para a ira, em vez de por “longânime”. O quarto é רַב־חֶסֶד, muito, ou abundante em bondade: a palavra חֶסֶד é por vezes traduzida como misericórdia, mas não da maneira apropriada; ela quer dizer bondade superabundante, ou benevolência exuberante. *Adam Clarke* dá uma descrição precisa destes termos: “gracioso (bom e benevolente em sua natureza); misericordioso (condoendo-se e perdoando); lento para a ira (não facilmente provocado para punir); de grande ternura (bondade exuberante a todos que voltam para ele)”.

**Joel 2.14:** *quem sabe*, etc. *Henderson* foi muito feliz em sua tradução dessa linha:

*“Quem sabe? Ele pode voltar e se arrepender.”*

É um exemplo do sentido potencial ou subjuntivo do tempo futuro em hebraico, o qual provavelmente se dá com muito mais frequência do que o que geralmente se pensa. Mas não tão feliz é a tradução de חוסה no versículo 17 por “ter pena”. O significado do verbo é, indubitavelmente, poupar, como está traduzido, creio, em uniformidade com a nossa versão [inglesa]. Isso pode ser visto em conexão com dois outros verbos, os quais incluem as idéias de condolência e empatia, em Jeremias 13.14; 21.7.

**Joel 2.20:** *Pois altamente ele se exaltou para obrar seu projeto.* Ambos *Newcome* e *Henderson* seguem usando a versão comum, só que o primeiro interpreta como “mesmo que” em vez de “porque ele fez grandes coisas”. כִּי הַגְדִּיל לַעֲשׂוֹת, “pois ele se tornou grande em (ou, por) realização”, ou: “Tornou-se grande em feito”. É a grandeza do agente que é exposta, em vez das coisas perpetradas. Com muita justiça *Henderson* observa que aquelas palavras “trazem a idéia de agência moral, não podendo ser interpretadas apropriadamente como sendo das locustas”. Exatamente as mesmas palavras são adotadas no próximo versículo em alusão a Deus.

**Joel 2.25:** *Meu grande exército,* etc. *Newcome* diz: “Temos aqui uma chave para a grandiosa e bela descrição que transpassa esses dois capítulos”. Ele pensava que tinha de se compreender por toda parte o Profeta como “profetizando uma praga de locustas”. Porém, isso não pode ser chave para semelhante interpretação, pois o que se diz nesse versículo coaduna muito melhor com a outra opinião. Sobre a suposição de que *houvera* locustas, como relatado no primeiro capítulo, e que o Profeta ameaça ali um juízo mais pesado, o qual somente podia ser impedido pela penitência, à qual ele os exorta, parece-lhe mais ajustado dizer que não apenas “o nortense”, de cuja invasão falara, seria expelido e destruído, mas que também as devastações já produzidas pelas locustas seriam reparadas. Longe está esse versículo, pois, de ser uma chave para a interpretação proposta, que é muito mais adequada ao outro capítulo.

**Joel 2.30:** *E porei prodígios,* etc. *Calvino* estende o âmbito de tais prodígios além do que a maioria dos comentaristas o faz. Aqueles são considerados pela maioria como aqueles prodígios (registrados até pelo historiador Josefo) que precederam a derrocada da cidade e do templo pelos romanos, quando o reino todo, em sentido civil e eclesiástico, foi completamente suprimido. Portanto, *o dia do Senhor*, como mencionado aqui, é reputado como o dia ou época em que aconteceu essa terrível calamidade com os judeus: mas *Calvino* o considera como o dia do juízo final. Sem dúvida, há muita verdade no que ele diz acerca dos prodígios ou juízos pavorosos que sempre acompanham o evangelho, não como efeitos desse, mas como visitas aos incrédulos e à voluntária e maliciosa oposição a ele. Muita coisa existente na história mundial confirma o que ele *Calvino* sugere. A decidida supressão do evangelho por aqueles que tiveram a oportunidade de o conhecer, ou a manifesta depravação do mundo, seja pela influência da infidelidade ou da superstição, amiúde tem sido visitada com juízos medonhos, tais como guerras e turbulências políticas.

# UMA TRADUÇÃO DA

## VERSÃO DE CALVINO DAS

### PROFECIAS DE JOEL

#### CAPÍTULO 1

1. A palavra de Jeová que veio a Joel, o filho de Petuel.
2. Ouvi isto, vós, os velhos; E dai ouvido, todos vós, moradores da terra; É isto nos vossos dias, Ou nos dias de vossos pais?
3. Isto declare a vossos filhos, E vossos filhos aos filhos deles, E os filhos deles à próxima geração,—
4. “O resto da locusta o besouro comeu, “O resquício do besouro a lagarta comeu, “O resquício da lagarta a larva comeu.”
5. Despertai, ébrios, e chorai; Uivai todos vós que bebei vinho pelo vinho novo; Pois cortado está ele de vossa boca.
6. Verdadeiramente uma nação subiu sobre a minha terra, Forte e sem conta: Seus dentes os dentes de um leão, E suas queixadas *aquelas* de um leão novo:
7. Ela expôs minha vinha à desolação, E minha figueira à remoção da casca; Por denudá-la ela a denudou e a jogou fora, Brancos foram tornados seus sarmentos.
8. Lamentai como uma moça, cingida com saco, Pelo marido da juventude dela.
9. Cortada está a oblata e a libação Da casa de Jeová; Lamentam sim os sacerdotes, os ministros de Jeová;
10. Devastado está o campo, chora mesmo a terra; Pois arruinado está o trigo, Secado está o vinho, destruído está o azeite.
11. Ficai envergonhados, vós lavradores, uivai, vós vinhateiros, Por causa do trigo e da cevada; Pois pereceu-se a safra do campo,
12. A vinha está seca, e a figueira está destruída; A romãzeira, bem como a palmeira e a macieira, — Todas as árvores do campo secaram: Verdadeiramente está seca a alegria entre os filhos dos homens!
13. Cingi-vos e lamentai, vós sacerdotes; Uivai, vós ministros do altar; Vinde, passai a noite de saco, Vós ministros de meu Deus; Pois retida da casa de vosso Deus Está a oblata e a libação:
14. Santificai um jejum, convocai uma assembléia, Congregai os anciãos, todos os habitantes da terra, Na casa de Jeová vosso Deus, E clamai a Jeová. —
15. Ai, o dia! Pois perto está o dia de Jeová, E como uma desolação do Todo-poderoso virá.
16. Não está o alimento perante vossos olhos cortado, O gozo e a felicidade da casa de nosso Deus?

17. Estragaram-se os grãos debaixo dos torrões de terra, Desolados estão os granéis, Derruídos foram os celeiros, Pois secou-se o grão.
18. Como as bestas gemem! Confundidas estão as manadas de boi! Pois lhes faltam os pastos; Os rebanhos de ovelhas também estão desolados.
19. A ti Jeová eu clamarei; Pois o fogo consumiu as pastagens do deserto, E a chama queimou todas as árvores do campo:
20. As bestas do campo também clamarão a ti; Pois secas estão as correntes de água, Pois o fogo consumiu as pastagens do deserto.

## CAPÍTULO 2

1. Tocai a trombeta em Sião, E bradai em alta voz sobre o meu santo monte: Que todos os habitantes da terra tremam; Pois chegando está o dia de Jeová, pois perto ele está, —
2. Um dia de trevas e de espessas trevas, Um dia de escuridão e de obscuridade, Semelhante à alvorada que se espalha sobre as montanhas, — Um povo, grande e forte, Ao qual não há semelhante desde o princípio, Nem depois deles haverá por muitas gerações;
3. Diante deles, um fogo devorador, E depois deles, uma labareda queimarão; Como o jardim do Éden a terra antes deles, E depois deles, um deserto de solidão; E, assim, não haverá escape deles:
4. Como a aparência de cavalos, a sua aparência, E como cavaleiros correrão;
5. Como o som de carros nos topos dos montes eles saltarão, Como o som da chama de fogo devorando a resteva, Como um povo forte preparado para a batalha;
6. A sua face o povo temerá, Todas as faces acumularão negrura;
7. Como gigantes correrão para cá e para acolá, Como homens de guerra subirão o muro, E cada um em seus caminhos prosseguirá, E não se deterão em seus caminhos;
8. Ninguém empurrará seu irmão, Cada um marchará em seu caminho; Sobre a espada cairão, e não ficarão feridos;
9. Através da cidade irão, sobre o muro correrão, Para dentro das casas subirão, Pelas janelas eles entrarão como um ladrão:
10. Diante deles tremerá a terra, E em angústia estarão os céus, O sol e a lua escurecer-se-ão, E as estrelas retirarão seu fulgor;
11. E Jeová proferirá sua voz diante de seu exército, Pois mui grande será o arraial dele. Pois forte é o que opera sua palavra; Pois grande será o dia de Jeová, E mui terrível, e quem o suportará?
12. Porém, agora mesmo diz Jeová, Voltai a mim com todo o vosso coração, E com jejum, e pranto, e lamento;
13. E rasgai o vosso coração, e não os vossos vestidos, E tornai a Jeová vosso Deus; Porque ele é propício e misericordioso, Lento para a ira, e abundante em bondade, E arrepender-se-á do mal:
14. Quem sabe ele retornará e arrepender-se-á, Deixando após si uma bênção — Uma oferta e uma libação a Jeová vosso Deus?
15. Fazei soar a trombeta em Sião, Santificai um jejum, proclamai uma reunião,

16. Congregai o povo, santificai a assembléia, ajuntai os idosos, reuni as crianças E aqueles mamando nos peitos; E que o noivo saia de sua alcova, E a noiva de sua câmara;
17. Entre o pórtico e o altar, que os sacerdotes, Os ministros de Jeová, lamentem e digam: “Sê propício, Jeová, ao teu povo, “E não dês tua herança ao vitupério, “Para que as nações dominem sobre esse; “Por que diria entre os povos, ““Onde está o Deus deles?”
18. Então zeloso será Jeová por sua terra, E será propício ao povo dele;
19. E Jeová responderá, e dirá a seu povo: <sup>35</sup> “Eis, eu enviarei a vós trigo, vinho e óleo, “E ficareis contentes com eles; “E não mais vos farei um opróbrio entre as nações;
20. “E o nortista eu removerei para longe de vós, “E leva-lo-ei a um deserto e a uma terra seca, “*Com* a face dele para o mar oriental, “E sua retaguarda para o mar de trás; “E ascenderá seu mal odor, “E subirá sua podridão; “Pois altamente se exaltou para perpetrar *seu propósito*.”
21. Não temas, terra; exulta-te e regozija-te; Pois Jeová grandemente se exaltou para realizar *seu intento*:
22. Não temeis, bestas dos campos; Pois crescerão as pastagens do deserto, Pois a árvore dará seu fruto, A figueira e a videira produzirão sua substância:
23. E vós, filhos de Sião, exultai, E regozijai-vos em Jeová vosso Deus; Pois ele vos dará chuva na medida própria, E fará descer por vós a chuva de aguaceiro, E a chuva no primeiro mês;
24. E cheias de trigo ficarão as eiras, E transbordarão de vinho e azeite os tonéis;
25. E restaurar-vos-ei os anos *Os quais* a locusta comeu, O besouro, e a lagarta, — Meu grande exército que eu mandei a vós:
26. E comendo, vós comereis e vos satisfareis, E louvareis o nome de Jeová vosso Deus, Pois que ele tratou maravilhosamente convosco; E envergonhado para sempre meu povo não ficará.
27. E conhecereis que no meio de Israel eu estou, E que eu, Jeová, sou vosso Deus, e ninguém mais; E envergonhado para sempre meu povo não será.
28. E posteriormente sucederá, Que eu derramarei meu Espírito sobre toda carne, E profetizarão vossos filhos e vossas filhas, E vossos velhos sonharão sonhos, E vossos jovens verão visões;
29. E também sobre os servos e criadas Eu, naqueles dias, derramarei meu espírito:
30. E porei prodígios no céu e na terra, — Sangue, fogo e colunas de vapor;
31. O sol será tornado em trevas, A lua em sangue, Antes que venha isto — o dia de Jeová, grande e terrível:
32. Então acontecerá que todo aquele que invocar O nome de Jeová será salvo; Pois no monte Sião e em Jerusalém Terá livramento, consoante Jeová prometeu, E para o restante que o Senhor chamará.

---

<sup>35</sup> Essa linha está traduzida como na versão de Calvino, e não segundo o seu comentário (v.) (N. do E. inglês.)

## CAPÍTULO 3

1. Pois eis que, naqueles dias, e naquela época, Quando eu restaurar do cativeiro Judá e Jerusalém, Eu reunirei todas as nações, e fa-la-eis descer ao vale de Jeosafá; E lá as combaterei, Por meu povo e por minha herança Israel; Porque elas o espalharam entre as nações,
2. E dividiram minha terra, e sobre meu povo lançaram sortes, E deram um menino por uma meretriz, E venderam uma menina por vinho, para beberem.
3. No entanto, o que tendes comigo, Ó Tiro e Sidom, bem como todos os limites da Palestina? Voltareis a mim o galardão?
4. Ora, se me retribuídes com isto, Rápida e subitamente tornarei Vossa recompensa sobre vossa própria cabeça.
5. Pois que tendes roubado minha prata e meu ouro, E minhas coisas desejáveis removestes para vossos templos,
6. E vendestes os filhos de Judá e os filhos de Jerusalém Aos filhos dos gregos, Para os conduzir para longe das próprias fronteiras;
7. Eis que eu os levantarei do lugar para o qual vós os vendestes, E tornarei vosso pago sobre a vossa cabeça;
8. Pois venderei vossos filhos e vossas filhas aos filhos de Judá, E eles os venderão aos sabeus, uma nação distante; Pois *assim* diz Jeová.
9. Publicai isto entre as nações, Proclamai uma guerra, concitai o forte, Que venham, que subam todos os homens de guerra:
10. Forjai das vossas relhas espadas, E de vossas podadeiras, lanças; Que o fraco diga: “Sou forte”.
11. Congregai e vinde todas vós, nações, Ajuntai todas em redor; Ali Jeová deixará prostrados todos os teus valentes.
12. Despertem as nações, e ascendam ao vale de Jeosafá; Pois lá sentarei eu para julgar todas as nações ao redor.
13. Lançai a foice, pois amadureceu a colheita; Vinde, descei, pois cheio está o lagar, Transbordantes estão os tonéis, Pois a iniquidade deles se multiplicou.
14. Nações! Nações! No vale do malho; Pois perto está o dia de Jeová no vale do malho: O sol e a lua escurecer-se-ão, E as estrelas retirarão seu brilho;
15. E de Sião urrará Jeová, E de Jerusalém proferirá sua voz, E tremerão os céus e a terra;
16. Porém, Jeová será uma esperança para o seu povo, E uma força para os filhos de Israel:
17. Então saberão que eu, Jeová, sou vosso Deus, Habitando em Sião, o monte da minha santidade; E Jerusalém será santa, E forasteiros nunca mais passarão por ela.
18. E sucederá naquele dia, Que destilarão vinho novo as montanhas, E os outeiros farão escorrer leite, E todos os rios de Judá emitirão águas; Uma fonte também sairá da casa de Jeová, E regará o vale de Sitim.
19. O Egito será uma solidão, E Edom será um deserto de solidão, Pelo ultraje feito aos filhos de Judá, Porque derramaram sangue inocente na própria terra desses:

20. Contudo, Judá residirá para sempre em segurança, E Jerusalém existirá de século em século; E purificarei o sangue dos *que* eu não purifiquei, E Jeová *morará* em Sião.

# ÍNDICES

## Índice de Referências Escriturísticas

**Êxodo** 34.6

**Números** 12 25.1

**Josué** 2.1

**Salmos** 15 24 130.4

**Isaías** 2 26.1 48 49.8

**Jeremias** 4.1 5 30.1

**Joel** 1.1-4 1.5 1.6,7 1.8 1.9 1.10 1.11 1.12 1.13-15 1.16,17 1.18 1.19,20 2.1-11 2.12,13 2.14 2.15-17  
2.18,19 2.20 2.21 2.22 2.23 2.24 2.25 2.26 2.27 2.28 2.29 2.30,31 2.32 3.1-3 3.4-6 3.7 3.8 3.9-11  
3.12 3.13 3.14 3.15 3.16 3.17 3.18,19 3.20 3.21

**Miquéias** 4

**Ageu** 2

**Mateus** 6.33 24

**Atos** 2

**Romanos** 10 11

**2 Coríntios** 4.7 5.20

**1 Timóteo** 4.8

**Tiago** 5

## Índice de Comentário da Escritura

**Joel** 1.1 1.2 1.3 1.4 1.5 1.6 1.7 1.8 1.9 1.10 1.11 1.12 1.13 1.14 1.15 1.16 1.17 1.18 1.19 1.20 2.1  
2.2 2.3 2.4 2.5 2.6 2.7 2.8 2.9 2.10 2.11 2.12 2.13 2.14 2.15 2.16 2.17 2.18 2.19 2.20 2.21 2.22 2.23  
2.24 2.25 2.26 2.27 2.28 2.29 2.30 2.31 2.32 3.1 3.2 3.3 3.4 3.5 3.6 3.7 3.8 3.9 3.10 3.11 3.12 3.13  
3.14 3.15 3.16 3.17 3.18 3.19 3.20 3.21



## Índice de Palavras e Locuções Gregas

- αναισθησία
- απο του κοινου
- ὄψιμον
- πρόιμον

## Índice de Palavras e Locuções Hebraicas

- אלהי
- אמל
- אפיקים
- בוש
- בחורים
- בעל
- בעלימ
- גם
- גמל
- גשם
- היה
- המורה
- המורה לצדקה
- וגם
- והיה
- ונשפטתי עמם שם
- חגרו
- חמל

חסיל.

חרוץ.

י.

יבש.

יהושפט.

כי.

כשד משדי יבוא.

לצדקה.

מהרה.

מורה.

מלקוש.

מנחה.

מנחה ונסך ליהוה אלהיכם.

מרכבות.

משפט.

נאות.

נקה.

עדר.

עליה.

עסים.

עסס.

עצרה.

ערג.

•פרדות.

•צדקה.

•קדש.

•רמון.

•שדר.

•שדי.

•שפך.

•שפט.

## Índice de Palavras e Locuções Latinas

- adminiculis
- conferre, ut loquuntur Latine
- depositarii
- rudis

## Índice de Palavras e Locuções Francesas

- Qu'avons-nous a desmeller?

# ANEXO 1

## João Calvino<sup>36</sup>

David Martyn Lloyd-Jones

Nada é mais significativo, quanto à grande mudança que se deu no campo da teologia durante o século passado, do que o lugar agora cedido e a atenção dada ao grande homem de Genebra, que é o assunto desta palestra.<sup>37</sup>

Até há quase vinte anos, dava-se pouca atenção a João Calvino, e quando alguém falava dele era para amontoar insultos sobre ele, com desprezo. Ele era visto como uma pessoa cruel, dominadora e dura. Quanto à sua obra, dizia-se que ele foi o autor do sistema teológico mais opressivo e ferrenho que já se viu. Segundo essa crença, os principais efeitos da obra que ele realizou no campo da religião foram colocar e manter as pessoas num estado de escravidão espiritual e, numa esfera mais ampla, abrir o caminho para o capitalismo. Acreditava-se, pois, que a sua influência foi totalmente nociva e que ele não era de nenhum interesse palpável para o mundo, exceto o fato de ser um espécime, se não um monstro, no museu da teologia e da religião.

Não é essa a situação hoje, porém. De fato, faz-se mais menção dele agora do que em quase um século, e Calvino e o calvinismo são temas de muito argumento e debate nos círculos teológicos. Talvez seja o avivamento teológico ligado ao nome de Karl Barth que explica isto, se a gente vê as coisas externamente. Mas também é preciso explicar Barth e a sua posição. Que foi que o levou de volta a Calvino? A sua própria resposta é que ele não pôde encontrar em nenhum outro lugar uma explicação satisfatória da vida, especialmente dos problemas do século vinte, nem tampouco uma âncora para a sua alma e para a sua fé em meio ao fragor da tormenta. Seja qual for a explicação, o fato é que se formaram sociedades calvinistas neste país, nos Estados Unidos e Canadá, na Austrália, na Nova Zelândia e na África do Sul, à parte das que se formaram noutros países da Europa antes da guerra. De fato, foi realizado um Congresso Calvinista Internacional em Edimburgo em 1938, e duas conferências similares foram levadas a efeito na América durante a guerra. Também são publicados regularmente periódicos para discussão de tópicos e problemas do ponto de vista do ensino de Calvino; e este ano o livro-texto que está sendo usado nas aulas teológicas do New College, Edimburgo, é a *Instituição da Religião Cristã* (as “Institutas”), de João Calvino. Muito me agradaria se eu pudesse acrescentar que houve um movimento similar em Gales.

Portanto, o tempo está maduro para olharmos de relance este homem que influenciou a vida do mundo em tão grande medida.

Que dizer do homem propriamente dito? Ele nasceu em Noyon, na Picardia, em 1509. Sabemos muito pouco do seu pai e da sua mãe, exceto que a sua mãe era famosa por sua vida piedosa. Desde o princípio Calvino mostrou que tinha capacidades mentais fora do comum. Os seus pais eram católicos romanos, e a sua intenção natural era preparar o seu inteligente filho para uma carreira eminente na igreja. Daí, os seus campos de estudo eram filosofia, teologia, direito e literatura. Embora sobressaísse em

<sup>36</sup> Extraído do livro *Discernindo os Tempos*, do dr. David Martyn Lloyd-Jones, Editora PES, p. 42-4.

<sup>37</sup> Palestra radiofônica para a BBC, em Gales, em 25 de junho de 1944.

todas as áreas, a sua esfera favorita era a literatura, e o vemos em Paris, aos vinte e dois anos de idade, como erudito humanista, sendo a sua maior ambição na vida ter renome como escritor. Era um aluno tão extraordinário que muitas vezes fez preleções aos seus colegas de estudos substituindo os seus professores, e quanto ao seu estilo de vida e à sua conduta, ele era conhecido por sua sobriedade. Na verdade, ele dava ênfase à distinção moral com tanta veemência que recebeu o apelido de “O Caso Acusativo”. Mas, como acontecera com Lutero antes dele, e com João Wesley e muitos outros depois, a moralidade não foi suficiente para mitigar sua alma sedenta. Quando estava com vinte e três anos de idade, experimentou a conversão evangélica, e o curso da sua vida se transformou completamente. Tendo enxergado a verdade, e tendo experimentado o poder desta em sua alma, deu as costas à igreja de Roma e se tornou protestante. Não dispomos de tempo para seguir a história da sua vida, porém sabemos que ele passou quase todo o resto da sua vida em Genebra, como ministro do evangelho. Trabalhou ali desde 1536 até a sua morte, em 1564, com exceção do período de 1538 a 1541, quando as autoridades genebrinas o expulsaram, e ele foi para o “exílio”, em Estrasburgo.

Calvino era magro, de estatura mediana, testa larga e olhos penetrantes. Sua saúde foi muito frágil durante a sua vida toda, porque ele sofria de asma. Era extremamente difícil persuadi-lo a comer e a dormir. Apesar de ter um espírito senhoril, o testemunho dos que o conheceram melhor sugere que nunca houve um homem tão humilde e santo como ele. Seu principal objetivo na vida era glorificar a Deus, e ele se dedicou a isso completamente, sem pena do seu corpo nem dos seus recursos. Ele gostava de pensar em si mesmo como escritor cristão e, se tivesse seguido a sua inclinação pessoal, teria limitado a sua obra unicamente a esse campo; entretanto um amigo o ameaçou com o juízo de Deus, se não se compromettesse a pregar, e o resultado foi que, segundo a principal autoridade sobre a sua vida, ele pregou em média todos os dias e, com frequência, duas vezes num dia, em Genebra, durante vinte e cinco anos. Devido à asma, ele falava lentamente, e não se poderia descrevê-lo como orador eloquente. Tampouco se pode pensar nele como um pregador que só apelasse para a mente e para o intelecto. Uma certa ternura piedosa muitas vezes irrompia nas reuniões, subjugando os presentes.

O mundo lembra-se dele, não tanto como pregador, mas como autor de cinquenta e nove obras volumosas. Ele escreveu trinta comentários dos livros da Bíblia, incluindo-se todo o Novo Testamento, menos a Segunda e a Terceira Epístolas de João e o livro de Apocalipse.

Além disso, Calvino era um constante missivista e, das suas cartas, 4000 foram publicadas. Também teve infindáveis oportunidades, numa época amante de polêmicas, de fazer uso da sua incomparável habilidade como polemista. Ninguém se lhe igualava no uso do “florete”, e quando a isso se acrescenta o seu talento especial para a lógica, vemos nele, possivelmente, o maior “polemista” que o mundo já viu.

Quando recordamos que ele estava perpetuamente envolvido em contendas ou em consultas com as autoridades de Genebra, concernentes às condições morais e sociais da cidade, não nos surpreende que tenha morrido com apenas cinquenta e cinco anos de idade. O mistério é como ele conseguiu realizar tanto em tão pouco tempo. Ninguém sabe onde ele foi sepultado, porém a sua maior contribuição para a literatura teológica, a *Instituição da Religião Cristã* (as “Institutas”), sobressai como um memorial para ele. Ele escreveu essa obra quando tinha vinte e cinco anos de idade, e a primeira publicação dela foi na Basileia, em 1536, todavia Calvino continuou trabalhando nela, ampliando-a e reeditando-a durante a sua vida toda.

É sem dúvida a sua obra prima. A verdade é que se pode dizer que nenhum outro livro teve tanta influência sobre o homem e sobre a história da civilização. Não é tampouco exagero dizer que foram as “Institutas” que salvaram a Reforma Protestante, pois elas constituem a *summa theologica* do protestantismo, e a mais clara declaração de fé que a fé evangélica já teve.